

Dernival Venâncio Ramos Júnior
Sariza Oliveira Caetano Venâncio
Maicon Douglas Holanda
(Orgs.)

o Natal no ano da peste

etnografando os
tempos da COVID-19



Como seria o Natal no ano da peste? Essa não foi, *a priori*, a provocação emanada durante uma das aulas virtuais dos professores Dornival Venâncio Ramos Júnior e Sariza Oliveira Caetano Venâncio para os autores e as autoras dos textos que compõem o livro. Foi proposto, poucos dias antes, para que cada estudante fizesse o exercício de observar as festas familiares de 25 de dezembro de 2020. A proposta era que experimentassem, ao menos por um dia, como um etnógrafo faz seu trabalho. Assim, esse livro surge de uma necessidade de arquivar aquele momento, testemunhá-lo – sobretudo, em um contexto em que tudo era filmado. Observar, ouvir, ver e escrever o ritual natalino aparece como uma oportunidade de reflexão dos que ali ainda estão e das possibilidades de comemoração. A escrita, todos sabemos, convoca o social, só se escreve para os outros e, sobretudo nestes textos, pelos outros, para que não sejam esquecidos. Os textos deste livro contam, assim, experiências das festas possíveis em tempos do Covid-19. Relê-los lembra que continuamos lutando para sair de lá, passar o luto e, claro, sarar; só assim poderíamos narrar e dar sentido para as experiências vividas coletivamente. Mas, como toda vivência, só será possível narrar a partir do arquivado. O documento arquivado tem grande poder de evocação, pois traz o seu tempo consigo para o presente da leitura. Esses relatos, portanto, nos fornecem a possibilidade de entrarmos no tempo do arquivo, dar ordem e, sobretudo, transformar aquelas experiências em passado. Parece que demorou, mas o ano da peste começou a entrar para a História.



O NATAL NO ANO DA PESTE

O NATAL NO ANO DA PESTE

ETNOGRAFANDO OS TEMPOS DA COVID-19

Organizadores

Dernival Venâncio Ramos Júnior

Sariza Oliveira Caetano Venâncio

Maicon Douglas Holanda



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Margoni



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

RAMOS JÚNIOR, Dornival Venâncio; VENÂNCIO, Sariza Oliveira Caetano; HOLANDA, Maicon Douglas (Orgs.)

O Natal no ano da peste: etnografando os tempos da COVID-19 [recurso eletrônico] / Dornival Venâncio Ramos Júnior; Sariza Oliveira Caetano Venâncio; Maicon Douglas Holanda (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

205 p.

ISBN: 978-65-5917-649-6

DOI: 10.22350/9786559176496

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. xxx; 2. xxx; 3. xxx; I. Título.

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

A pandemia vai mudar a maneira como lidamos com o nosso corpo.

Nosso corpo se tornou uma ameaça para nós próprios.

*A segunda consequência é a transformação da maneira como
pensamos no futuro, nossa consciência do tempo.*

De repente, não sabemos como será o amanhã.

Achille Mbembe

SUMÁRIO

PREFÁCIO

13

COMO SERIA O NATAL NO ANO DA PESTE?

Dernival Venâncio Ramos Júnior

Sariza Oliveira Caetano Venâncio

Maicon Douglas Holanda

1

15

NOSSO PRIMEIRO NATAL SEM VOCÊ: EM MEMÓRIA À ISABEL RIBEIRO

Alessandra da Conceição Morais

2

21

ENCONTRO NATALINO DA FAMÍLIA DIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA, EM ANANÁS-TO

Cristiane Dias da Silva

3

33

SE ADAPTANDO OU SOBREVIVENDO AO COVID-19: UM NATAL EM FAMÍLIA EM MEIO AO CAOS PANDÊMICO

Dislaine Dias dos Santos

4

41

NATAL COM RESQUÍCIOS DE PANDEMIA

Eldâiny Negreiros da Silva

5

47

NATAL EM FAMÍLIA, COM PROTEÇÃO DIVINA

Francisca Leidiane Privino Gomes dos Santos

6

56

TRADIÇÕES E SIMBOLISMOS DO NASCIMENTO EM TEMPOS DE MORTE

Gilson Gomes Coelho

7

NASCE UMA ESTRELA

Izabel Brito Aguiar dos Santos

64

8

AS PERIPÉCIAS DE UM NATAL EM FAMÍLIA

Josilene Rodrigues Monteiro

68

9

NATAL: DIABETES, PANDEMIA, CARESTIA, POLÍTICA E OUTRAS COISAS

Leomaura Miranda de Andrade Soares

95

10

DO ASFALTO ÀS RIBEIRAS: UM PERCURSO DE NATAL

Lucrécia Borges Barbosa

107

11

"AMANHÃ HÁ DE SER OUTRO DIA": (IN)CERTEZAS E (DES)ESPERANÇAS EM TEMPOS DE PANDEMIA E BOLSONARISMO

Maicon Douglas Holanda

120

12

REUNIÃO EM FAMÍLIA NO NATAL

Maria da Cruz de Oliveira Baía Nunes

131

13

A FESTA NATALINA DA FAMÍLIA QUILOMBOLA BARROS EM GOIÂNIA

Maria de Fátima Batista Barros

136

14

ESPERANÇA EM TEMPOS DIFÍCEIS

Renata Aguiar de Vasconcelos

150

15

O ENCANTO DA CEIA DE NATAL: LEMBRANÇAS E VIVÊNCIAS

Rodrigo Reis Figueira

155

16

NATAL DE 2020: TRADIÇÃO E ATIPICIDADE DA PANDEMIA DIVIDEM ESPAÇO

Rômulo Castro Silva

160

17

UM CHESTER PARA O NATAL

Thais de Maria Cunha Sousa

175

18

VIVÊNCIAS NATALINAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Veríssima Dilma Nunes Clímaco

182

19

NATAL SEM AGLOMERAÇÃO, MAS TODOS JUNTOS

Victória Feitosa Sampaio

195

SOBRE OS AUTORES/AS

200

SOBRE OS ORGANIZADORES

205

PREFÁCIO

COMO SERIA O NATAL NO ANO DA PESTE?

Dernival Venâncio Ramos Júnior

Sariza Oliveira Caetano Venâncio

Maicon Douglas Holanda

Como seria o Natal no ano da peste? Essa não foi, *a priori*, a provocação emanada durante uma das aulas virtuais dos professores Dernival Venâncio Ramos Júnior e Sariza Oliveira Caetano Venâncio para os autores e as autoras dos textos que compõem o livro. Foi proposto, poucos dias antes, para que cada estudante fizesse o exercício de observar as festas familiares de 25 de dezembro de 2020. A proposta era que experimentassem, ao menos por um dia, como um etnógrafo faz seu trabalho.

Não é preciso dizer que naquele ano o mundo parara e que passamos meses encerrados em casa nos perdendo, dia após dia, da realidade que conhecíamos. O tempo coletivo do mundo parara em março, e nove meses depois, não sabíamos se ele voltaria a se mover. Ou, se se movesse, quais rumos tomaria.

Se o vírus nos impunha uma vida individual, não social e isolada, nós resistíamos, teimávamos com a morte e com a letargia. Fizemos *um upload da vida coletiva*, e nas redes digitais, performávamos aulas, rodas de conversas e, também, festas.

Mas todos sabiam que no Natal seria mais difícil viver as festas no simulacro da tela. Era inevitável que um ou outro transgredisse o isolamento social em prol do encontro familiar, independentemente de haver um intruso: o medo. O medo de perder entes queridos e, também,

o medo de perecer. Por isso, os textos oscilam entre a comemoração e a despedida.

Assim, esse livro surge de uma necessidade de arquivar aquele momento, testemunhá-lo – sobretudo, em um contexto em que tudo era filmado. Observar, ouvir, ver e escrever o ritual natalino aparece como uma oportunidade de reflexão dos que ali ainda estão e das possibilidades de comemoração. A escrita, todos sabemos, convoca o social, só se escreve para os outros e, sobretudo nestes textos, pelos outros, para que não sejam esquecidos.

Os textos deste livro contam, assim, experiências das festas possíveis em tempos do Covid-19. Relê-los lembra que continuamos lutando para sair de lá, passar o luto e, claro, sarar; só assim poderíamos narrar e dar sentido para as experiências vividas coletivamente. Mas, como toda vivência, só será possível narrar a partir do arquivado. O documento arquivado tem grande poder de evocação, pois traz o seu tempo consigo para o presente da leitura. Esses relatos, portanto, nos fornecem a possibilidade de entrarmos no tempo do arquivo, dar ordem e, sobretudo, transformar aquelas experiências em passado. Parece que demorou, mas o ano da peste começou a entrar para a História.

1

NOSSO PRIMEIRO NATAL SEM VOCÊ: EM MEMÓRIA À ISABEL RIBEIRO

Alessandra da Conceição Morais ¹

Poderia até começar dizendo que o Natal foi um dia especial que saiu como tudo planejado, uma parte da família reunida, uma visita especial (minha Tia), uma comida planejada durante o ano todo (buriti) e aquela sensação de que tudo estava bem, que não faltava nada. Mas não! Foi totalmente diferente e o inesperado aconteceu, a visita especial morreu dias antes do Natal, no dia 20 de dezembro, e assim os planos mudam. A comida desejada perde o sabor no momento, a nossa estrutura foi abalada e os planos para o Natal passam a não fazer mais sentido. Com a notícia da morte de minha tia viajamos para Teresina (PI) ainda no dia 20 de dezembro.

No dia 24 de dezembro, às 07:30 horas, abri os olhos, eu estava deitada no quarto em Teresina com minha mãe. Eu estava em um colchão no chão ao lado de uma cachorra, e minha mãe estava na cama. Meu primo Rafael, sua esposa Edina, minha prima Raissa e meu tio Delima ainda estavam deitados. Levantei-me com minha mãe, lavei o rosto e fui fazer o café, meu tio levanta, dá bom dia, lava o rosto, troca de roupa e sai para comprar pão para o café. O dia começou tranquilo, mas com aquele sentimento apertado por dentro, já fazia 4 dias que minha tia havia morrido, mas não dava para ignorar a saudade e o vazio que

¹ Mestra em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Tocantinópolis). E-mail: sandramorais0695@gmail.com.

deixou na casa. Era véspera de Natal e nos perguntávamos se iríamos fazer alguma coisa. Meu primo disse que *“mesmo sentindo muito a falta de minha mãe e tendo muito respeito, mas a vida segue, não custaria nada fazer uma ceia com alguns amigos e sem som”* e foi decidido que iríamos fazer pelo menos uma janta, uma ceia, eu, minha mãe, que daria a eles um consolo melhor com a presença de uma tia que eles gostam muito, alguns amigos, e sem música, essa seria uma forma de comemorar o Natal, sem causar escândalo pros vizinhos e ao mesmo tempo nos divertiríamos. Então fomos aos preparativos! Às 09:45 horas saímos de casa, meu tio para trabalhar de moto táxi, meu primo consertar o carro, eu, minha mãe, prima, seu filho e a esposa do meu primo saímos para comprar os materiais da janta. Fomos à Timon (MA), na casa da minha prima buscar frutas, algumas verduras e carne para o almoço (laranja, pimentas, carne, tomate) ao voltarmos para Teresina encostamos no comercial Assaí para comprar o restante do material, frango, linguiça, cervejas para os amigos, vinho para meus primos e refrigerante para as crianças e para quem não consumia nenhum dos outros dois citados, como eu. Na volta para casa dentro do carro foi cheio de conversas paralelas dentre elas minha prima relatou:

Certo dia estava voltando do trabalho e quando passei aqui, vir um homem sentado no peitoril da ponte olhando para o rio, passei e fiquei observando e decidir voltar e conversar com ele, me disse que não era daqui, era do Tocantins, não tinha dinheiro para voltar e não tinha o dinheiro para pagar dois alugueis atrasado, 3 filhos pequenos para sustentar e não tinha condições, por isso queria pular, outras pessoas que pararam no local ofereceu ajuda, até que em um momento, alguém puxa ele para o outro lado, o homem é levado para um posto onde estaria fora de perigo, mas naquele momento olhei para os lados e vim ver apenas com ele, todos já tinham ido embora e eu não tinha como lhe dar R\$ 800,00, então ofereci o dinheiro da

passagem de volta, mais ele não aceitou, me agradeceu e saiu a pé dizendo que ia para outro lugar. Então fui para casa e algumas horas depois meu vizinho me falou que um homem pulou de uma ponte, pensei certinho que era ele, quando vi a foto realmente era ele, prima quando ele saiu ele foi para outra ponte do lado da cidade e pulou. Me senti tão mal, mas ao mesmo tempo me sentia tranquila porque eu tentei ajudá-lo" (Prima Raissa, 24/12/2020).

E depois de várias conversas durante o trajeto, chegamos em casa às 11:30 horas, fui cortar os temperos para o almoço e preparar o arroz, a esposa do meu primo foi mexer na carne e minha prima com o macarrão. Algumas horas depois meu primo chega e vamos almoçar, meu tio sentado na mesa, minha mãe ao lado, eu próximo a um pequeno corredor olhando pra TV no quarto e meu primo com sua esposa, minha prima e seu filho almoçando no quarto assistindo TV. Logo após o almoço deitamos um pouco e voltamos a preparar as comidas para ceia de Natal. Fui cortar os temperos e os materiais para o feijão tropeiro, a esposa do meu primo preparou o frango para assar e um pouco de carne e minha mãe sentou-se na cozinha. Quando tudo terminado cuidamos em fazer uma lasanha, durante todo o tempo de preparativos estávamos conversando sobre várias situações da vida que nossas famílias já haviam passado, até chegarmos em uma conclusão de que minha tia morreu feliz, por ver que todas as pessoas mais próximas que ela amava estavam em situação melhor do que antes, filhos, esposo, irmãs, sobrinhos e netos. Minha tia era uma guerreira, não se entregava fácil, sorridente, humilde, uma pessoa muito querida, sua falta era notável, meu tio chorava todos os dias, principalmente quando se sentava à mesa para almoçar. Limpamos a casa, colocamos a mesa no lugar. Às 18:45 horas meu tio foi acender o fogo, fui preparar o arroz. Os outros foram

tomar banho e esperar os amigos chegarem. Pronto tudo certo! As comidas no ponto, meu tio assando a carne e os amigos chegando, um amigo e colega de trabalho do meu primo da empresa CUFA com sua família, duas amigas travestir de minha prima e um casal de amigos dos meus primos e um filho da mulher do primo com seu amigo, saímos para fora de casa, colocamos duas mesas do lado de fora da área, cadeiras e começamos a beber e comer carne assada. Muita conversa fora, sorrisos, distrações, todo mundo com um sorriso no rosto relembrando alguns momentos, as amigas da minha prima contam histórias do que aconteceu com elas, nas esquinas no momento do trabalho delas, em algumas vezes que foram para festas, e dos namorados, muita diversão, uma delas sai direto para o banheiro dizendo que algo caiu, mas a sua sandália é escorregadia e escorregava na calçada da casa, sempre andava perto de cair, todos sorriam. As horas passam e começamos a prestar atenção no relógio, meu primo começa a ficar com fome, e dizer que não dava mais meia-noite. Mas quando o relógio marca as 23:50 horas começamos a preparar a mesa, quando o relógio marca meia-noite, fizemos uma roda, de mãos dadas começamos a orar e agradecer a Deus pelas bênçãos recebidas, pelo momento, por tudo. Ao terminar a oração tiramos uma foto registrando o momento e começamos a jantar. O momento, a alegria eram contagiantes, estávamos felizes, mas ao olharmos as fotos eu e meu primo sentimos falta de quem não podia faltar na fotografia, minha tia/sua mãe, estávamos alegres, sorrindo, contando histórias, mas o sentimento de luto também estava presente, poderia até dizer que estávamos de vermelho, comemorando o Natal, mas não! Estávamos de cores variadas, branca, preta, azul, vermelho, roxo, mas tinha mais preto e branco do que outras cores, como o povo diz “cores vivas”. Jantamos e continuamos do lado de fora conversando, algumas horas

depois meu primo foi para casa com a família e o amigo e ficou só eu, meu tio, minha prima e as amigas, entrei para dentro de casa e fui lavar as louças quando ouvir um barulho, corri para ver e a amiga da minha prima havia caído na calçada, não dava para conter os risos, ainda bem que não se machucou! Logo depois fui deitar e minha prima foi dormir com elas em casa.

No dia 25/12 às 07:45 horas, acordo, minha mãe também, meu tio já havia levantado e meus primos havia dormido fora, minha mãe vai tomar banho e logo em seguida eu também vou, quando saio do banho meu tio pergunta por minha prima pois não sabia que ela havia dormido fora, pois não tinha visto ela em nenhum dos quartos, confirmo que ela dormiu com as amigas e com alguns minutos depois ela me manda mensagem pedido para meu tio ir buscá-la. No dia 25 era o dia que minha mãe queria ir embora, mas meu primo ficou de ver as passagens e fez de tudo para que não pudéssemos ir. Ele era responsável para mim levar na agência mais como ele já estava resolvendo uma coisa na cidade e havia dormido na casa dele, mas iria almoçar conosco, passou na agência e viu as questões das passagens e do horário, ao chegar em casa entregou o cartão da agência e falou para mim mandar mensagens e confirmar o horário, mas só teria ônibus já no outro dia porque ele não avisou que teria a tarde, tivemos que esperar! Para preparar o almoço foi mais rápido já que havia sobrado muita comida da janta, só esquentamos e fizemos o arroz, logo após o almoço assistimos um filme chamado *Mazzaropi*, no meio do filme meu primo saiu com um amigo e sua esposa para um lote e eu entrei em contato com a agência a qual só restava duas passagens para Porto Franco (MA) no dia seguinte, não tive escolha chamei meu tio e fomos comprar a passagem, na volta passamos em Timon para buscar minha prima que havia ido guardar o carro pois

estava pegando muito sol, depois fomos direto pra casa. Às 18:30 horas do dia 25 cuidamos do jantar eu, minha prima e a esposa do meu primo, todos jantamos e ficamos sentados do lado de fora da casa conversando sobre diversos assuntos, logo depois fomos dormir.

2

ENCONTRO NATALINO DA FAMÍLIA DIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA, EM ANANÁS-TO

*Cristiane Dias da Silva*¹

Acordei agora às 07:17 horas da manhã, levantei e vou começar a me organizar para o trabalho, estou separando roupa, sandália, agora vou ao banheiro, lá lavei o rosto, escovei os dentes, agora vou arrumar meu cabelo, me vesti, tomar café e ir para o trabalho pois hoje dia 24/12/2020, trabalho pela manhã, devido as festividade do Natal o prefeito publicou no diário oficial para nós servidores trabalharmos nessa data pela manhã, desta forma houve a troca de turno para facilitar a organização da noite de Natal. Então vim para o trabalho. Enquanto isso cai uma chuva na cidade de Araguaína, e esse fato atrapalhou um pouco a minha chegada até aqui, devido eu ter vindo de moto todos os dias, mas hoje eu tive que aguardar meu sogro ir me buscar em casa para me trazer. Chegando aqui me deparei com muitos processos pois, devido ao feriado, todo mundo quer adiantar seu trabalho. Com isso chega mais processos aqui para mim. Vou começar meu trabalho, mas vou confessar que minha cabeça está pensando na organização da festividade de logo mais à noite, e ainda tenho que comprar alguns presentes pois irei passar o Natal em outra cidade na casa da minha mãe, na cidade de

¹ Mestranda em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Tecnologia em Gestão de Cooperativas pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína). Professora Convidada na Universidade Federal do Tocantins, Colegiado de Gestão de Cooperativas (UFNT/2021); Especialista em Contabilidade Controladoria e Finanças pelo ITOP; Especialista em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Integrada de Araguaína (FAIARA) E-mail: christianedias@uft.edu.br.

Ananás (TO). Aqui no trabalho está puxado hoje, muito trabalho. Até que enfim já estou saindo agora do trabalho às 12:10 horas vou aproveitar que aqui do lado tem uma perfumaria e já vou passar para comprar as lembranças do povo lá de casa. Vou lá rápido pois vou pegar carona para uma outra loja com a minha colega de trabalho que vai terminar o serviço dela para poder me dar carona. Então cheguei aqui na loja agora vou escolher os presentes e depois ir com minha amiga, agora depois de escolher todos os produtos, estou aguardando minha colega chegar para me levar até a outra loja, avisou que já está vindo, então saí da loja para ir com ela até esse outro estabelecimento, nossa observando aqui as ruas com esta movimentado, muitas pessoas entrando e saindo de lojas, muitos carros e motos circulando nas avenidas, alguns andando muito acelerado, pois algumas lojas já estão fechada. e eu preocupada pois tenho que chegar logo nessa outra loja para conseguir comprar as encomendas que tenho que levar, passaram alguns minutos e aqui estou eu na loja vou escolher o que preciso, pronto como já tinha reservado foi rápida a compra, agora vou até a loja que fica em frente desta para poder comprar o presente das crianças, a loja por sinal está muito cheia nossa dá preguiça até de entrar pois devido a pandemia tenho medo de locais muito cheios, mas entrei agora vou escolher os itens, demorei um pouco mas agora já com os produtos escolhido vou me dirigir ao caixa da loja para efetuar o pagamento, comprei uma boneca *baby alive* e um carro jipe para meu afilhado, pois ele é apaixonado por jipe. Agora vou para casa arrumar tudo, para podermos então viajar. Iremos às 14:00 e eu ainda estou aqui na loja às 12:57, fiquei um tempo esperando e observando o pessoal a fazer suas compras, muitas pessoas saindo da loja com muitas sacolas e com embrulho de presente. Agora vou para casa, eu vim de moto e com um monte de sacolas nos braços, mas enfim cheguei, e

agora vou arrumar tudo para já saímos de viagem, entregamos o presente da Mariana, e agora antes de arrumar a mala vou limpar a sala pois está uma zona. Fiquei um tempinho organizando aqui em casa pois não gosto de sair com a casa bagunçada, terminei agora a limpeza. Agora que terminei vou organizar a mala da Mariana, peguei logo roupa de festa dela, roupa de ficar em casa, coloquei tudo que ela irá precisar, agora vou organizar a minha mala, peguei minhas coisas e coloquei em uma mochila preta organizei tudo que vou precisar lá na festa de Natal. agora estou organizando os últimos retoques na mala tinha esquecido de colocar minhas maquiagens, sentei-me na cama esperando o Jackson organizar a dele, e o rapaz que nós iremos com ele chegou. Partiu Abacaxi (Ananás). Vamos agora no posto abastecer, já colocamos todas as malas no carro, agora podemos ir. Então saímos de viagem, mas ainda passamos em um posto de gasolina, e até no posto está tendo fila no dia de hoje. Aqui dentro do carro estamos imprensados igual uma latinha de sardinha, de tão lotado que o carro está com algumas compras para a ceia de Natal e com os presentes que todos nós estamos levando, agora são exatamente as 15:00 horas. Como tem uma parte da estrada que tem bastantes buracos me creio que chegaremos por volta das 18:00 horas, o trânsito está muito intenso, dormi no carro, acordei agora na buraqueira que mencionei antes. Esse lugar fica perto do Centro dos Borges, e realmente está demorando para passar por aqui, pois a buraqueira é grande, mas enfim vencemos. Passando agora por um povoado chamado São Raimundo, já avistando a cidade de Ananás, pois aqui fica a três quilômetros de distância. Chegamos em Ananás, estamos indo por uma rua alternativa que já corta a cidade e fica mais perto para irmos lá para casa. E assim cheguei em casa, desci do carro e fui logo descendo as malas e colocando no quarto da mãe, cumprimentei o povo que está aqui,

pois em casa tem uns parentes nossos lá de Goiânia (GO): irmão, sobrinho e cunhada da minha mãe. Aqui na entrada de casa estão sentados na porta de casa minha comadre com meu afilhado, meu irmão com o afilhado dele, a esposa dele, a comadre e o outro afilhado dele que é filho da mesma comadre dele, o mais velho está jogando bola, eu vou agora ajudar a mãe que está na cozinha já organizando os preparativos para logo mais, pois iremos para a casa do meu tio irmão da mãe, desta forma ela já está preparando as comidas, eu fiz agora o mousse de cupuaçu que iremos levar, coloquei na geladeira agora a pouco, utilizei uma polpa que a mãe tinha aqui em casa colhida no quintal daqui, a mãe colocou o primeiro frango para assar, pois iremos levar dois, agora são exatamente 18:34 horas. Eu então entreguei os presentes para meus irmãos, mãe, Jackson, cunhada e afilhado, aqui está uma farra só, o povo animado conversando e sorrindo. Jackson e meu irmão já organizando a cerveja que irão beber. O frango ficou assado e a mãe colocou o outro para assar, a cunhada da mãe está preparando a salada, ela está colocando alface, manga, uva, queijo, azeitona, folhagem de rúcula, está empolgada aqui na salada, o pessoal começou a se organizar então eu vou banhar também e me arrumar para irmos para a casa do irmão da minha mãe, a mãe colocou batatas para pré-cozinhar para colocar junto ao frango. Agora vou banhar, todos se organizando, minha cunhada como já se aprontou está ali na sala tirando foto com meu irmão, meu tio com a esposa dele tirando foto também aqui na sala de casa, meu irmão e minha cunhada estão vestindo vermelho, e agora que todos se aprontaram chegou a hora de irmos. A mãe está fazendo a divisão das panelas quentes para levar para a casa do meu tio onde será a ceia, então cada um pegou um pouco de coisa, Jackson pegou uma panela, Ricardo pegou outra, então saímos agora as 22:36, a casa do meu tio fica perto

então dá para ir a pé, então vamos andando. Chegamos agora aqui tem duas mesas distribuídas aqui na área dele, sendo que uma tem a família da minha prima Fabiana com os sogros dela, filha, cunhada e esposo, e a outra tem minha outra prima Adriana com sua funcionária e sua filha, em uma lado da área estão meu tio Zé, o seu filho Antônio Marcos, meu tio Zé do Santo, e meu tio Macho (Raimundo), no outro lado estão o esposo da minha prima Adriana o Fernando, minha tia maria Ilza, meu tio Antônio, sua esposa Alessandra, seu filho Caio, meu esposo Jackson, e minha enteada Mariana, minha mãe Raimunda, meu irmão Ricardo, Rafael e minha cunhada Regiane, minha prima Karen. O pessoal já estão varados de fome, os pratos que tem aqui na mesa são arroz com uvas passas e cenoura, salpicão, frangos assados, um cortado os pedaços com batata fatiada e o outro desossado e recheado com farofa, pernil de porco, saladas tropicais, macarrão com *bacon*, farofa, na mesa tem pratos brancos, talheres inox, taças douradas e pratos a mesa está com uma toalha com estampa Natalina, na mesa tem uma mini árvore de Natal ornamentando a mesa principal, em outra mesa quadrada com uma toalha branca, tem as sobremesas e doces, sobremesa de morango em uma travessa, em outro forma tem uma de maracujá, uma de cupuaçu, todas elas em refratário de vidro, agora minha tia chamou para fazer uma oração para poder iniciar a janta, o detalhe que aqui não espera ser meia noite para servir o jantar, como já estão todos aqui minha tia achou melhor já servir, agora são exatamente as 23:16, e como já terminou a reza e as palavras de boas festas, o pessoal começaram a se servir, uma pequena fila, as crianças e os mais velhos tiveram prioridade, e logo depois os demais aqui presente colocaram sua refeição, estão todos comendo e conversando, falando que a comida está uma delícia, comeram logo o frango com farofa e o pernil, minha prima Adriana se gabando que foi

ela que fez o pernil, jantei também pois estava com muita fome, agora que todos fizeram a refeição estão conversando e meio desanimados devido o momento de pandemia que estamos passando devido o COVID-19, os únicos que não estão parados são as crianças pois nem a barriga cheia aquieta eles, estão correndo aqui pela área, meu primo Jales acabou de chegar e o pessoal está se animando pois receberam ele com alegria até aumentaram o som, e eu que já estou com sono, e o povo estão se animando novamente, minha comadre e meu afilhado já estão indo lá para casa, pois ela irá colocar ele para dormir ele só tem dois anos e ela coloca ele para dormir cedo, então já vão, o povo aqui já começaram a beber novamente com a chegada do meu primo eles animaram para festejar, uns estão bebendo, e outros dançando, a minha cunhada chamou nos para tirar foto, então tem meus irmãos e mãe aqui em outro cômodo da casa tirando foto, os irmãos da minha mãe se reuniram todos aqui e tiraram uma foto com meu tio Zé do Santo irmão da minha bisavó ele é bem velhinho, e ele veio de imperatriz e os dois irmãos da minha mãe que veio de Goiânia fazia muitos dias que não via ele, então está a mãe, meu tio que tem o apelido de macho, mas que o nome é (Raimundo), meu tio Zé, meu tio Antônio e o tio Zé do Santo, que é o irmão da minha bisa, tirando foto, meu irmão Ricardo está registrando chamando todos para tirar fotos e registrar a festa, a minha prima Fabiana começou a colocando sobremesa, a minha prima Karen foi também, pronto onde um vai os demais começam a ir, agora minha cunhada, meu irmão foram colocar sobremesa até eu vou pegar um pouco para mim, meu irmão Rafael, o Jackson e a esposa do meu tio estão dançando, acabou a sessão de fotos com meu tio e ele foi sentar agora ele está sentado só observando o movimento, minha tia Maria Ilza, a anfitriã, falando que a sobremesa estava deliciosa. Os meus tios

perguntaram se eu estou fazendo algum tipo de trabalho da faculdade, perguntando por que eu não ligo esse caderno, aí eu expliquei que é uma atividade do mestrado. Agora são 1:45 e acho que ainda vai demorar acabar aqui, pois o povo estão animados dançando e bebendo, outros contando casos, com os mais velhos, tem uma sobrinha minha Isis Valentina que não quer ir dormir, a menina está com uma energia a essa hora da madrugada, a decoração da festa é bem simples mas está muito linda, detalhes vermelho, branco, e verde são as principais cores, que estão desde as toalhas de mesa até copos, minha tia dona da casa, a tia Maria Ilza não se aquieta, ela fica para lá e pra cá, lavando louça, pegando cerveja enfim não aquieta, a Alessandra mulher do meu tio Antônio pegou um litro de *Gym* da minha prima Adriana e está dando dose para todos os homens, “risos” ela fala assim tu bebe a minha que eu bebo a tua, tá uma graça isso aqui com ela fazendo isso, minha mãe falou que já está com sono e quer ir embora, mas ela está certa pois já são 02:27, e o Jackson falou que vai aproveitar para levar a Mariana para dormir também pois já está tarde, o pessoal saíram das mesas e juntaram-se em uma roda, onde alguns dançam e outros bebem. A sogra da minha prima também se despediu falou que já está tarde e ela já está com sono por isso já irão, meu tio irmão da minha bisavó também está indo dormir, mas ele está ficando aqui na casa onde acontece a festa, tem uma turma (Alessandra, Karen e Ricardo) pegando sobremesa novamente, a minha tia dona da casa já ia retirar as travessas para guardar, mas eles falaram que querem comer mais, então ela deixou, e eles estão pegando, eles estão usando copos descartável para não sujar mais louça, porque ela já lavou quase todas, meu tio dona da casa está indo deitar, está se despedindo dos que estão ficando aqui, minha prima Fabiana e seu esposo já estão indo deitar também vão colocar a

sapequinha para dormir, e ela também falou que já está bêbada, ela saiu gritando, vão para a casa de vocês (risos), e os demais responderam vamos nada, não estamos na sua casa (riso) uns indo deitar e outros querendo festar agora são às 03:21, já organizando para irmos para casa pois o povo já estão desanimados, até minha tia dona da casa saiu de fininho e foi deitar, e quem ficou responsável por trancar a casa e olhar os bêbados foi minha prima Karen, para quando saímos ela fechar a casa e ir deitar, meu tio pegou o carro para dirigir, e sua esposa está gritando para ele não sair, devido ele já ter bebido muito, ela não quer deixar ele ir, e ele não ouviu ela, devido a casa ser perto na outra rua, por isso ele falou que vai dirigindo, o esposo da minha prima Fabiana que tinha ido deitar levantou para ir deixar nos em casa, e eu estou amando isso pois estou muito cansada e não queria ir a pé, chegamos em casa, estamos nos organizando para irmos dormir, eu já troquei de roupa e agora vou dormir pois todos já estão acomodados e indo deitar então eu irei também beijos e até amanhã.

No dia 25 de dezembro de 2021, acordei às 11:09, já ouvindo a bagunça do povo aqui de casa conversando alto, e como eu estou dormindo no colchão na sala, sou uma das primeiras a acordar devido o barulho, a minha mãe já organizando o café da manhã para nos lançarmos, pois todos acordaram muito tarde devido o horário que foram dormir ontem, mas está bom pois como vamos permanecer em casa, então não temos muita pressa no dia de hoje, agora que todos já levantaram nos saudamos com feliz Natal pois na noite de ontem não fizemos isso, meu irmão e a esposa dele já estão de saída pois irão para outra cidade passar a tarde e almoçar com a família dela, desta forma já estão de partida, nós vamos tomar café minha mãe colocou uma bela mesa, com pão caseiro, que ela mesma fez, pão de queijo, broa doce, bolacha, café, a mesa está

com uma toalha verde Natalina, o meu tio irmão da minha mãe está chamando ela para irem ver se acham frango caipira para comprar para poder fazer o almoço de Natal, ele deu vontade de comer frango então chamou e ela está indo com ele, ficamos tomando café e eles saíram, demorou um pouco e eles estão de volta, com uma galinha para fazer no almoço, agora minha mãe vai temperar a galinha e colocar no fogo, minha tia está ajudando na preparação do almoço, está fazendo os outros pratos do almoço, estão fazendo galinha caipira, pequi, farofa, salada, o meu tio macho está assando carne, com meu esposo, agora acaba de chegar aqui minha prima Adriana com seu esposo e filha, minha prima Fabiana com seu esposo e filha e minha prima Karen e meu tio Zé e Tio Zé do Santo, então meu irmão com meu esposo pegaram o sofá e estão levando lá para fora pois as cadeiras que tem estão poucas, minha tia está fritando uma linguiça calabresa para tirar gostos, do meu primo, marido, irmão e tios que estão bebendo, eles estão bebendo e aguardando o almoço ficar pronto, no som toca as melhores músicas de Bruno e Marrone, o assunto do momento é a noite de ontem sobre o litro de gin. que muitos beberam doses, estão pegando no pé da Alessandra porque ela esqueceu o litro de gin. na hora que seu esposo começou querer dirigir o carro bêbado, minha comadre está fazendo uma salada de cebola, com alface, azeitonas, tomate, manga e cheiro verde, ela está cortando tudo com tanto cuidado, a Alessandra chegou aqui na área foi trocar de roupa e ainda está com o vestido avessado (risos). Logo os demais viram e começaram a sorrir, estão colocando a mesa da sala para fora pois nela vai ser servido o almoço, aqui é uma área no fundo da casa um lugar aconchegante por isso viemos para cá, colocaram uma coca cola na mesa pois a carne assada começou a ficar pronta e a galera animou, já são 14:03 horas e nada de almoço, e o almoço só ficou pronto às

14:25 então a mãe colocou as panelas na mesa, colocou os copos, os talheres, os pratos, e liberou o almoço para o pessoal, estão no comentário de almoço, que está uma delícia, meu esposo Jackson pegou uma pimenta malagueta pois ele ama, e colocou em seu prato, as crianças estão almoçando sentados lá na sala, o pessoal terminou de almoçar e minha comadre pegou as louças para lavar, pois ela já vai organizar a cozinha, agora as filhas da tia Maria Ilza, meu tio Zé do Santo, tio macho e tia Maria Ilza estão indo embora, enquanto isso chega uma outra turma só para visitar a mãe e ver quem está aqui pois tem uns parentes que são de longe, então o momento de estarem todos reunidos seria aqui, aí depois do almoço deles, vinham para cá, essa turma são a minha tia Rosa irmã do meu pai e seus filhos, ela tem Alzheimer, e a toda hora ela esquece de alguns fatos. Então uma turma saindo e essa outra chegando então minha mãe deseja boas-vindas para essa nova turma que acabou de chegar, o meu irmão colocou o som mais alto com os Barões da Pisdinha. Meu tio Zé está fazendo vaquinha com os demais para irem comprar mais cerveja, minha cachorra cristal late pois tem pessoas que não são do convívio dela então ela late muito quando tem gente que ela não conhece, minha mãe teve que levar ela para o fundo do quintal para ver se ela se acalma um pouco, carne saindo assadinha e a galera não recusa nem um pedacinho, meu tio Antônio foi comprar um para tudo, pois a Alessandra mãe da Pinga como o pessoal está chamando ela aqui quer beber isso, então ele saiu para comprar, agora os assuntos aqui fora na roda de conversa é sobre os tempos antigos, onde nessas lembranças o Jales meu primo se dá conta que hoje ele está reunido com suas duas primas mais velhas, que são minha mãe e a prima dele, Gonçala. Eles relembram a infância e os tempos de festas que eles faziam *eita* chegou o para tudo, e a Alessandra já fala para os que bebem que todos terão que

tomar um golinho. Minha tinha Rosa que tem *Alzheimer* se anima com a música *Tá Rocheda*, do Barões da Pisadinha, logo ela começa a dançar e todos começam a filmar pois fazia muito tempo que ela não se animava assim, e nem dançava mais, e como ela lembrou disso todo mundo quer registrar esse momento dela, ela terminou de dançar e chamou sua filha Neuris para dançar, depois da doença ela coloca culpa que tudo que acontece com ela é culpa dessa filha dela, pois é ela que cuida dela, então está sendo um momento bem emocionante este, e ela está animada chamou meu irmão para dançar, e nós todos só olhamos o acontecimento, nesse momento já são 18:31 horas, meu tio chamou minha prima para dançar, e a aérea vira um salão de festa onde muitos se empolgaram para dançar, no celular do Zé Filho, um dos filhos da minha tia Rosa, chega uma ligação, é o seu filho mais velho que mora fora do brasil, ligando para saber como estão todos, e como é um videochamada o pessoal ficam próximo para conseguir ver ele, e desejar feliz Natal para ele, e matar um pouco da saudade, o Jackson está indo deitar, pois já cansou de festar, falou que está com muito sono. meu afilhado e minha comadre estão deitados, pois minha comadre colocou meu afilhado para tirar um cochilo da tarde, agora como ele já chegou lá quase dormindo, dormiu rápido e ela veio aqui para fora, curtir o pessoal que ainda estão aqui, a tia Neuris pediu sua filha para ir na casa dela buscar uma panela com chambaril para a minha mãe fazer um caldo para essa galera aqui, então minha prima está indo lá, a mãe então pegou umas mandiocas para descascar e colocar no fogo para preparar o caldo, começou logo para ir adiantando o processo, o povo aqui fora estão dançando e agora chegou minha prima Débora com seu Irmão Douglas e seu namorado, eles estão colocando coca cola para beber, e agora juntaram no sofá vendo o povo dançar, a minha prima chegou com a panela com o

chambaril, e a minha mãe já nos preparativos do caldo, a tia Neuris grita que só vai embora depois de comer o caldo, chegou um casal de amigos do meu primo e ficaram na cozinha conversando encostados no balcão da cozinha, enquanto isso o pessoal continua conversando e bebendo, mas já tem alguns cansados e com sono e outros bêbados, mas estão aguardando o caldo, meu primo Antônio marcos está organizando as latinhas em sacolas e já tem mais de três sacolas de latinhas, tem um litro de para tudo seco, e tem um balde com latas vazias de cerveja também, tem vários sacos de embalagem de cerveja embaixo da mesa, e meu primo está organizando tudo isso. Minha tia prepara a mesa para receber o caldo, retira a tábua de carne suja que está na mesa, tira as vasilhas sujas e coloca as limpas para servir o caldo, minha mãe coloca o caldo na mesa e todos, vem em direção a mesa para se servirem, pegam copos e colheres descartável e começam a se servirem, agora que todos terminaram de tomar o caldo, minha mãe e minha tia limpam a mesa, e retira a panela da mesa, limpam tudo, o pessoal que já estão cansados se despedem pois já estão de saída para suas casas, agora são exatamente 21:00 horas e todos estão cansados. Então todos foram embora, e aqui em casa sobrou a bagunça para nos organizarmos. Agora eu paro por aqui. Beijos!

3

SE ADAPTANDO OU SOBREVIVENDO AO COVID-19: UM NATAL EM FAMÍLIA EM MEIO AO CAOS PANDÊMICO

*Dislaine Dias dos Santos*¹

No dia 24 de dezembro de 2020, acordei às 08:30 horas da manhã com a chegada dos meus tios em casa, vieram trazer meu avô para cortar o cabelo próximo a minha casa. Meus tios vieram de São Paulo para passar o Natal e ano novo com meus avós em Riachinho (TO). Eles chegaram aqui em casa e foram para cozinha, se reuniram na mesa e começaram a conversar sobre o almoço de Natal, comentando que minha vó temperou o peru ontem para assar amanhã, que o possível cardápio seria carne assada, lasanha e piru. Em seguida meu tio comenta que o piru com cachaça é melhor porque a carne fica mais macia, argumentando que com cerveja ou vinho também fica bom, nesse momento intervenho falando que difícil sobrar bebidas para temperar os alimentos porque no caso eles bebem tudo antes da hora, ele contrapõe falando que compra mais e, assim, dúvida se não dá. Nesse momento todos à mesa começam a sorrir. Meu avô chega e chama para ir embora. Na saída minha mãe entrega umas carnes para levar dentro de uma bacia branca e azul. Falou para ver se aquelas carnes de origem do mato servem para assar amanhã, meu tio pega a mesma, cumprimentamos meu avô pedindo sua benção e em seguida eles entram no carro, meu tio

¹ Mestra em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína); e em Pedagogia pela Universidade Cesumar; Especialista em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Ludopedagógica pela Faculdade FAVENI. E-mail: dislainedias@hotmail.com.

fala que se precisar buscar algo que ligue para ele que ele venha. Após meu tio se retirar, minha mãe liga para minha avó perguntando como estão as coisas lá e se precisar levar alguma coisa amanhã para o almoço. Nesse momento ela fala que não precisa (dá para ouvir, pois a ligação está na viva voz) e pergunta se meu pai já viajou para Itacajá (TO) para passar o Natal com sua família, minha mãe comenta que não foi devido o surto do coronavírus e ele ficou com medo de ir. Nesse momento encerra a ligação e minha mãe vai para a cozinha com minha irmã preparar o almoço. Minha irmã coloca para tocar sua *playlist* com hinos evangélicos no celular enquanto arrumar as louças limpas e minha mãe entra para o quarto arrumando as roupas sobre a cama. Após arrumar as roupas minha mãe pega a bicicleta e vai na rua por créditos no celular do meu pai. O mesmo, neste momento, está na chácara cuidando dos animais. Em seguida, vou em Ananás, cidade próxima de onde estou. Logo após chegar, vou terminar o almoço junto com minha irmã. Após o almoço todos se retiram para dormir. Meia hora depois minha irmã e minha mãe vão em Ananás comprar algumas verduras para levar amanhã para o almoço de Natal na casa da minha avó, poucos instantes que elas saem meu pai chega e pergunta por elas. Como elas não estão, meu pai se dirige para casa dos nossos vizinhos e vai conversar. Pouco tempo depois minha mãe e irmã chegam de Ananás com algumas coisas, tais como tomate, refrigerante, cebola e cerveja. Em seguida minha mãe sai para casa da amiga dela para beber cervejas e minha irmã vai fazer atividades no quarto e meu pai sai também. Por volta das 18h da tarde meu pai e minha mãe retornam. Meu pai liga a televisão e começa assistir filme de Jesus na Rede Record e minha mãe vai para cozinha fazer janta. Minha irmã vai lavar louça e eu, lavar roupa. Após terminar as tarefas da casa, todos jantam e minha mãe se retira para área da frente para

fumar. Meu pai fica na sala assistindo vídeo pelo celular e minha irmã volta para o quarto para mexer no celular e eu voltei para o meu. Minutos depois minha mãe entra para dentro de casa e meu pai liga a TV e começa assistir um documentário sobre a cidade de Jericó nesse momento dois vizinhos estão com sons altos em festa. Em torno das 22:00 horas, meus pais se retiram para deitar e fica apenas eu e minha irmã acordada mexendo nos celulares.

No dia de Natal, acordamos às 06:30 horas da manhã com a chegada de um amigo de minha mãe que tinha acabado de chegar da fazenda. Ele se encontrava alcoolizado, mas veio desejar um feliz Natal para minha família. Ao chegar aos berros na frente de casa acabou acordando todos da casa. Ele fez questão que minha irmã acordasse para entregar um presente de Natal que seria um valor a ser dividido entre mim e minha irmã. Após receber o presente, deu um abraço em nós e saiu, nesse instante minha mãe comunica que temos que nos arrumarmos para ir para a casa dos nossos avôs. Em instantes ela está arrumada e nosso pai já tinha saído para a chácara para tirar leite das vacas. Minutos depois estamos arrumadas, minha mãe com pouco de ressaca da noite passada. Levantou-se, fez miojo com ovo e pão e comeu. Entregou dinheiro para nós irmos comprar pão, devido ao horário ser 07:00 horas da manhã, a padaria já estaria aberta. Minha irmã pegou a chave do carro e fomos. Saímos de casa, passamos pela praça, onde ela não estava tão enfeitada com detalhes de Natal, tinham algumas árvores de Natal produzidas com pisca-pisca apenas. Seguimos para a padaria, ao entrar tinha cerca de seis pessoas esperando serem atendidas. Nenhuma delas estavam com máscaras, apenas os atendentes. Logo fomos atendidas, compramos pão de queijo, pão de rosca, bolo frito e broa temperada. Voltamos pelo mesmo caminho e ao chegar em casa, minha mãe ligou para meu

pai para saber onde ele estava, devido estar demorando bastante. Ela nos comunicou que iríamos esperar ele, pois estava formando tempo de chuva. Nisso eram 07:30 horas, meu pai chegou às 8:40 com leite. Nesse curto intervalo em que meu pai não chegava ficamos na frente conversando com a vizinha, enquanto meu pai foi se trocar, chamamos a vizinha para pegar leite para ela. Poucos minutos depois meu pai estava pronto e seguimos rumo a casa dos meus avós. Eles ficam no Assentamento Colorado, próximo à cidade. Minha irmã foi dirigindo, pegamos a TO normalmente e na primeira entrada de assentamentos no sentido esquerdo entramos. Aparentemente ainda não estava chovendo e a estrada estava boa, sem buracos, sem lamas e quase ninguém transitando. Na primeira ladeira demos de cara com dois leiteiros indo sentido à cidade deixar leite, passamos por suas chácaras entre a primeira e a segunda ladeira, entre a terceira e quarta passa novamente outro leiteiro e na quinta ladeira avisto a vila do Assentamento. Passamos pela vila que aparentemente o pessoal que reside na mesma estava dormindo, sem barulho casas fechadas, passamos em frente a antiga escola da vila, a mesma se encontra abandonada e consumida pela tempo, após a escola, seguindo três casas a frente tem uma entrada que dá sentido à chácara dos meus avós, entramos, passamos pela ponte de cimento, estradas sem trânsito, passamos uma ladeira, entramos pelo colchete e em seguida passamos pelos vizinhos dos meus avós que estavam arrumando a frente da casa deles e logo entramos na chácara dos meus avós. Fomos recepcionados pelos cachorros da chácara. São três ao total, dois deles de porte médio e um que parece um leão de tão valente que é. Meu primo de dez anos veio e raiou com os cachorros para que possamos descer do carro e entrar em casa, ao entrar fomos dar bênção a minha avó, aos meus tios e a meu avô que saiu para fora. Em seguida minha

irmã, minha tia e avô foram para cozinha para começar a preparar o almoço. Meu pai, tios, avô e meus dois primos que estavam lá ficaram na área tentando acender a churrasqueira que até o momento estava sem carvão. Eles conversavam sobre os acontecimentos do dia anterior na cidade, onde ela passou a noite em festa com sons altos em cada casa. Na cozinha, minha avó explica que o peru já está assado que ela colocou e o pernil de porco já está no forno, falta preparar o restante da comida e que minha irmã ficaria responsável pela lasanha. Nesse momento, percebe-se que ela já estava bebendo cerveja desde cedo, pois tinha duas garrafas de cervejas sobre a mesa. Nisso minha mãe pega mais uma na geladeira e abre e começa beber com minha tia e avô. Na área meus tios estão bebendo desde que amanheceu o dia, e em poucos instantes meu avô soltou foguetes no fundo do quintal, fazendo o gado e o cachorro correr. Poucos minutos depois minha outra tia aparece meio zangada falando que o gado se assustou e correu sentido aos pés de bacaba e ele tem que ir atrás dos gados, saiu zangado para ir atrás do gado. Quando fui saindo no sentido do carro para pegar uns objetos que estavam dentro, o cachorro que parece um leão vem sentindo a minha direção para me morder, e nesse momento, pego a cadeira e coloco entre nós dois, meus tios vem rapidamente e raíam o cachorro para não me atacar. Nesse momento decidi não sair de dentro de casa, por medo. E assim tudo que tenho que pegar dentro do carro, meus primos menores vão buscar. Umás 10:00 horas meus outros tios chegam, poucos minutos depois do ocorrido com cachorro, meus tios estavam vindo de Ananás. Veio meio tio, tia, dois primos e um cachorro filhote, ao descer os demais cachorros queriam pegar o cachorro filhote, mas meus primos correram com ele para não pegar. Ao entrar cumprimentaram todos, minha tia foi para cozinha, meu tio e primos ficaram na área

conversando enquanto colocavam a carne para assar. Neste momento, ofereço a lâmpada que mata mosquito para meu avô comprar e colocar na casa dele, mas o mesmo fala que não tem dinheiro. Um dos meus tios fala que ele tem dinheiro e não quer gastar e assim começam a sorrir e conversar sobre nosso avô ser mão de vaca para gastar. Enquanto isso na cozinha minha mãe, tias e avó estão bebendo, minha irmã organizando os ingredientes da lasanha, minha mãe fazendo arroz, minhas tias, os acompanhamentos. Meia hora depois a carne está assada e nosso primo já traz cortada para servir aos que estão na cozinha. Meu tio retornou da roça falando que conseguiu ataiar o gado e os trouxe de volta. Ele já começa a reclamar que o almoço está demorando. Logo depois meu avô entra na cozinha falando que o almoço está demorando e que já está com fome. Ele volta para a área levando mais três litros de cerveja. Na área, os homens, exceto meu pai, estão bebendo e todos estão conversando sobre política municipal. Meia hora depois meu avô e tio voltam a cozinha e falam que queriam almoçar e não jantar, saem reclamando. Nesse momento volto para a área e limpo a mesa para pôr as panelas de comida sob a mesa. Colocamos arroz branco, feijão, pernil, lasanha, peru assado, maionese, farofa de carne, farofa de cenoura, refrigerantes, pratos e talheres. Nesse momento todos se servem e minha mãe, um pouco alcoolizada, começa a gravar um vídeo da família se servindo e relatando como está sendo o Natal com nossa família e com nossa tia que não via há anos. Em seguida todos da casa se servem, menos nosso primo de dez anos que se recusa a comer arroz e por vontade própria, pega um biscoito e come enquanto os demais almoçam. Seus pais reclamam com ele, porém ele faz cara de deboche e sai, se recusa a comer arroz. Em seguida todos comeram. Meu avô fala para assar carne, meu tio que é o mais novo entre seus irmãos impôs que meu outro tio,

mais velho que ele venha assar a carne. Alega que o mesmo só fica enfurnado dentro de casa dormindo. Nesse momento meu avô argumenta que como ele é mais novo deve obedecer a seu irmão mais velho e assar a carne. Em seguida ele argumenta que para ele mandar tem que pagar as contas deles, nesse bate-papo pós almoço cada um se retira e vai dormir, ficando apenas eu e minha irmã no local aguardando o restante acordar. Meu tio, o mais novo entre seus irmãos é o primeiro a acordar. E começa a falar alto *“bora acordar, meu povo!”*, e assim o restante da família acorda. Nesse momento meu avô acorda e já traz outra cerveja, minha tia ajeita a churrasqueira e começam a assar carne e voltam ao assunto de quem manda em quem. Nesse momento apenas eu, minha irmã e meu pai não estão alcoolizados. Os demais já estão bastante tomados pelo álcool. Ligam o som do carro do meu tio e deixam no volume alto, bebendo, comendo e conversando até aproximadamente às 20:00 horas da noite, conversas voltadas que nossa família deve ir para São Paulo ano que vem passar as festas lá, e voltam no assunto de quem manda, política. Minha mãe nesse momento falou que domingo o almoço seria lá em casa e que era para todos irem, pois era para aproveitar o tempo que o irmão dela estava com a gente. Nesse momento toda família está junta na área, minutos depois eu sugeri que venhamos embora devido ao horário, se despedimos de toda família. Pegamos algumas bananas no cacho que minha avó tem na cozinha e saímos, na volta meu pai dirigiu, devido ter medo de que minha irmã leve o carro por estar escuro. Voltamos. A estrada estava escura e não avistamos ninguém. Passamos pela vila, a mesma calada, e voltamos pelo mesmo caminho, sem trânsito, apenas alguns animais, como gado na estrada e logo entramos na cidade. Descemos do carro, banhamos e todos se

retiram para deitar-se devido à noite passada ninguém ter dormido direito devido as festas que estavam do lado da nossa casa.

No dia seguinte, acordei às 9:00 horas da manhã, minha mãe já estava acordada, ela estava tirando carnes da geladeira para temperar para o almoço de amanhã. Meu pai já tinha saído para roça, minha irmã estava dormindo, enquanto ela separava a carne, coloquei a roupa no arame para tentar secar, pois o ambiente estava frio, propício à chuva. Poucos minutos depois minha irmã acorda e minha mãe sugere o cardápio de amanhã, sendo arroz com milho, carne assada, frango assado ao forno, lasanha e que precisamos ir à cidade próxima comprar cerveja, pinga e alguns ingredientes para o almoço de amanhã e que vamos cercar o quintal para que as cachorras não fiquem entrando e saindo de dentro de casa, e que vamos colocar o som para fora para ouvir música enquanto festejamos. Após isso minha irmã sai da cozinha e se arruma e minha mãe vai para frente da casa conversar com as vizinhas. Minutos depois meu pai chega e servimos o almoço que é arroz, feijão e carne de panela. Em seguida todos se retiram para dormir. Às 15:00 horas meu pai sai novamente rumo à chácara e minha mãe vai para Ananás comprar o restante dos ingredientes para o almoço de amanhã que vai ser em família, ou seja, meus avós e tios viriam. Eu e minha irmã fomos para a sala assistir filme. Começou por *Harry Potter* e terminou em *Vingadores*. Às 19h meus pais chegam e servimos a janta e assistimos o Jornal na Record, logo em seguida todos vão dormir, finalizando o dia.

4

NATAL COM RESQUÍCIOS DE PANDEMIA

*Eldäiny Negreiros da Silva*¹

Diferente dos outros anos, não estávamos tão animados para a chegada do Natal (tivemos um ano muito difícil, quase perdi meu esposo para o COVID-19, sobreviveu, mas, ficou com muitas sequelas em decorrência de um AVC que teve enquanto estava na UTI) eu me sentia profundamente cansada, esgotada. Mesmo tendo muitos motivos, não sentia vontade de comemorar nada. Os reflexos da pandemia haviam nos deixado desnorteados, perplexos e angustiados. Parece que esse sentimento era geral, poucas luzes pela cidade, eventos cancelados e o isolamento social ainda se fazia necessário. Havia uma certa tristeza no ar. Não parecia Natal.

No dia 24 de dezembro de 2020, em Darcinópolis (TO), acordamos por volta das 10:00 horas da manhã, eu, Elson (meu esposo), Luiz Otávio (filho caçula). Normalmente comemoramos essa data junto à minha família. Tomamos banho, nos trocamos e, resolvi entrar em contato com minha irmã caçula para saber se ela gostaria de ir à cidade mais próxima, neste caso Araguaína, para comprar os presentes para as crianças. Minha mãe (Minelvina), incentiva os netos a escreverem uma cartinha para o Papai Noel pedindo um presente de Natal. A cartinha é colocada na árvore que, supostamente, desaparece .

¹ Mestranda em Ensino de História (ProfHistória) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em História pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína). Atualmente é professora na Rede Estadual de Ensino do Tocantins (SEDUC/TO). E-mail: eldainy@gmail.com.

Às 10:15 horas Luiz Otávio, nosso caçula, pediu para ir até a praça da cidade onde estava acontecendo um evento para as crianças com a presença de Papai Noel, meu irmão que ajudava no evento, iria cuidar dele. Ele foi sozinho, é um menino muito esperto, a praça também fica pertinho de casa. Minutos depois, liguei para meu irmão para confirmar se de fato, Luiz Otávio havia chegado. Tudo certo, eles estavam juntos, respirei aliviada.

Às 10:20, ainda estava aguardando a resposta de minha irmã, quanto a sua ida a Araguaína. Todos os anos programamos todos os detalhes juntos. Esse ano atípico, nos tirou um pouco do desejo de comemorar o Natal. A pandemia revirou as nossas vidas pelo avesso. Às 10:45, minha irmã confirmou que poderia ir sim, então liguei para um amigo da família, Denilson, para saber se ele poderia levar minha irmã às compras de Natal. Denilson, prontamente se prontificou a levá-la e perguntou se mais alguém iria, pois, sua esposa também desejava ir. 10 minutos depois eu, meu esposo e nosso filho dirigimos para a casa da minha mãe onde minha irmã estava. Fomos de moto, meu esposo carregava sua vasilha de medicamentos. Ele toma remédios várias vezes ao dia. No trajeto até a casa da minha mãe, percebi que havia pouquíssimas pessoas nas ruas, provavelmente era efeito da Pandemia, nessa época do ano o movimento nas ruas e comércio, era bastante expressivo.

Eu deveria ficar com José Luiz, meu sobrinho (um bebê de 1 aninho de idade), enquanto ela estivesse fora. Combinamos os detalhes: Minha irmã deveria comprar os presentes e algumas frutas, a cartinha “que havia sido escrita para o Papai Noel” iria ajudar na hora das compras. Eloísa e João Pedro já adolescentes, não acreditam mais em Papai Noel, é claro. Mas, normalmente tentam chantagear, dizendo que irão contar a verdade para o caçula caso não recebam nenhum presente. Enquanto

Elquiria (minha irmã caçula) estivesse fora, eu deveria colocar o bebê para dormir, dar a comida no horário certo, enfim, todos os cuidados que se devem ter com um bebê. Por volta de 11:30, já havia dado o almoço para meu esposo e os remédios que ele toma nesse horário. Nossa mãe e pai não estavam em casa, minha mãe trabalha de ASG em uma escola estadual aqui da cidade. Neste dia, ela estava de serviço, de acordo com uma escala.

Às 12:15, o bebê José Luiz tomou sua sopinha de legumes dada por sua mãe (Elquiria) minha irmã, em seguida ela colocou o bebê para dormir. A essa altura o meu esposo Elson, já dormia também em uma rede na área. Por volta das 13:00 horas, Ana Maria (vizinha) veio dar uma organizada na casa, ela sempre ajuda minha mãe com os afazeres da casa. Enquanto isso, Elquiria se arrumava para ir à Araguaína. Às 13:30 horas, Denilson chegou acompanhado de sua esposa para juntos viajarem. Entreguei o dinheiro para as compras e nos despedimos. Cinco minutos depois, meu irmão Elton chega acompanhado do meu filho caçula Luiz Otávio, após o evento de Natal na praça, foram fazer um lanche numa conveniência no posto de combustível da cidade. Elton e Luiz Otávio possuem uma relação linda. Luiz Otávio falou que não havia recebido presente do Papai Noel na praça porque, se ele recebesse, poderia faltar para alguma criancinha que não tem condições de comprar. Então como ele foi compreensivo, o tio o recompensou dando-lhe outros brinquedos.

30 minutos após minha irmã sair, seu bebê acordou, ele dorme bem pouco. Peguei no colo e fomos para fora do quarto, fiz sua mamadeira e dei a ele. Meu filho do meio chegou, João Pedro, e me ajudou a cuidar do bebê o restante da tarde. Por algumas vezes, minha irmã me ligou para tirar dúvidas quanto ao que comprar de presente para as crianças pois,

os brinquedos que eles haviam pedido na cartinha, não haviam sido encontrados e, precisavam ser substituídos.

A tarde transcorreu tranquilamente, me revezava entre os remédios do esposo e os cuidados com o bebê. Por volta das 18:00 horas, minha irmã já estava de volta trazendo as compras. Fui ajudar a descarregar as compras e, minha mãe que também havia acabado de chegar, ficou escondendo o caçula para que ele não visse os presentes e descobrisse a verdade sobre Papai Noel. Meu irmão foi para Araguaína, pois no outro dia deveria trabalhar. Normalmente ele trabalha aos feriados, raramente comemora alguma data especial conosco, às vezes acho que é de propósito.

Decidimos que não faríamos uma ceia na véspera de Natal como já era de costume. Optamos por fazer um café da manhã no capricho e, ao invés de os presentes aparecerem debaixo da árvore, as crianças deveriam fazer uma caça ao tesouro. Estava tudo programado, após ajudar minha mãe a guardar as compras, fui para casa com meu esposo. Às 20:00 horas já estávamos deitados, o dia seguinte seria cansativo.

No dia 25, às 6:00 horas, eu já estava de pé. Dei a medicação ao meu esposo e fui até a casa da minha mãe para organizar o café da manhã como havia combinado com minha irmã. Ela já estava acordada lavando as frutas, a sala já estava decorada, muitos enfeites de Natal, bolo decorado com tema Natalino, mesa posta com toalha vermelha, pires, xícaras, castiçais. Tudo bem pensado, nos mínimos detalhes. Às 6:30, fui até uma padaria próxima de casa para comprar pães. Parei a moto e já fui tropeçando na entrada, quebrei o chinelo. Fiz as compras e voltei descalça para casa. Por volta das 7:00 horas, tudo já estava pronto, voltei a minha casa para levar o caçula. Meu esposo não quis ir, pediu para ficar dormindo. O caçula despertou, tomou banho, vestiu uma roupa

nova e fomos para o tão esperado café da manhã. Uma amiga da família, havia sido convidada também para o café. Todos reunidos na sala, foi dado início a brincadeira de caça ao tesouro. As crianças se divertiram bastante, correram pela casa e encontraram todos os brinquedos escondidos, depois tiraram muitas fotografias para registrar esse momento. Só as 9:00 horas, sentiram fome e foram tomar café da manhã. Logo em seguida, já demos início à preparação do nosso almoço. Foi tudo simples, mas, feito com carinho e alegria. As crianças corriam pela casa, meu pai acendia a churrasqueira e as mulheres da cozinha encaminhavam o almoço e conversavam alto. Ao meio-dia estava tudo pronto: arroz, uma salada especial, vinagrete, creme de milho e o melhor churrasco do mundo, feito pelo meu pai.

Minha filha Eloísa, tomou café conosco, mas, foi almoçar com a família do namorado numa cidadezinha próxima. Isso era novo para nós.

Após o almoço, como de costume, organizamos a cozinha e todos deitam e tiram um cochilo. Todos dormiram bastante. Inclusive eu, mas acordei primeiro do que os outros. Sentamo-nos na área que parece ser a parte preferida da casa e conversamos bastante, fizemos a retrospectiva de 2020 e falamos sobre os planos para 2021. Eles sempre falam sobre mim, nesse momento em especial se referiram ao mandato eleitoral que eu iniciaria no ano seguinte. As expectativas são grandes, da parte deles, percebo que a torcida é para que eu não os envergonhe. Às 17:00, busquei minha sogra em sua casa para que juntos fizéssemos um estudo bíblico. Ao final, levei-a de volta.

Por volta das 18:00, comecei a organizar as coisas para voltar para casa, jantamos o que sobrou do almoço e ficamos juntos até as 19:00 . Em seguida me despedi de todos, pedi benção aos meus pais e fomos embora. Chegando em casa, tomamos banho, e fomos descansar. O

nosso Natal foi bem diferente dos anos anteriores, mas, ainda tivemos a oportunidade de comemorar juntos e isso é o que verdadeiramente importava.

5

NATAL EM FAMÍLIA, COM PROTEÇÃO DIVINA

*Francisca Leidiane Privino Gomes dos Santos*¹

Muricilândia - TO, 24 de dezembro de 2020, às 05hs da manhã, horário esse que levantei pra preparar o café do meu esposo Roberto pois, o mesmo trabalha há anos em uma fazenda próxima da cidade de Muricilândia, como peão de boi, esse horário é complicado bate uma preguiça de levantar, mas logo voltei pra deitar, acordando de fato as 07hs, véspera de Natal, friozinho bom, querendo chover, peguei meu celular e fiquei olhando as mensagens, tenho este hábito todos os dias, agradei a Deus e levantei pra ir no banheiro, banhar, escovar.

Como moro ao lado da casa de meus pais tomo café sempre com eles, um momento muito bom em nossas vidas adora o cuscuz que minha mãe faz, leite quente, quem faz o café é meu pai todos os dias, ao chegar à casa de minha mãe percebi que algo não estava certo, minha mãe foi logo falando que não tinha dormido nada com meu avô sentindo muitas dores no pé da barriga, meu avô está agora morando com meus pais, meu avô está com a saúde muito abalada, ele tem 95 anos, problema de próstata C.A, usa sonda e perdendo muito sangue. Estamos todos aflitos. Ele se chama Gerardo Privino.

Conversando com minha mãe Joana, minha irmã Daiana, e minha Tia Cecília, na hora do café que também estavam comendo cuscuz,

¹ Mestranda em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Biologia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína). Atualmente é professora na Rede Estadual de Ensino do Tocantins (SEDUC/TO). E-mail: leidianeprivino2012@gmail.com.

decidimos então esperar um pouco, se vamos ou não fazer nossa ceia de Natal, que será na minha casa aqui ao lado da casa de meus pais, minha mãe está muito nervosa, com a situação do meu vô. É muito difícil ver um ente querido sofrendo de dor.

Meu pai João depois que aposentou passou a ajudar nos afazeres domésticos, como lavar a louça da casa, com isso se torna um ato muito divertido, pois lava a louça reclamando o tempo todo, quando entra na cozinha e ver copos sujos, se irrita dizendo: *“Não vou mais lavar nada de louça, quem sujou que lave”*, falando para nós que estávamos comendo. Neste momento chega meus tios Francisco e Maria para visitar meu avô, mais primeiro tomaram café, e comeram cuscuz, mas louça suja, todos sorriram de meu pai. Em meio às brincadeiras é notável a preocupação de todos, na casa da minha mãe há uma movimentação, pois minha família é muito grande. Minha mãe e meus tios foram para o quarto onde meu avô está, ficamos conversando na cozinha na como será nosso Natal, para combinarmos iremos fazer, lembrando que será o mínimo de pessoas, minha preocupação é comprar o que? Sem dinheiro. Estava eu aguardando pagamento de meu aluguel e não recebi nada. Passar o Natal sem dinheiro ninguém merece. Meu inquilino viajou, deixando apenas uma mensagem que só vai pagar depois do Natal.

Minha tia pediu para aguardarmos mais um pouco. O momento não está nada bem aqui em casa. A tristeza é nítida no rosto da minha família, perdemos nossa avó em março deste ano. Fui comprar carne para o almoço, no mercado aqui perto da minha casa, gosto de ir andando para conversar com meus conhecidos, no decorrer da caminhada. Chegando no mercado, já vi o preço absurdo da carne, comprei mesmo só o suficiente para o almoço, carne do dia, fresquinha. Quando cheguei a casa minha vizinha estava a minha espera veio pagar a internet que dividir

com ela durante esse mês, ela veio trazer sua filha para ganhar bebê, pois elas moram no estado do Pará, segundo ela tudo é mais complicado por lá, aqui em Muricilândia se torna mais fácil devido o conhecimento, e por ter casa própria na cidade. Conversando com ela, foi logo contando toda feliz que o umbigo de seu netinho tinha caído, sorriu bastante quando ela me falou que tem que guardar, para os ratos não carregarem, pois caso aconteça, a criança pode virar ladrão. Vai levar para enterrar na porteira da fazenda dela, para se tornar fazendeiro. Lembrou ainda que alguém lhe disse que o lugar onde o umbigo e enterrado influencia no destino da criança, ainda explicou que tem que esperar uns dias, pois tem uma doença que só é curada com o chá do umbigo, e que existe várias simpatias com o umbigo de bebê. Fiquei ouvindo atentamente suas histórias, minha vizinha é sensacional, muito interessante as “superstições”, os conhecimentos dela.

Como ela mora numa fazenda, ensinou-me como cuidar do meu canteiro. Meus pés de pimentas que os fungos estão tomando de conta. Tenho algumas plantas na minha casa, que não estão bonitas, pois não tenho tempo para cuidar como deve ser. Ela também falou sobre as receitas que devem ser feitas e jogadas nas plantas. Neste momento lembrou que tem que fazer o almoço de sua filha que está parida.

Às 9:45 horas, também fui cuidar do almoço na casa da minha mãe, mas antes tive ainda que acordar meus filhos, Fernanda e Gustavo. Uma preguiça que Deus me livre, credo! Mas também um tempinho frio querendo chover; tive que falar alto para os meninos se levantarem da cama, fazendo frio e o ventilador ligado, é difícil levantar-se. Minha mãe me gritou para fazer o almoço cedo, chegando à casa da minha mãe, minha tia Cecília já estava um pouco mais animada, e meu avô deu uma

melhorada. Comecei o almoço, arroz, feijão, costela com mandioca e salada.

Minha tia Antônia acaba de chegar com uma comida para meu avô, uma comida bem cearense: mungunzá feijão, milho e toucinho de porco com bastante cheiro verde, meu avô adora! Ele comeu um pouquinho, mas comeu. Meu filho Gustavo, de 07 anos, olhou aquela comida com um olhar, achando tudo estranho, perguntando que comida era aquela? Enquanto isso eu e minha irmã fazendo almoço, tive que preparar cuscuz para meus filhos, essa hora foi um entra e sai aqui na casa da minha mãe, uma bagunça boa. Todos falam bem alto. Decidimos que quando terminar o almoço todos almoçarem, vamos a Santa Fé do Araguaia (TO), cidade pertinho de Muricilândia, cerca de 10 quilômetros, fazer as compras de Natal. Vamos ao supermercado, procurar promoções nos produtos para o Natal. Terminou o almoço arrumamos tudo, e fomos para nossa viagem, tive que enganar meus filhos querendo ir também, devido estar com pouco dinheiro, resolvi deixá-los, ficaram com raiva em casa com meu esposo que tinha chegando para almoçar, ele vem almoçar em casa todos os dias, saímos rapidamente eu, minha mãe, minha tia e minha afilhada, minha irmã ficou com meu vô, na estrada combinados que esse ano vai ser diferente. Liguei para minha prima Maria da Guia para convidá-la, e explicar que cada um poderá trazer um prato pronto de comida Natalina, vamos fazer apenas salpicão, arroz, *stroganoff* de frango, macarronada, vinagrete. A carne para assar, devido ao preço, vamos comprar em menor quantidade. Vamos fazer fricassê, comprar cerveja e refrigerante. Minha prima retornou à ligação para falar que vai fazer um escondidinho de carne de sol.

Fizemos as compras, com pouco dinheiro ainda comprei presente para meus filhos uma roupa para cada um. Decidimos também comprar

alguns brindes para sortear, coisas baratas mesmo só para brincar de bingo para não ser somente a ceia, animar mais ainda nosso Natal. Passamos horas andando em Santa Fé, minha afilhada queria comprar um vestido, para usar hoje, até falei para ela deixar esse vestido para o ano novo, na cidade de Santa Fé muitas pessoas transitando normalmente sem máscara, parecendo que o COVID-19 já tinha acabado. Sendo que essa doença é transmitida por um simples aperto de mão, minha mãe começou a se apavorar para chegar logo em casa, sempre com álcool em gel 70%, máscara para melhor prevenção.

Ao chegarmos a Muricilândia, por volta das 16:30 horas, minha irmã estava nervosa e fomos levar meu avô ao posto de saúde, ele não estava bem, muito sangue na sonda, guardamos as compras e já com aquela preocupação, minha mãe já querendo acabar com tudo novamente, nossa ceia. Fomos ao posto de saúde pertinho da minha casa, ao chegar à Unidade da Saúde todos conhecem meu avô e seu problema de saúde.

Às 18:26 horas, fomos arrumar minha casa, fazer a decoração, colocar pisca-pisca. Eu minha sobrinha Hyonara, minha filha Fernanda, essa hora foi bastante divertida, tive que subir na mesa, e as meninas segurando, tudo para deixar minha área bem bonita para nosso Natal, minha irmã e minha afilhada preparando as comidas. Arrumamos tudo, neste momento meu esposo chegou da fazenda e já combinou com meu tio Alionês que vão comprar uma caixa de cerveja em garrafa, logo arrumaram a churrasqueira na casa do meu sogro, o carvão foi comprado, essa era a parte deles, tudo organizado. Arrumamos tudo rápido, uma correria. Às 20:00 horas, ainda arrumando meninos banhando, fomos banhar e trocar a roupa, claro! Colocamos cadeiras, mesas, para esperar o povo, poucos convidados. Meu pai, sempre é o dono da churrasqueira

começou a assar carne. Meu pai não toma nada de bebidas alcoólicas, na primeira rodada de carne assada a meninada corre para a perto churrasqueira, a cerveja estava no ponto gelada, som ambiente. Por volta das 21:40 horas já chegando meio noite minha tia levou meu vô para tomar soro, passando mal novamente, dando febre, nossa que complicação. Deu tempo de chegar antes da meia noite. Organizamos a mesa que ficou bem bonita, painel, os brindes, meu sogro e minha sogra chegaram para confraternizar o Natal conosco. Minha mãe e minha tia foram organizar a dormida do meu avô que estava de observação na expectativa de ir ou não para Araguaína. Às 12:00hs comemoramos o nascimento do menino Jesus, fizemos nossas orações como católicos que somos. Todos jantaram a comida estava uma delícia essa com certeza a melhor hora, todos em volta da mesa querendo comer ao mesmo tempo, tia Fátima, tio Raimundo, Glória, Maria da Guia, Lázaro, Minha Tia Cecília, Aleones, Nayra, Hyonara, Diego sempre é o último a chegar, meu Pai e minha Mãe e minha irmã, meu irmão estava pra casa do sogro dele, minha irmã mora em Araguaína não veio, sentimos falta, logo depois da janta aconteceram nossos sorteios, bingo, essa hora é só briga, confusão todos querendo ganhar, os brindes deu pra todos que estavam presentes eram poucas pessoas, só mesmo pra que nossa confraternização fosse divertida, e conseguimos fazer nossa noite maravilhosa. Todos arrumados bem-vestidos, felizes, tiramos fotos, rimos muito. Eu estava linda, com um vestido novo que ganhei da minha mãe, meus filhos também de roupas novas, meu esposo só com a gelada na mão, meninos correndo, os adultos sentados conversando. Foi muito bom, graças a Deus deu tudo certo, sobrou bastante comida. Minha tia ainda fez uma marmita para meu primo que não veio, trabalhando em sua adega. Natal é amor e é fé, mas também é reflexão e reconhecimento. O nascimento de Jesus revela

o quanto a esperança tem de ser grandiosa. Natal é presente e é papai Noel, mas antes é paz entre todos os povos. Vamos viver esta data com misericórdia e solidariedade nos atos. Depois que o povo começou a ir embora, ficando somente os que gostam de tomar aquela cerveja gelada, ouvindo aquela música animada, bem baixinha conversando até às 03:30 horas. Mas antes deu arrumada na bagunça prevendo que poderia ir para Araguaína levar meu avô. Organizei tudo, juntei o lixo, arrumei as cadeiras, mesas, deixei a louça suja na pia, tomei banho e fui me deitar, estava muito cansada. O dia foi muito puxado, mais gratificante, saiu tudo como queríamos.

As 07:00 horas do dia 25/12 já estava acordada, uma ressaca de sono e de cerveja gelada, minha irmã veio me chamar, meu avô passando mal, tomei um banho, vestir uma roupa rapidamente, escovei os dentes, minha mãe veio correndo comunicar que foi feito o encaminhamento do meu avô, pelo enfermeiro para Hospital Regional de Araguaína (HRA), já arrumei minha bolsa colocando roupas, pasta, escova, sabonete, calcei um chinelo e sai correndo. Quando cheguei à casa da minha mãe ainda deu tempo para tomar café. Tudo pronto somente meu vô sentindo muitas dores, ele é muito calado, sempre foi de poucas conversas, tranquilo, calmo. Minha família foi chegando, começou um chororô, fiquei aguardando a liberação do hospital, eu já pensando no sofrimento dele. Achei muito interessante minha prima Gracinha, que chegou com minha tia Graça, evangélica assídua, logo começou a orar só entrarmos na ambulância depois que ela fez sua oração por todos, principalmente ao nosso avô. Às 09:15 horas, à ambulância chegou na casa da minha mãe entramos, o motorista muito paciente e educado, vendo o sangramento do meu avô, chamou na velocidade, gastamos menos de uma hora para chegarmos em Araguaína, fomos o tempo todo conversando dentro da

ambulância, para não deixar meu vô dormir. Chegando ao hospital, logo fomos entrando, mas devido a burocracia, ficamos sentado por horas esperando o atendimento. Uma médica muito jovem atendeu meu avô, logo fui explicando para a médica os problemas dele, ela já foi falando que era caso de internação, problema de saúde de meu avô é muito sério, devido à idade sem muitas esperanças, deu vontade de chorar neste momento. Ela explicou que devido ao momento que estamos vivendo com essa doença que é o COVID-19, no hospital não tem troca de acompanhante, não tem visitas, eu pensei logo: “é uma ‘prisão’”. Ficamos no corredor até que arrumaram uma maca para ele, e uma cadeira para mim como acompanhante, sinceramente bateu aquele desespero. Já prevendo nosso sofrimento, em pleno Natal que tristeza mais sabia que naquele momento meu avô precisava da minha ajuda, jamais iria deixar meu avô sozinho naquela situação. A médica falou que iríamos passar uns sete dias ou mais. Urologista esse, um homem sem coração, bruto, sem conversa com paciente e nem com acompanhante, foi logo pedindo um ultrassom, exames de sangue e outros. O sangramento continuava sem parar. A maneira como as pessoas humanas são tratadas quando necessitam de atendimento de saúde, mostra a triste realidade da administração pública em zelar por esse direito garantido constitucionalmente. Descaso, negligência e principalmente a falta de respeito com os cidadãos. Uma tristeza a situação do Hospital Regional de Araguaína. Chegou à noite com certeza a pior parte, desconforto total, apenas uma cadeira com os macarrões quebrados, puro ferro, sentei-me e por alguns minutos fiquei a observar olhando a quantidade de idoso. Como gosto de conversar já fui querendo saber os problemas dos que estavam por perto de nós, cada um, mas grave que o outro, à espera de um atendimento igualitário, coisa que não acontece

infelizmente nosso sistema é muito falho, alguns profissionais tentam fazer o melhor, o sistema não ajuda. Por volta das 18hs, foi servido o jantar uma sopa sem sal, sem gosto, não querendo menosprezar, mais uma comida dessa ninguém merece, os acompanhantes a mesma comida, dormir sem comer nada. Às 19:26 horas, fui tomar banho, um banheiro para mais de 50 pessoas, tem que ter estômago para banhar no hospital. Às 20:00 horas, fiquei em pé só observando tudo, meu Deus é muito sofrimento. Por volta das 22:00 horas, arrumei minha cadeira forrada com lençóis, toalhas, para que pudesse dormir, ou melhor, tentar. Eu sabia que seria uma noite longa. Assim foi meu Natal na esperança de dias melhores para todos nós. Seja forte, seja confiante em si mesmo, tenha pensamentos positivos, dias melhores virão se não for hoje ou amanhã, será depois, mas chegará, confie em Deus, ele não faz nada em vão. A cada dia ruim, faça igual à Fênix, renasça e levante a cabeça, pois dias melhores estão por vir.

6

TRADIÇÕES E SIMBOLISMOS DO NASCIMENTO EM TEMPOS DE MORTE

*Gilson Gomes Coelho*¹

No dia 24 de dezembro de 2020, participaram deste estudo etnográfico Natalino, três pessoas, Neuma Gomes Coelho e José Gomes Coelho, ambos 65 anos de idade, e o próprio pesquisador, filho deles, com 37 anos. Aqui, apresento uma observação de natureza participante, cujo objetivo é compreender a partir da perspectiva dos envolvidos os rituais e práticas que aconteceram no Natal.

O registro aconteceu na cidade de Buritama, estado de São Paulo. Iniciando-se às 08:30 horas, momento em que o pesquisador acorda e vai tomar café com a mãe, que o espera com café, pão feito em casa, suco de laranja e tapioca com queijo. Ao me sentar à mesa, recebo da minha mãe um abraço e um beijo na cabeça. Logo em seguida, recebo o agradecimento pela presença numa data tão significativa, em que no ano passado, eu não pude me fazer presente. No mesmo horário, meu pai, estava deitado num colchão posto na sala, queixando-se das dores provocadas pela hérnia de disco, enquanto comíamos.

Interrompi o café da manhã e fui até a sala, passar nas costas dele um gel de arnica, na perspectiva de que os desconfortos diminuíssem e depois, retornei à cozinha para comer. Às 09:43 horas, término o café e

¹ Mestre em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Assis). Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (CPAN-UFMS). É professor na Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS). E-mail: gilsonpsico@gmail.com.

entro no banho, pois havia combinado com minha mãe de irmos ao supermercado, comprar coisas para fazer uma ceia de Natal improvisada, para comemorarmos o nascimento de Jesus.

Após sair do banho e trocar de roupa, colocamos máscara e nos dirigimos ao supermercado sem levar nenhuma lista prévia. Às 11:23 horas, chegamos ao supermercado que nesta época do ano costuma estar abarrotado de pessoas. Enquanto pegávamos frutas: pêssego, morango, laranja, uva, mamão, melancia, abacaxi, melão e limão e bebidas: uma garrafa de vinho tinto e oito garrafas de cerveja *long neck*. Compramos ainda, pão francês, leite condensado e nos dirigimos a um mercadinho de bairro, conhecido na cidade, por produzir a melhor linguiça da cidade e lá compramos carvão, tulipas de frango, carne bovina e a famosa linguiça local, para fazermos um churrasco à noite.

Chegamos em casa exatamente às 13:04 horas, onde encontrei meu pai molhando as plantas no quintal, enquanto fumava. Disse que as dores haviam diminuído. Logo depois, ele foi apanhar acerola no pé para fazer um suco e minha mãe, foi esquentar a comida que havia sobrado do dia anterior para almoçarmos.

Como meu pai tem um quadro delicado de saúde (cirrose hepática), minha mãe esquentou sopa para ele e nós comemos arroz, feijão, macarrão, salada de alface e tomate e bife acebolado. Almoçamos na varanda, pois a cozinha estava muito abafada e posteriormente, (14:21 horas), dirigi-me até a cozinha, para ajudar minha mãe na preparação de um bolo de fubá e um pudim de leite condensado.

Enquanto quebrava os ovos, minha mãe começou a falar sobre o Natal em família, trazendo lembranças dos presépios que minha irmã mais velha costumava fazer, assim que o mês de dezembro era iniciado. Ao ser interrogada sobre o sentido disso, ela ligeiramente respondeu,

que a repetição disso acontecia todo ano apoiada na crença herdada de sua infância.

Segundo minha mãe, o presépio retrata o nascimento de cristo e a renovação da vida, e que seria bom fazer isso dentro das casas, porque as famílias e o lar ficavam protegidos. Enquanto fazia essa explanação, ria ao lembrar da sujeira que fazíamos com a areia que pegávamos na beira do Rio Moxotó e levávamos para dentro de casa. Na ocasião, enquanto eu batia os ovos, ela foi me informando sobre as mudanças que tem passado por conta da pandemia de COVID-19. Disse ela, que meu pai, um homem que sempre gostou muito de bater perna, tornou-se alguém muito amedrontado em sair de casa, devido às inúmeras internações pelas quais passou, no último ano.

Contou-me que ele costuma ficar boa parte do dia sentado na calçada, fumando e buscando se informar de tudo o que acontece na vizinhança. Depois, às 15:00 horas em ponto, foi até a sala levar o remédio que ele tem que tomar todos os dias pela sua condição crônica de saúde.

Na sala, meu pai estava vendo a reprise de alguns episódios do personagem “Mazarope”. Relatou que não enjoava de ver as mesmas coisas, inúmeras vezes.

Às 15:05 horas, retornamos para a cozinha. Nesta hora, comentou que uma tia minha havia mudado de religião e ela, como católica fervorosa, reiterou que jamais faria isso, afinal cresceu dentro dessa religião, onde relatou que os ensinamentos sempre serviram para nortear seus comportamentos e para a criação dos filhos e que estava triste, por não poder ir à missa de modo presencial, como sempre fez durante vários anos, mas que iria assistir a uma celebração local, que seria transmitida pela rádio local às 19:00 horas.

Enquanto conversávamos, às 15:12 horas, ouvimos a amiga da minha mãe Maria, chamando-a em frente de casa. Rapidamente minha mãe responde, Maria entra e começa a falar do relacionamento conturbado com ex-nora, queixando-se do modo pouco atencioso com que a moça cuidava de seus netos. Enquanto isso, minha mãe coloca panela com água no fogo para preparar o café e se familiarizar com os conteúdos que Maria trazia.

Às 15:36 horas, enquanto o café era servido com pão francês, requieirão mineiro e geleia de jabuticaba, preparada pela minha mãe, Maria começou a perguntar sobre o que teríamos na celebração Natalina e minha mãe disse que inventamos um churrasco improvisado, comemorativo.

Com isso, ressaltei que o churrasco foi escolhido por ela na ocasião, por saber que era um hábito valorizado por mim, sempre que chego em casa de alguma viagem e que, de alguma forma ela queria imprimir neste dia, minha chegada na noite anterior era motivo de comemoração.

Já as 15 horas e 53 minutos, minha mãe coloca o bolo no forno e vai lavar a louça. Enquanto conversava com a amiga, aproveitei para tomar banho e pouco tempo depois, ouço às 16:15 horas uma batida na porta, em que Maria despedia-se e me desejava feliz Natal.

Ao sair do banho e já vestido às 16:31 horas, minha mãe me chama para fazer caminhada, em que a o início aconteceria depois que o bolo ficasse pronto e logo em seguida, nos antecipamos para calçar tênis e colocar roupa apropriada para caminhar.

Às 16:52 horas, minha mãe retira o bolo do forno, enquanto isso, meu pai estava sentado numa cadeira de área que ele havia colocado na calçada. Logo em seguida, nos despedimos e fomos caminhar até a saída da cidade, sentido a cidade de Birigui. Enquanto caminhávamos,

coloquei o celular para gravar, pois não tinha possibilidade de alimentar a etnografia que estava escrita à mão no meu diário de campo. E claro, ela me perguntou sobre a necessidade disso e eu prontamente expliquei os motivos e do que se tratava, mas logo em seguida, ela diz que não tinha nada de interessante que pudesse ser registrado e sorriu.

Ao longo do percurso, ela foi mostrando os estabelecimentos novos da cidade, ao mesmo tempo em que me informava sobre os antigos que haviam fechado após o surgimento da COVID-19. Com isso, foi dito sobre a compaixão que sentia pelas pessoas que estavam desassistidas nesse momento e levantou as mãos para o céu, agradecendo por ela e meu pai estarem aposentados há um tempo.

Ao perguntar sobre o comportamento das pessoas em relação a pandemia no Tocantins, disse que a grande maioria não respeitava o isolamento e que não havia a empatia necessária para o enfrentamento dessa situação nova e ela, rapidamente disse que a realidade em Buritama é difícil e começou a me informar sobre os inúmeros casos e mortes de pessoas que ela acreditava que eu conhecia, mas eu não lembrava.

Passamos na praça central “Ana Rita Mendes” e nas proximidades da igreja matriz, para ver os enfeites e a decoração Natalina, que já é uma antiga tradição na cidade e funciona como ponto de encontro das famílias.

Notei que especificamente este ano, palavras de motivação foram distribuídas ao longo de toda praça: fé, persistência, amor, bondade, amor e compaixão, aparecendo em tamanhos bem grandes e com iluminação bem chamativa.

Ainda no percurso de caminhada, o tempo começou a mudar, dando início a uma chuva amena e por isso, resolvemos parar numa

sorveteria para tomarmos açaí. A essa altura, olhei no relógio do estabelecimento, que marcava 18:20 horas. Peguei um açaí com morango e ela açaí puro. Ficamos sentados no estabelecimento por 15 minutos, tempo suficiente para o tempo ficar estável e continuarmos o nosso percurso de volta para casa.

No retorno, resolvemos parar no mercadinho de carnes para comprar café, mas acabamos desistindo da ideia, porque havia uma fila muito grande e controle de entrada no local estava sendo monitorada. Minha mãe e eu, ainda tínhamos que tomar banho e se sentar para assistir à missa.

Às 19:00 horas em ponto, a missa inicia-se. Eu que não sou católico, acompanhei minha mãe em seu ritual. Coloquei o copo d'água perto do rádio e começamos a ouvir a missa. Durante a exposição das falas, muito do que foi dito, tinha conexão com o evangelho de Mateus, 11, 11-5, *“Naquele tempo, disse Jesus à multidão: 11 “Em verdade eu vos digo, de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino dos céus é maior do que ele. 12 Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos céus sofre violência, e são os violentos que o conquistam. 13 Com efeito, todos os profetas e a Lei profetizaram até João. 14 E se quereis aceitar, ele é o Elias que há de vir. 15 Quem tem ouvidos ouça.” – Palavra da salvação.*

O ritual religioso girou em torno da violência no mundo e da falta de amor tão presente entre as pessoas. A partir das falas, como sempre foi costume nos rituais religiosos da família, minha mãe fez questão de fazer associações diretas entre a palavra, considerada por ela sagrada e a nossa atual realidade.

Falou da pandemia e do quanto ainda precisamos cultivar o amor e ajudar as pessoas que mais precisam. As 20:20 horas a missa foi

encerrada e minha mãe saiu distribuindo os goles de água benta para ela, meu pai e eu.

Segundo a crença dela, quando tomamos a água benta, estamos levando purificação para o nosso corpo. Esse feito sempre foi valorizado e ela acredita que isso ajuda muito a manter a saúde física.

No horário de 20:33 horas, começo acendendo com dificuldade a churrasqueira, que por conta da umidade, precisei do auxílio do meu pai. Este saiu separando pedaços de madeira que tirou de uns móveis velhos que costuma guardar no “*quartinho da bagunça*”, um depósito improvisado, feito no quintal da casa para guardar coisas antigas, entulhos e resto de materiais não utilizados em alguma atividade de construção.

Jogamos no carvão essas madeiras, papelão, óleo de cozinha usado e álcool.

Como meu pai tem horário para comer e ambos são idosos, não é costume servir a comida meia noite. Costumamos comer antes, à medida que temos vontade, de forma muito livre. Aliás, esse sempre foi o costume, mesmo quando eles eram mais novos.

Quando estamos em outros espaços e não somente com os membros da família nuclear, fazemos tranquilamente essa adaptação.

Por volta das 21:10 horas, começamos a colocar as carnes, linguiça e pão de alho na churrasqueira e como é típico dessas ocasiões, colocamos num rádio antigo, um entre os tantos, CD 's de Roberto Carlos, cantor favorito de minha mãe.

Neste horário, meu pai já havia ido para o quarto dormir, sem se despedir de ninguém. Posteriormente, ouvimos “*Renato e Seus Blue Caps*”.

Quando deu 21:52 horas, começamos a comer o que assou primeiro (pão de alho e carne) e brindamos com apenas uma taça de vinho. Digo

apenas uma taça de vinho, porque mesmo diante da minha insistência, ficamos numa só. Esse autocontrole já tem mais de três décadas, depois de um episódio em que minha mãe ficou embriagada pela primeira e última vez e passou muito mal.

Comemos e tomamos suco de acerola e posteriormente, às 22:28 horas, fizemos chamada de vídeo pelo celular para conversar e desejar feliz Natal para minha irmã, cunhado e minha sobrinha mais nova que é a única criança da família.

Falamos com Isabella, que tem três anos e imediatamente ela fez questionamentos sobre o presente de Natal e saiu correndo. Depois, falamos com minha irmã Neusa (46 anos), que começou a contar sobre a neném e suas condutas engraçadas.

Durante a conversa, fomos interpelados pelo choro da minha sobrinha que entrou correndo, porque viu que a churrasqueira do pai tinha um buraco e por isso, deduziu que não seria possível ter o churrasco. A situação foi engraçada e rendeu boas risadas.

Enquanto a ligação de vídeo acontecia, comíamos muito e às 23 horas e 21 minutos, encerramos a conversa. Depois disso fui tomar banho e enquanto isso, minha mãe ligava para a minha avó e tias que moram em Jatobá, estado de Pernambuco.

Sai do banho às 23:51 horas, com os dentes já escovados e a essa altura, minha mãe tinha guardado os alimentos em recipiente próprio para colocar na geladeira. Logo em seguida, fui para o quarto, enquanto minha mãe foi tomar banho, que durou até 00:16 horas.

A essa altura, já estava deitado e minha mãe ao sair do banho, passou e me deu um beijo de boa noite.

7

NASCE UMA ESTRELA

Izabel Brito Aguiar dos Santos ¹

Era 24 de dezembro de 2020, ano difícil de pandemia de um vírus chamado Corona, que desencadeia uma doença a COVID-19, à espera da vacina, o momento é de agradecer e não de celebrar, estávamos todos prontos para o Natal, convidados e anfitriões, eu vestia um vestido verde piscina estilo princesa no comprimento do joelho e uma tiara de strass me sentindo a própria Lady Dy naquele momento em que nos encontrávamos sentados à mesa, muita emoção em volta, posso confessar que me senti como se tivesse na época medieval do evento, na Santa Ceia ao lado de Jesus com os doze discípulos. Éramos dez pessoas: os anfitriões Amanda e Sebastião; Zé Carlos, sogro da Amanda; seus filhos Bernardo e Beatriz; Léo, o veterinário da fazenda e amigo da família; Catiane, a secretária; minha mãe Dona Antônia, meu esposo Geraldo Júnior e eu. No entanto afirmo que esse momento não começou aqui, costumo dizer que festa é antes, durante e depois, meus planos inicialmente era passar o Natal com a minha família no Varjão, comunidade onde mora minha avó, e alguns familiares, entretanto isso não aconteceu por motivos alheios a minha vontade, Amanda uma amiga recente havia nos convidado para passar o Natal juntos, entretanto o plano A era passar com minha família e o plano B era com Amanda, ela ria disso.

¹ Atuou como aluna especial no Mestrado em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Direito pela Faculdade Católica Dom Orione (FACDO/Araguaína); Possui MBA Auditoria e Direito Tributário pelo Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC/Araguaína). E-mail: izabel_britoaguiar@hotmail.com.

Entretanto, o plano B prevaleceu, ficamos mesmo em Araguaína (TO), e fomos celebrar o Natal na residência da Amanda com sua família. Durante o dia os preparativos começaram. Sebastião passou aqui em casa com o amigo Léo na Oroch. uma picape, para carregar as mesas e as cadeiras, pois a Amanda ia fazer dois ambientes caso chovesse um ao lado da piscina e outro dentro de casa para servir a Ceia, fiz um pudim, uma *panna cotta* italiana para sobremesa e meu esposo fez um bacalhau à Gomes de Sá prato típico do Natal para levar, enquanto isso Amanda na casa dela junto com sua secretária Catiane cuidava de outros detalhes, como terminar de montar a árvore que estava na fazenda arrumar a mesa, e adiantar as coisas para o jantar. Quando foi umas 20:30 chamamos um carro por aplicativo e fomos para o domicílio da Amanda, e junto levamos as comidas e as bebidas, para nos confraternizar, pois ela preparou o restante das coisas, o famoso *chester* e mais alguns acompanhamentos. Estava tudo tão harmonioso, que parecemos ser todos da mesma família, acho que foi o espírito de Natal que contagia, antes da Ceia nossa anfitriã nos convocou a fazer uma oração de agradecimento em especial a vida de seu sogro o Sr. Zé Carlos e na ocasião todos se emocionaram, inclusive o Bernardo, uma criança de 9 anos que chorou muito a morte da avó, e na oportunidade também aproveitei para falar algumas palavras e agradecer mais uma vez o convite, Amanda perdeu o pai recentemente e a sogra à sete dias atrás, vítimas de COVID-19. Inclusive Sebastião atendia uma ligação de sua irmã e chorava muito pela morte recente de sua mãe, no cantinho da casa lá fora, seu pai, Zé Carlos também foi acometido de a doença pôr a graça está vivo se recuperando pois ele é idoso com sérios problemas de saúde. Então o nosso Natal foi cheio de emoção, uma mistura de alegria e tristeza, mais muita gratidão, só temos a agradecer, a Ceia foi maravilhosa, muita abundância em

comidas, a noite foi regada a vinhos e espumantes do jeito que eu gosto, naquela noite exaltamos e glorificamos a vida, uma nova vida, pois nada será como antes, tiramos fotos para registrar aquele momento único, teve a tradicional troca de presentes bem simbólicos, ganhei uma caneca de porcelana de uma franquia de café americano *Starbucks* da minha querida amiga Amanda e presenteei com um hidratante da natureza, as crianças esperavam ansiosamente pelos presentes Beatriz ganhou das tias um tênis bem estiloso que usa de duas formas, e uma maleta de maquiagem infantil, já Bernardo ganhou uma arma de brinquedo da marca Taurus, confesso que tenho receio em ver uma criança ganhando uma arma mesmo sendo de brinquedo, Amanda foi presenteadada pelo marido com uma bolsa da Victor Hugo. A noite da virada, do dia 24 para o dia 25, rendeu muitas histórias, aliás Catiane, a secretária da Amanda nos relatou que o Natal para ela é uma data muito triste foi o dia que sua mãe faleceu vítima de acidente de carro rumo a Goiânia, então ela não costuma comemorar o Natal. Já era madrugada estávamos exaustos, Geraldo Júnior, Sebastião e Léo conversavam sobre bolsa de valores. Zé Carlos já tinha ido dormir e as crianças brincavam com o cachorro e o gato fomos dar uma arrumada na cozinha Catiane foi lavar as louças, pois no dia seguinte estaria de folga, terminado o serviço seguimos para casa, Amanda foi nos levar, Sebastião foi levar o Léo e depois levariam Catiane para casa e assim finalizou a noite com um sono reparador.

No dia seguinte, dia 25, por volta de 12:30 horas, seguimos para casa da Amanda novamente em um carro de aplicativo, fomos almoçar a superabundância do dia anterior, chegando lá fiz um arroz quentinhos com cenoura e ervilhas frescas aliás todos gostam muito desse arroz, e almoçamos com um *chester* assado na hora e um resto de bacalhau,

ficamos lá até umas 16:00 horas, foi quando Amanda nos convidou para missa de sétimo dia na Capela Dom Orione, de sua sogra Magda que coincidia com a missa do Natal, pois ela queria que nós dêssemos uma força para o Sebastião nesse momento tão difícil da perda de sua mãe. Aceitei o convite, sou cristã protestante, mas faço uso do versículo bíblico porque para com Deus não há acepção de pessoas. Se contei a morte, conto igualmente a missa do sétimo dia, Amanda passou aqui em casa com as crianças Bernardo e Beatriz por volta das 19h, pediu desculpa pelo leve atraso pois todos tinha dormido muito a tarde, devido ao cansaço do dia anterior e quase perderam a hora, Sebastião e seu pai Zé Carlos já tinha seguido na frente, meu esposo Geraldo quis ficar em casa pois estava muito cansado, então fui com minha mãe Dona Antônia. A tristeza daquela família era profunda, Amanda passou a missa inteira chorando, inconsolável, chego a me perguntar se, no meio do luto geral, não sentia eu algum secreto encanto em ter escapado às garras da peste; mas esta pergunta era tão insensata que ficou sem resposta. Terminando a missa nos despedimos de Sebastião Sr. Zé Carlos pois ele estava cansado, e foram para casa, Amanda e minha mãe, Dona Antônia e as crianças Bernardo e Beatriz, seguimos para açaiteria, pois Beatriz queria tomar açaí e depois fomos para casa. O leitor pode achar que sou um cemitério ambulante de tantas mortes que narrei, mas posso confessar que esse Natal foi totalmente atípico.

8

AS PERIPÉCIAS DE UM NATAL EM FAMÍLIA

Josilene Rodrigues Monteiro ¹

O dia 24 de dezembro de 2020 amanheceu chuvoso em Araguaína (TO), acordei por volta das 7:15 para trabalhar. Como é véspera de Natal, a prefeitura decretou expediente das 08:00 horas às 12:00 horas. Ao levantar-se, fui correndo trocar de roupa, vesti um macacão folgado, escolhi uma *cardigan* azul, escovei os dentes no tanque de lavar roupas da varanda, porque minha irmã estava tomando banho, no único banheiro da casa. Quando abri a porta o Kadú (nosso gato) entrou correndo, direto para o quarto se aninhar no colchão no chão onde Isadora ainda dormia. A chuva continuou a cair lá fora, embora tivesse diminuído o volume. Passei pela minha mãe sentada na sua cadeira de balanço cinza com um travesseiro sendo usado como almofada. Pedi a benção: “*benção a mãe...*”, ela me abençoou: “*Deus te abençoe filha*”. Voltei para o quarto, passei meu desodorante alternativo de leite de magnésio e fui para sala esperar minha irmã terminar de se arrumar, para irmos ao trabalho. Sentei-me em uma cadeira de macarrão ao lado da minha mãe, o seu telefone tocou, é meu pai, ela atendeu sorrindo, perguntou se está chovendo em Estreito, se ele vai a Imperatriz, que horas vem para nos buscar em Araguaína. Conversam sobre meu tio avô que ficou na casa de seu Neto sozinho e não quis vir com a família dele para Wanderlândia (TO) passar o Natal, e eles continuaram a conversa

¹ Mestranda em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Direito pelo Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC/Araguaína). E-mail: josirmonteiro@gmail.com.

em clima descontraindo. Minha irmã terminou de se arrumar, percebemos que a chuva não passou, disse que é melhor levarmos roupa para nos trocar no trabalho, porque a chuva pode aumentar. Voltamos pegamos as roupas, minha irmã colocou em uma mochila, coloquei as minhas em uma sacola de supermercado, ela jogou para mim uma toalha para eu me secar, o Zeus (nosso cachorro) entrou em casa correndo, colocamos ele para fora, mas ele não quer ficar na casinha dele. Subi na moto, liguei, enquanto minha irmã abriu o portão. Saímos e ela avisou que iríamos passar na Bolos e Cia e comprar bolo para o café da manhã do trabalho dela. À medida que íamos em direção ao centro da cidade, a chuva aumentou a intensidade, ficamos encharcadas, minha irmã se recorda que não levou outro casquinho e que vai passar frio. As ruas estavam meio desertas por volta das 8:00 horas da manhã, poucos carros, e poucas motos. O dia estava totalmente nublado, cinza, e a chuva aumentava de intensidade. Chegamos a Bolos e Cia, a loja estava com 4 pessoas: dois atendentes e dois clientes. Uma senhora muito bem-vestida com um vestido florido amarelo, muito bonito, decidia se iria comprar bolo dois amores ou bolo pudim, optou pelo bolo pudim, escolheu, pegou, pagou e saiu. Minha irmã me perguntou qual bolo levar, mas ela própria decidiu pelo bolo de laranja. A atendente, muito simpática, falou o preço, foi até o outro cômodo da loja buscar o bolo solicitado e voltou com ele já embalado, quentinho... A chuva continuava a cair lá fora. Enquanto estávamos na loja, entrou outra cliente vestida em um vestido poá preto com bolinhas brancas longas. Comprou quatro bolos, não consegui entender os sabores, acredito que seja para alguma confraternização. Voltamos para a moto, encharcadas, subimos e fomos em direção a vigilância sanitária local onde minha irmã trabalha, o movimento na rua parecia ter aumentado um pouco, o trânsito mais agitado,

a água escorrendo pelas ruas, já se percebia uma certa pressa nas pessoas, o ritmo da cidade já vinha tomando forma. Deixei minha irmã na esquina da Rua 07 de Setembro com a Sadoc Correia, e continuei meu caminho na chuva até meu trabalho. Os pingos grossos caindo, pareciam pedras de gelo no meu corpo, já todo molhado. Segui pela Rua Sadoc Correia até a Rua Amazonas, tive a sorte de pegar os sinais abertos e não ficar muito tempo esperando na chuva, o trânsito não estava tumultuado como de costume. Logo cheguei à Rua Amazonas, entrei nela no sentido da rodoviária, segui por ela até a rua do ambulatório municipal, onde entrei para a Avenida José de Brito. A Avenida estava praticamente deserta, não encontrei nenhum carro, somente a água da chuva escorrendo e me molhando muito, quando acelerava um pouco mais minha Biz preta. Finalmente cheguei ao prédio da prefeitura, desci da moto abri o baú, retirei minha bolsa e sacola com as roupas secas, a toalha e a sapatilha, corri em direção ao prédio, dei bom dia aos três homens sentados, olhando cada um o seu celular, e subi as escadas correndo. Registrei o ponto de entrada e fui direto para o banheiro me trocar. Passei pela Joana sentada em sua mesa, dei bom dia, fui para o banheiro, troquei de roupa, organizei minhas coisas molhadas na sacola, enxuguei meu capacete com a toalha, cumprimentei o João, o Luís e a Aline e me sentei na minha mesa, liguei o computador. Os meninos começaram a conversar sobre o ano novo, a certeza de estarmos todos desempregados no último dia do ano e a incerteza de recontração. Todos estávamos felizes por trabalharmos só até meio dia. A conversa fluiu leve, conversamos sobre família, filhos, os meninos falaram de seus filhos, o desejo de terem outros filhos. Eu e Aline estávamos atentas. Lúcia chegou da cozinha e nos convidou para comer pão com presunto. João, Luís e eu fomos para a cozinha, continuamos a conversa sobre filhos. Na mesa tinha

pão presunto, queijo, manteiga. Ficamos ali comendo e conversando. Esquentei minha água para fazer leite no micro-ondas e comi meu pão com leite. Os meninos voltaram e eu continuei ali tomando meu leite. A Luciana chegou, ofereci leite, pão e café, mas ela não quis, começamos a conversar sobre os idosos que temos de cuidar, mais tarde chegou Ana Beatriz muito bem-humorada nos oferecendo requeijão. Comi um pouco de requeijão e voltei para minha mesa, o ambiente estava em clima de recesso, muitas conversas de onde seriam os Natais e como iriam ser as ceias. Coloquei meus fones de ouvido e passei a fazer meu trabalho, que hoje não era muito, somente um ofício para responder, do qual dependia de uma análise técnica da perícia judicial, fui atrás do meu superior, com o laudo na mão, quando cheguei já percebi a diferença: o semblante agitado e muitas vezes preocupado com as questões do dia a dia, hoje dava lugar à serenidade de uma véspera de Natal que parecia tranquila. Ele analisou o laudo, e decidiu não se pronunciar no momento, pediu que aguardasse. Voltei para minha mesa, Alice continuava com os seus processos, os meninos focados nas demandas de fim de ano e eu olho para o relógio já eram 11:00 horas da manhã. Por um tempo todos ficaram concentrados em seus trabalhos, até que o Lucas chegou com 33 processos que deveriam ser finalizados com urgência, trabalho que teríamos de dividir em equipe. Finalmente o relógio marcou 12 horas, a chuva que tinha parado de cair, voltou... liguei para minha irmã e perguntei aonde iríamos, ela avisou que precisávamos passar no supermercado. Desliguei o computador, registrei o ponto, peguei a moto e fui para o Supermercado Campelo do Centro, encontrá-la, quando cheguei no supermercado, ela não estava. Fiquei analisando o supermercado lotado, filas em todos os caixas, tudo muito cheio, famílias inteiras em volta dos carrinhos, pessoas indo e vindo, algumas

consultando receitas para a ceia de Natal, outras seguindo listas do que comprariam. Duas mulheres chamaram minha atenção, estavam no frizer de aves: elas ligaram para alguém e perguntaram se essa pessoa queria peru ou tender para a ceia, informaram o preço do peru que não saía por menos de 80,00 reais, mas, ao saber do preço a pessoa ao telefone disse que não queria (telefone com volume alto), porque era muito caro. Os carrinhos abarrotados de itens denunciavam claramente que era um dia especial, difícil encontrar alguém sozinho, a maioria das pessoas estavam no mínimo em dupla para escolherem os itens e realizarem a compra. Fiquei ali observando, enquanto esperava pela minha irmã fiquei ali... uns 20 minutos, olhando o ir e vir de carrinhos cheios de frangos, verduras, frutas, queijos, vinhos, cervejas, carnes. Hoje as compras eram especiais, embora muitas vezes compostas por itens do dia a dia, o objetivo era a ceia, o encontro da noite. Percebi pelas conversas entre as pessoas. Em um carrinho conduzido por uma moça jovem e uma senhora, observei um tablet aberto em uma receita e as mulheres procurando pelos ingredientes. O carrinho já estava abarrotado, mas ainda não era suficiente, estavam à procura de mais ingredientes. No auto falante podia se ouvir Simone cantar o tão famoso single: *“Então é Natal! E o que você fez? O ano termina e nasce outra vez....”*. No outro lado do Supermercado vejo uma senhora que chamou minha atenção. Diferente de todos à sua volta, ela só carregava na mão direita: uma chave do escaninho junto com uma chave que parecia ser de sua casa e na esquerda uma porção de carne moída em um saco de plástico. Distante da maioria, ela observa atentamente o preço das verduras, mas não pega nada, não carregava carrinho. Eu a observei por alguns minutos, sua estatura franzina, seus cabelos brancos amarrados, em seu pescoço havia um terço por baixo da blusa listrada. De repente se virou

para mim, sorriu, eu sorri de volta e ela falou: “*tudo muito caro, esse Natal vai ser pobre*”. Se vira e vai embora. Na hora, fiquei pensando, que poderia ajudá-la, perguntei se ela precisava de ajuda, mas ela disse que não, me limitei a observar, não insisti e ela se foi. Diferente da maioria naquele lugar, ela não fez uma grande compra, não parecia alegre e muito menos com motivos para celebrar. Enquanto estava olhando a minha volta, minha irmã chegou empurrando um carrinho com a bolsa e o capacete na parte de baixo. Agoniada, já falou que precisávamos comprar logo e irmos embora, que não iríamos comprar muitas coisas, somente os ingredientes do feijão tropeiro que iríamos levar na ceia da Igreja a noite. Enquanto ela escolhia os itens continuava observar a minha volta, a fila do açougue lotada, a fila dos frios, pessoas se encostando nas outras para pegar os produtos nas prateleiras. Voltei para as nossas compras, enquanto minha irmã escolhia as verduras, peguei a calabresa e o bacon, procurei a couve, mas não tem. Logo fizemos nossas escolhas. Compramos tomate, cebola, pimentão, cenoura, batata, beterraba, repolho, maçã e limão para levar para Estreito. Compras escolhidas, fomos ao caixa pagar, todos com filas enormes. Encontramos um, com três carrinhos cheios a nossa frente e eu fiquei nessa fila e a minha irmã na fila do caixa ao lado em que os carrinhos estão menos abarrotados de itens, enquanto esperamos observei o caixa e o empacotador conversando que no dia anterior o movimento foi menor e eles saíram 23:00 horas, e que hoje com o movimento que estava iriam sair depois da meia noite. A fila à minha frente não anda, descobri que os três carrinhos são da mesma pessoa, tem de tudo, arroz, feijão, produtos de limpeza, carnes, legumes, biscoito, açúcar, verduras, café e muita bebida. O Senhor está acompanhado de sua mulher, enquanto ele passava os itens no caixa, ela continuava comprando, a minha irmã teve mais sorte que eu

e a fila em que ela estava andou mais rápido e logo foi atendida. Passamos os nossos produtos, pagamos, desejamos feliz Natal à caixa e fomos à farmácia comprar o remédio do meu pai e da minha irmã. Fomos à Farmácia Rosário, Joseane (minha irmã) entrou e eu fiquei esperando sentada na moto, fora da loja, observando a movimentação na Avenida Cônego João Lima. Pessoas apressadas subindo e descendo a avenida, com pacotes em suas mãos, as lojas envolta da farmácia cheias, e uma senhora sentada, com um cartaz que dizia que ela era venezuelana e que precisa de ajuda para comprar comida para sua família e fraldas para seus filhos, sentada na calçada, com as pernas esticadas e o cartaz escrito a mão em um papel branco em cima das pernas, uma vasilha na mão para recolher o dinheiro. Ela esperava pela ajuda de desconhecidos. Na pressa, a maioria das pessoas passavam por ela e a ignoravam. Vez ou outra alguém tirava algumas moedinhas de seus bolsos e colocava em sua vasilha. Quando colocavam o dinheiro, ela logo retirava as moedas e colocava em uma bolsa de pano pendurada no seu pescoço deixando somente uma ou duas moedas na vasilha que era feita de litro descartável. Na Avenida o trânsito estava apertado, muitos carros, motos, e pessoas dividindo o espaço apertado da Cônego João Lima. Os estacionamentos cheios, era uma grande sorte encontrar vaga. Tivemos essa sorte, conseguimos um local apertado por entre as motos, que coube nossa Biz, de onde observei todo o espaço à minha volta. Algumas lojas decoradas para o Natal, outras não possuíam nada que indicava o fim de ano, percebi que a época mais esperada, não tinha todas as decorações como de costume, neste ano as decorações estavam mais tímidas, por vezes nem tinha. Às 13:30, estava caindo de fome, passando mal, minha irmã ainda queria ir a feira, procurar a couve e uma vasilha descartável para armazenar o feijão tropeiro, mas minha fome não permitiu,

precisava ir para casa comer, estava quase desmaiando. Fomos direto para casa. O trânsito estava lento pela quantidade de veículos ao mesmo tempo, o sol quente. Demoramos mais tempo que o de costume para chegar em casa. Quando chegamos o almoço já estava pronto, minha mãe fez feijão com carne de sol, arroz branco e almondegas fritas. Nos higienizando, tomei um banho para passar o mal-estar, almoçamos, minha irmã tinha horário marcado no cabeleireiro para refazer as luzes e cortar os cabelos e minha mãe para cortar os cabelos. Assim que terminamos de comer já se organizaram para ir. Como nosso único meio de transporte é a Biz preta, Isadora levou minha irmã, a deixou no salão, e foi ao terminal de ônibus, buscar o Pedro (irmão da Isadora) que veio passar o fim de ano conosco. Enquanto elas foram, lavei a louça ouvindo as histórias de minha mãe que já estava de banho tomado, esperando a Isa voltar para buscá-la. Quando a Isa chegou com o Pedro, cumprimentamos ele, oferecemos almoço, mas ele não quis e foi para o quarto. A casa já estava limpa, a cozinha com a louça lavada. Fiquei esperando minha mãe, Isa e Joseane voltarem do Salão, no meu quarto descansando. Por volta das 18:00 horas pedi ao Pedro que cortasse a linguiça, o bacon e a couve que tínhamos em casa para iniciar a preparação do feijão tropeiro. Quando a Isa chegou com a mãe eu fui com ela ao Atacadão para comprar mais couve e um descartável para colocar o feijão tropeiro. O Atacadão estava fechado com dois seguranças no portão de entrada impedindo que as pessoas entrassem e abrindo para os que estavam dentro saírem. Devido ao Atacadão estar fechado, fomos ao Supermercado Baratão. As ruas estavam movimentadas, muita gente circulando, em alguns lugares, era possível observar pessoas bebendo, em outros, muitos carros estacionados em bairro residencial, indicando que ali estavam se reunindo. Supermercado Baratão lotado também, no alto-

falante o locutor avisa que não iria fechar cedo, que estaria aberto até às 22 horas, chegamos no Supermercado e Joseane ligou para a Isa buscá-la, fiquei sozinha. Corri peguei o descartável, procurei a couve (também não tinha), peguei o que precisava e fui para a fila do caixa rápido, a fila estava grande, mas estava indo rápido, liguei para o meu pai, para saber onde ele estava, ele disse que estava chegando em Araguaína, pedi que passasse no Baratão para me levar para casa. Enquanto esperava continuei observando o movimento e as pessoas, vi que algumas mulheres já estão muito bem maquiadas, e que muita gente estava comprando bebidas. Logo chegou minha vez, fui atendida pelo caixa, paguei no cartão de débito e fui para a lanchonete esperar meu pai. Dali continuava a observar o ir e vir das pessoas, o som do supermercado anunciando as promoções e avisando que fecharia mais tarde naquele dia, as pessoas felizes e os funcionários com os semblantes cansados de quem passou o dia inteiro trabalhando, e ainda iria ficar até mais tarde naquele dia.

Meu telefone tocou, era meu pai avisando que já estava me esperando no estacionamento, fui ao seu encontro, pedi benção entrei no carro e fomos para casa, chegamos e o Pedro já tinha cortado os itens do tropeiro, meu pai trouxe o toucinho de porco, pedi ao Pedro que cortasse, enquanto fui fazer a janta, fiz um arroz com carne moída, esquentei o feijão que sobrou do almoço e fritei carne em filetes para comer com a batata para assar na *air-fryer*, quando o Pedro terminou coloquei o toucinho para fritar. A janta ficou pronta, meu pai jantou, minha mãe, o Pedro e a Isa também. Enquanto eles jantaram, eu terminei de fritar o toucinho, e fiz o feijão tropeiro, a minha tia (mãe do Pedro e Isa) que ainda estava no trabalho, ligou para irem buscá-la. A Isadora foi buscá-la de moto porque meu pai ainda estava jantando, minha irmã

já está se arrumando para irmos à missa da meia noite. Meu pai comenta que a comida ficou boa, mas estava com muita pimenta. Ele começa a passar mal pela quantidade de pimenta. Logo minha tia chegou com a Isadora e foi jantar também. Como a casa é pequena e não temos mesa, cada um come com seu prato na perna. Enquanto todos comem eu fui tomar banho, me arrumei e voltei para a sala esperar até a hora de irmos para a missa. Minha irmã chamou minha tia e os meninos para irem com a gente, mas eles não quiseram. Enquanto esperávamos, a correria do dia nos deixou todos cansados, observei minha mãe sentada na cadeira cochilando enquanto minha irmã lia alguma coisa no celular, meu pai fumava seu cigarro lá fora. Os meninos estavam no quarto conversando e minha tia lavava a louça do jantar, quando terminou ela, chamou o Pedro para secar a louça, enquanto ele secava, ela foi para o banho. Isa continuou a conversar com o Pedro enquanto ele estava secando a louça. Eles conversavam sobre a última série que os dois assistiram. Meu pai terminou de fumar o cigarro, perguntou o que era para colocar no carro, minha mãe falou que a mala dela já estava pronta, minha irmã mostrou um saco de compras que devia ser levado e meu pai começou a carregar as coisas para o carro, o Pedro levou a mochila dele e ajudou meu pai carregar as outras bagagens, o Pedro levou a mala de minha irmã, a Isa levou a mala dela, e eles foram colocando tudo que devia ser levado, só ficou a mochila de minha tia pois ela ainda estava no banho. Quando terminaram o bagageiro da *van* estava cheio e ainda tinha malas, sacos com roupas sujas, que foram lavados em Estreito (MA), as verduras compradas no supermercado mais cedo, ventilador, roupas de cama... espalhados pelos bancos. Sempre foi assim, a ida para a casa dos meus pais é uma mudança. Na sala aguardávamos meu pai e o Pedro terminarem de embarcar as bagagens, eu, minha mãe e Joseane

estávamos prontas para a missa, quando eles terminaram já era hora de irmos. Na casa não tinha nada de especial, não tinha decorações que indicassem o período do ano que estávamos, tudo era igual, não tinha árvore de Natal, não tem pisca-pisca, não tinha presentes, parecia um dia comum, nada lembrava a véspera de Natal, a não ser o feijão tropeiro, na pedra que separa a sala da cozinha e que estávamos prontas para a missa da meia noite. A hora se aproximou rápido, fomos para a Van branca do meu pai que nos levaria a missa, a minha mãe, minha irmã e meu pai foram à frente e eu atrás, na van vazia de pessoas e cheia de objetos espalhados pelos bancos. Pelo caminho, algumas casas com música e carros estacionados nas portas indicavam que as pessoas festejavam a chegada do Natal. Quando chegamos na igreja combinamos com o pai que pegaríamos quando a missa terminasse para ele vir nos buscar e de lá seguirmos para Estreito, em casa ficaram a Isa e o Pedro com sua mãe. Ao nos aproximarmos do portão de entrada do Seminário Padre Patarello, avistamos uma senhora com uma tigela transparente com bebida e frutas picadas nas mãos, chegando junto conosco. Logo vimos a diferença, embora estivesse aberto, o portão estava com uma entrada reduzida, diferente dos dias normais de missa, em que ficava totalmente aberto, essa diferença deveria ser por conta do horário incomum e embora algumas pessoas já tivessem chegado, eram poucas que estavam ali, a abertura reduzida do portão indicava a preocupação com o horário e a segurança de todos. O Pátio do seminário estava com cadeiras brancas espalhadas a uma certa distância, em três fileiras para respeitarem o distanciamento social. A frente estava o altar com duas mesas uma com toalha branca, duas velas, uma em cada canto da mesa, uma samambaia frondosa em um vaso no chão em frente, no centro do altar tinha cruz de madeira, do lado esquerdo do altar tinha uma mesa

pequena forrada com uma toalha branca, mas essa estava vazia, também com a planta em sua frente e do lado direito do altar um o ambão com o livro litúrgico um pano branco e mais uma samambaia bonita na frente. No centro do jardim uma árvore pequena foi decorada com pisca-pisca, bolas vermelhas e verdes e festão prateado. Do lado da árvore à direita do jardim, próximo a casa paroquial, estava a mesa improvisada para colocar os pratos que seriam partilhados na ceia Natalina comunitária após a missa. Fui até a cozinha levar o feijão tropeiro entreguei para as madrinhas do seminário que estão organizando o recebimento das comidas.

Os fiéis estavam bem-vestidos, com roupas de festa, tinha famílias inteiras, quantidade de pessoas reduzida, alguns usando máscaras e outros não. A missa estava para começar, sentamo-nos do lado direito do altar, próximo ao jardim. O coral estava à direita do altar, estava formado por 4 homens e uma mulher, tinham instrumentos como bateria, violão, cajon e cantavam músicas emocionantes. Enquanto observava os músicos cantavam o cântico de entrada, virei-me para o fundo do pátio de onde o Padre Walmir entrava acompanhado do Diácono Álvaro que o auxiliaria na celebração. Nas mãos do Padre foi possível ver a imagem de um bebê levantada por seus braços enquanto ele entrava pelo corredor improvisado no meio do pátio do seminário em direção ao altar, chegando em frente ao altar o Padre ergueu a imagem mais alto para que todos pudessem ver o bebê, e o colocou na mesa ao lado que serviu de uma manjedoura improvisada, simbolizando que o menino nasceu. Foi para trás do altar o beijou e se ergueu saudando a todos com a acolhida e o sinal da cruz, em seguida pediu para nos dirigirmos a Deus pedindo perdão dos nossos pecados, momento que o coral iniciou o canto de perdão, de forma tão linda que encheu o coração de alegria. Foi

possível observar alguns fiéis com seus olhos fechados contratos com a mão no coração, alguns se ajoelharam, enquanto outros acompanhavam o canto de perdão em pé, cada um à sua maneira usava esse momento para se conectar com Deus e pedir perdão pelos seus pecados, ao final do cântico o Padre abençoou a todos rogando a Deus que nos perdoasse, e seguiu dando glória em latim, acompanhado pelo coral com o hino de louvor a Deus pela chegada do salvador, o menino Deus, saudando a escuridão da noite fria e aquecendo o coração de todos pela alegria do nascimento de Deus, a chegada do Natal. A noite estava fria, com nuvens no céu indicando que poderia chover a qualquer momento, mas nem isso foi suficiente para afastar aqueles que desejaram comemorar o aniversário do Senhor com a Santa Missa do Galo, como nas tradições antigas da Igreja. Após a glória, o Padre entrou cantando o oremos que deu continuidade a missa, momento em que todos os fiéis se sentaram para ouvir a palavra que foi proclamada em duas leituras, intercaladas pelo Salmo, seguidas do Evangelho.

A primeira leitura foi do livro de Isaías, que profetizava o nascimento menino que traz a luz ao mundo, e trazia à luz todos aqueles que estavam na escuridão. O Salmo cantado foi o que proclamava que *“Hoje nasceu para nós o Salvador que é Cristo o Senhor”*, a segunda leitura foi a leitura da Carta de São Paulo a Tito, falou sobre a graça de Deus sendo manifestada por meio do Salvador, todos os leitores que se dirigiram ao ambão, passaram em frente ao altar e o reverenciavam antes de iniciar as leituras, e assim faziam no início e no fim delas. Após as leituras foi a vez da proclamação do evangelho, momento em que o coral iniciou o cântico da proclamação, dando aleluia a vinda do Salvador, o Diácono vai ao Padre curva-se diante dele, para que ele o abençoe e autorize a proclamar o Evangelho de Deus, depois de abençoado dirige-se ao

ambão, os fiéis ficam de pé (levantaram no início do cântico de aleluia), todos em silêncio ouviram o Diácono saudar a todos com “*O senhor esteja Convosco*”, no que é prontamente respondido por “*Ele está no meio de nós*”. O Diácono seguiu com a “*Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo Segundo São Lucas*”, momento em que os fiéis fazem o sinal da cruz na testa, na boca e no peito, e respondem “*Glória a vós Senhor*”.

O Evangelho falou do Decreto de Herodes que determinou o recenseamento, que obrigou Maria e José a irem a Belém e resultou em não encontrarem hospedagem, os obrigando a se hospedarem em uma estrebaria, onde Jesus nasceu e foi colocado na manjedoura. O anjo anunciou aos pastores o nascimento do menino Deus. Após a leitura todos sentaram e o padre iniciou a homilia, pregou que em Jesus, Deus se fez pequeno e sua graça se manifestou, de forma que a salvação não é por merecimento, mas por graça de Deus, pregou que o amor venceu o medo com o nascimento de Jesus, que Deus nos ama e devemos deixar Deus nos amar e ser nosso salvador. Que não devemos dar desculpa em nossas misérias, mas acolher o amor que Deus nos dispensou e só nos resta agradecer e acolher o dom que é Jesus. Que o mundo deve ser mudado a partir de nós, não devemos esperar a mudança do outro, mas que nossa própria mudança será o início de um mundo melhor. Após a homilia o Padre anunciou que iremos fazer as preces, na qual uma pessoa faz o pedido e todos respondem em coro após cada pedido: *vinde Senhor com a Vossa paz*. Foram feitos 4 pedidos, após os mesmos o Padre rogou a Deus que ouvisse os pedidos feitos por nós e anunciou o ofertório, momento em que os fiéis fizeram suas doações, mas também rogaram a Deus por suas necessidades pessoais. A oferta foi colocada em uma caixa de madeira próximo ao altar, do lado tem um jovem com máscara colocando álcool nas mãos dos fiéis que doaram. Durante esse momento o

coral cantou o cântico de ofertório e o Padre preparou a mesa para a Eucaristia, pegou a hóstia em um objeto de prata arredondado, e direcionou o cálice para que o diácono que o está auxiliava colocasse um pouco de vinho e um pouco de água, ergueu olha para o céu disse algo e colocou o cálice na mesa novamente, deu as mãos para jogarem água, lavou e secou com uma toalha. Voltou-se para o altar e iniciou o Ritual Eucarístico, os fiéis que estavam sentados levantaram novamente e passaram a acompanhar o momento litúrgico. O Padre iniciou chamando todos a orarem, e à medida que foi falando os fiéis foram respondendo, o Padre fez o ritual cantado, e os fiéis responderam no mesmo tom. No momento da consagração, quando o Padre abençoou as oferendas, descendo sua mão sobre o altar, alguns se ajoelharam e ficaram de joelhos, outros aguardaram o Padre falar do corpo e Sangue de Cristo para ajoelharem, alguém tocou o sino indicando o momento solene, primeiro ele ergueu a hóstia que se transforma no corpo de Cristo, o sino tocou novamente indicando que todos deviam olhar para o altar, e assim foi feito, olhares cheios de fé, viram a hóstia se transformar no corpo de Cristo, da mesma forma foi feito com o Cálice erguido pelo Padre, acompanhado do sino e atenção e oração dos fiéis.

Quando terminou a consagração alguns se levantaram e outros permanecem de joelhos até o fim do momento litúrgico. Ao final, o Padre comungou, seguido pelo Diácono e voltou a sentar-se em sua cadeira o Diácono passou a distribuir a Eucaristia aos fiéis que já se organizaram na fila por entre as cadeiras centrais, um a um o diácono entregou a hóstia consagrada anunciando “*Corpo de Cristo*” e os fiéis respondendo “*Amém*”, até o último da fila. À medida em que foram recebendo a hóstia, as pessoas voltaram para os seus lugares e permaneceram em oração. Com o fim da comunhão, o diácono voltou para o altar recolheu o que

sobrou de hóstia e colocou na âmbula para levar de volta ao Sacrário, recolheu os farelos de pão, colocou no cálice com o vinho e bebeu, limpou tudo retirou do altar os objetos utilizados, e sentou-se do lado do Padre, fez uns minutos de silêncio em que foi possível ouvir algumas crianças brincando. O Padre levantou-se e se dirigiu aos fiéis com o oramos, todos ficaram de pé novamente, depois da oração da comunhão, o Padre deu a benção final e convidou todos para a ceia compartilhada, assim terminou a missa. após a missa algumas pessoas foram embora outras se direcionaram para a mesa da ceia, o Padre abençoou os alimentos e declarou que todos podiam se servir. A mesa estava farta, com frango, peru, pernil, feijão tropeiro, sucos, frutas, salpicão, arroz com especiarias e uma infinidade de comida. A comida se multiplicou, muita comida para poucas pessoas. As pessoas se serviram, começaram a conversar, alguns que não se viam a muito tempo cumprimentavam-se desejando um feliz Natal, assim foram comendo e partilhando a vida e os votos de boas festas. A minha irmã já ligou para o meu pai, vim nos buscar, quando servi meu prato me sentei para comer, meu pai chegou, nos despedimos dos amigos e fomos para a van, com todos os prontos para viajar. Joseane e mãe foram na frente com meu pai e eu fui atrás com os outros, assim iniciamos nossa viagem para casa dos meus pais em Estreito. Era por volta de 1:30 da manhã, a cidade já estava vazia, o máximo que víamos eram carros estacionados em algumas portas indicando que tinha festa naquele local. Logo pegamos a BR em direção ao Maranhão, noite nublada, BR vazia, pouco trânsito, muito escuro se destacava um ou outro farol, raramente, assim meu pai conseguiu fazer o percurso em uma hora e meia, às 03:00 horas da manhã chegamos em casa. Quando chegamos meu pai entrou primeiro e prendeu os dois cachorros Pretinha e Valente para entrar com o carro. Todos estávamos

muito cansados, o dia foi longo e corrido a casa, estava um pouco bagunçada, meu pai estava sozinho por mais de mês e ele só arrumou o básico. Mas não nos preocupamos com isso, fomos descarregar o carro, cada um com suas coisas e algo mais, logo já estávamos com tudo dentro de casa e o carro vazio. Cada um começou a se organizar para dormir, procurar redes para armar, trocar os lençóis de cama, instalar ventiladores, mas, minha mãe ainda resolveu fazer um leite para bebermos antes de dormir, assim ela colocou uma água para esquentar preparou o leite e serviu, nos juntamos todos na cozinha e cada um pegou seu copo de leite quente para tomar, saíram algumas conversas, algumas risadas que devem ter acordado os vizinhos, mas logo cada um foi procurar se organizar para dormir. E por volta das 4:00 horas todos já estavam em suas camas, redes e afins, prontos para dormir, assim encerrou-se a véspera de Natal.

No dia 25, meu pai e minha mãe acordaram cedo, por volta das 8:00 horas já estavam conversando na cozinha, tratei de levantar, vestir uma roupa, corri para o banheiro escovei os dentes, arrumei o cabelo, e fui cumprimentá-los desejando feliz Natal, na nossa família o costume é desejar no dia 25, os abracei, pedi a benção e eles me falaram que precisávamos decidir o que iríamos comer no almoço porque em casa tinha poucas compras e nada que fosse muito atraente para o almoço de Natal, logo pensei em uma galinha caipira, falei que desejava almoçar uma. Minha mãe disse que precisaríamos comprar, assim fomos minha mãe, meu pai e eu atrás dessa galinha caipira.

A mãe disse que só devia ter na casa do Adalto, um conhecido dela, em um bairro bem distante, antes zona rural da cidade, e lá fomos nós para esse lugar chamado Brejo do Pinto, meu pai reclamando que era longe e as ruas cheias de buracos, mesmo assim, fomos. A cidade estava

bem parada com os principais comércio e supermercados fechados, não tínhamos muitas opções para compras e nossa geladeira estava praticamente vazia, nos prendemos a ideia da ceia após a missa e não nos atentamos para o almoço de Natal. Pois bem, no caminho pudemos perceber que é uma região afastada com estrada de terra, minha mãe foi contando sobre o tempo que chegou a Estreito, que ia lavar roupas no riacho que tem nesse lugar, e voltava para casa com a bacia cheia de roupas na cabeça, fiquei imaginando o sacrifício que ela fez, contou ainda que colocava mangas embaixo das roupas para mim e minha irmã comermos, o que já era pesado, ela ainda acrescentava mais peso por nós. Por onde passamos não tinha decoração de Natal, e nem nada que nos fizesse lembrar, parecia um dia de domingo com pouquíssimas pessoas na rua. Passamos por algumas chapadas e logo chegamos à casa do tal Adalto, que minha mãe falou, qual foi nossa surpresa e tristeza quando percebemos que não tinha ninguém, tudo estava fechado, ele provavelmente viajou para algum lugar. Voltamos e minha mãe lembrou de outra pessoa que poderia ter frango, Seu Sinésio, na praça da Vila, lá fomos nós. As casas estavam ainda fechadas por onde passamos, mas, ali na praça já tinha um movimento maior, algumas pessoas indo e vindo, dois mercados abertos, uma adega aberta e a vendinha do Seu Sinésio, uma venda improvisada na área de sua casa, em que ele vende, feijão, farinha, abóbora, frangos, ovos, alguns tipos de castanhas, mel de abelha, tudo muito simples, mas comum para a região, meu pai chegou cumprimentou o dono e perguntou se ele tinha frango, ele diz que tinha acabado de vender o último. Oh que tristeza me deu! Lá foi minha última esperança de comer frango caipira. Meu pai agradeceu e voltamos para o carro, minha mãe perguntou o que queríamos, restou como opção carne de porco, decidimos fazer uma carne de porco frita, com arroz e

feijão, um tropeiro, uma salada crua e maionese para o almoço. Como estávamos próximos da horta, fomos comprar a couve para o Feijão tropeiro. A horta fica na frente da casa do primo do meu pai. O pai estacionou o carro na frente da casa do primo e foi à horta que fica em um bairro considerado longe por nós, pelo tamanho da cidade, em que tudo é pertinho, é um terreno grande com um pé de pequi no centro, os donos só utilizaram a parte esquerda do terreno para fazer canteiros e plantarem a outra está descuidada e com mato alto, não sei se devido ao clima eles estão com poucas verduras, os canteiros estão praticamente vazios, com poucas variedades e pequenas, mas mesmo assim meu pai pediu a Senhorinha um maço de couve. A Senhora simples e disponível, logo catou as folhas pequenas que tinha e rápido fez um maço, como achei pequeno pedi mais um e acrescentei um maço de cheiro verde, ela providenciou prontamente de forma gentil, nos entregou e desejou feliz Natal. Compramos as verduras e voltamos para casa do primo do meu pai, eles já estavam acordados, vieram (o primo, a esposa, e os três filhos) nos recepcionar, desejar feliz Natal, trocamos desejos de um Natal feliz conversamos um pouco, mas logo nos despedimos porque ainda precisávamos providenciar ao almoço de Natal e o prato principal ainda precisávamos comprar. Ao voltarmos para o carro meu pai perguntou aonde iríamos e minha mãe disse que iríamos comprar a carne de porco, no açougue que eles sempre compram, pegamos o trajeto em direção ao lugar, cidade com pouco movimento, meus pais conversavam sobre coisas aleatórias e lamentavam não ter encontrado o frango caipira. Chegamos ao açougue que fica praticamente do outro lado da cidade, é um lugar pequeno, um negócio familiar, com duas portas grandes, fachada pintada de branco e o desenho de um boi chama a atenção. No açougue simples, tinha pernil de porco, frango melhorado, já tratado e

ovos caipira, em cima do balcão. Os donos do açougue são um casal de idosos, super gente boa. A parada lá foi rápida minha mãe escolheu o pernil de porco e um quilo de toucinho para o feijão tropeiro, pediu para cerrar o pernil para fritar na panela, porque está sem forno para assar, expressou uma tristeza ao lembrar que poderia ter comprado o forno elétrico e que o pernil seria muito mais saboroso assado do que frito. A Senhorinha aproveitou para falar que tinha comprado o forno elétrico recentemente só para assar uma leitoa que iria comer com a família no Natal, os parentes vieram visitá-la. Mãe pagou os R\$ 100,00 pela carne e o toucinho, voltamos para o carro e verificamos que ainda tínhamos que comprar a calabresa para o feijão tropeiro e maionese, mas só tem uma opção de comércio aberto por ali, fomos até lá, desci e fui comprar. O lugar que estava mais para uma adega do que para mercado, mas ainda assim encontrei a calabresa congelada e comprei uma bandeja, uma maionese de marca estranha. Quando estávamos voltando para casa, passamos na padaria para comprar o café da manhã, compramos peta, pão e rosquinhas, de lá fomos para casa, para fazermos o almoço. Quando saímos deixamos todos dormirem, quando chegamos de volta, já estavam acordados. Falamos que o cardápio seria carne de porco frita, arroz misturado com feijão, feijão tropeiro, maionese e salada de tomate com cenoura, simples, mas gostoso. Colocamos os pães sobre a mesa de madeira, coberta com plástico de frutas, colada à parede esquerda da cozinha, já tinha a garrafa de café cheia que a mãe passou antes de sairmos, e leite fervido, no fogão de esmalte azul da década de 70 que a mãe ganhou de sua irmã, quando ela deu o que tinha para nos mudarmos para Araguaína. A cozinha está grande depois da reforma da casa, feita a uns quatro anos, a cozinha não tem pia, lavamos a louça no tanque de lavar roupas que hoje é utilizado só para isso. A mãe não pode

ficar muito tempo em pé por conta da cirurgia que fez no joelho, por isso ela faz muita coisa sentada na sua cadeira de balanço do lado da mesa de madeira na cozinha. Para iniciarmos o almoço a mãe já foi limpar a carne, colocou uma bacia com a carne na perna e uma sacola aberta na mesa, e foi cortando, limpando e colocando na sacola as peles que retirava da carne. Dourinha perguntou o que poderia fazer e falei para picar a calabresa, o toucinho de porco para fritar, sentei-me ao lado da dela para cortar a couve, os meninos tomam café e meu pai fuma um cigarro na cadeira de macarrão em frente a pia, em que minha irmã em pé lavava a louça que tinha ficado da noite anterior. Insatisfeita com a calabresa que comprei, pedi ao meu pai para ir comigo tentar encontrar um supermercado aberto na Vila, porque lá tem um que não fecha nos feriados. Meu pai, muito a contragosto aceitou, chamei o Pedro que já tinha terminado de tomar café para ir comigo e com o pai. Fomos comprar a calabresa. Quando chegamos o supermercado estava aberto, comprei calabresa e um pote de sorvete para sobremesa. Aproveitei que já estávamos na rua e fui comprar umas bebidas também, em uma adega aberta próximo ao supermercado, eu e Pedro compramos umas latinhas de cerveja e umas ices, procuramos a cerveja preta que meu pai bebê, mas não tinha. Naquele lugar era tudo normal, nada lembrava o Natal, parecia mais um domingo comum, não tinha enfeites, árvore, pessoas apressadas, totalmente diferente do vivido dia anterior. As pessoas que estavam trabalhando tanto na adega quanto no supermercado, não aparentava nenhuma insatisfação de estarem abertos no Natal. Enquanto fomos à adega meu pai ficou conversando com um amigo dele que trabalha no supermercado na segurança. O local onde estávamos é uma Praça no Bairro São Francisco, periferia da cidade, na praça tem uma quadra para prática de esportes e espaço para a feira aberta, aos

domingos, o que nos recordou que não era domingo foi a falta dos feirantes e suas mercadorias espalhadas pelo lugar.

Avisamos o pai que já tínhamos comprado tudo e que já podíamos voltar para casa. Ele se despediu do amigo e fomos para o carro com as compras. Ao chegarmos de volta em casa, minha mãe avisa que não tinha farinha para feijão o tropeiro, teríamos que voltar na rua e comprar. A mãe pede para eu ir com meu pai comprar a farinha, ele já faz cara feia, mas incrivelmente aceita ir de boa, meu pai odeia ficar para lá e para cá, minha irmã aproveita e já pede para comprar leite condensado ovo e maizena para fazermos um pudim de leite para sobremesa. Enquanto isso em casa, a mãe já tinha colocado a carne no fogo, a Dourinha já estava fritando o toucinho e minha irmã cortando as verduras para a maionese, devido ao problema de audição da minha mãe, falamos muito alto em casa, qualquer conversa se torna uma grande muvuca. O clima familiar estava ótimo, a Isa colocou uma música no celular, a Dourinha abriu uma cerveja, meu pai reclamou que não encontramos a cerveja preta dele e que não queria beber outra, os meninos fugindo do trabalho doméstico como sempre. A mãe estava catando o feijão para cozinhar, sentadinha na cadeira dela apoiada na mesa. Meu pai disse que ia tomar um copo de café antes de sair que dissessem tudo o que tinha que comprar que ele não voltaria mais para rua aquele dia, que quando chegasse ia colocar o carro na garagem e tomar um banho e esperar o almoço. Falaram que mais nada, era só a farinha, o leite condensado e o ovo mesmo. E lá fomos nós novamente para rua, eu, Pedro e meu pai procurar a farinha, no Supermercado São Paulo na Vila São Francisco o mesmo que tínhamos acabado de ir, meu pai não muito feliz porque odeia ficar indo e vindo, e já tinha rodado praticamente a cidade inteira a procura do frango caipira, e dos outros itens, mesmo assim foi. No

supermercado não tinha farinha, compramos os ingredientes do pudim e voltamos, falei para meu pai que não tinha farinha no supermercado, mas eu tinha visto em uma adega, na rua de baixo que passamos dessa vez, meu pai fez cara de bravo, coçou a cabeça e soltou, vamos ficar rolando o dia inteiro, não estou para isso não, mas mesmo zangado, fomos, afinal era um pedido da minha mãe. Aí nessa parte do bairro pude perceber que a maioria dos comércios daquele lugar estavam abertos, principalmente os que vendiam bebidas e que o movimento estava grande embora fosse feriado, aí sim pude ver pessoas apressadas, comprando suas bebidas para o almoço em comemoração do Natal, mas nesse lugar pude observar que o dia ali, não tinha nenhuma conotação especial, era somente o feriado que as pessoas estavam aproveitando para beber com a família e os amigos. No lugar que eu falei, nada de farinha, já fiquei triste, se dissesse para o pai que deveríamos ir em outro lugar, ele não iria, mas o rapaz que estava no caixa olhou para mim e falou, tenta ali na frente, olhei para trás, havia outro comércio aberto, estilo mercadinho com frutaria, que também tinha muita bebida. Fui até lá a pé mesmo, perguntei se tinha farinha e por sorte um rapaz simpático me diz que viu um último pacote na prateleira, fomos procurar, ele encontrou, fui para o caixa, quando estava pagando, minha irmã ligou pedindo para comprar panetone para ela, voltei para procurar o mesmo rapaz de antes e pedir os panetones que estão no alto das prateleiras, impossível o acesso para mim, peguei também um suco de uva, e voltei para o caixa, nesse comércio percebi, um volume grande de embalagens de cervejas espalhadas pelo chão, indicando que foram vendidas muitas latas avulsas. No caixa paguei pelas minhas compras, desejei feliz Natal e saímos do comércio, fomos ao encontro do meu pai que nos espera no carro, ele irritado pergunta, e agora para onde vamos, eu cansada desse

vai e vem, disse para casa, também quero banho e sossego. Quando saímos percebemos que mesmo esses locais estavam fechando o que indicava que já era mais de meio dia e passamos a manhã inteira no vai e vem, voltamos para casa e a rua já tinha um movimento maior apesar de ainda está sem vida, nos outros bairros que passamos, pouco movimento, às vezes nenhuma pessoa na rua. Chegamos em casa, o almoço estava bem adiantado, a mãe estava me esperando com a farinha para fazer o tropeiro e a Joseane estava finalizando a salada para terminarmos. Fui fazer o tropeiro e a Joseane lembrou que para fazer o pudim, precisávamos de uma forma pequena que não tínhamos em casa, precisávamos comprar, voltarmos a rua novamente, eu digo que não vou mais, meu pai também e já solta “é brincadeira um negócio desse”, Douglas o amigo da Isa estava em casa também e ele tem moto, pedimos para ele ir com a Isa comprar a forma, ele prontamente aceitou, dei o cartão para eles, e orientamos quanto a forma que deveria ser comprada.

Eles saíram e eu fiquei finalizando o feijão tropeiro, meu pai foi para o banho, já de bom humor, a mãe sentada na cadeira dela bebia uma cerveja, só esperávamos a carne terminar de fritar para o almoço, fiz a maionese com os legumes que a Joseane já tinha deixado preparado.

Enquanto esperávamos organizamos a cozinha, lavamos a louça que estava suja, conversamos um pouco até a Isa chegar com o Douglas, eles conseguiram uma forma emprestada com a prima do Douglas. A Isa preparou a receita do pudim, e colocou para cozinhar no fogão com em uma forma redonda com água para fazer o banho maria e a forma emprestada dentro tampada com uma tampa de panela. Deu um pouco de trabalho porque não podia colocar muita água que ao ferver cai dentro do pudim, o deixando aguado, então tinha que ir colocando água aos

poucos, missão que Dourinha abraçou, sabíamos que o pudim, não ficaria pronto para a sobremesa. O almoço ficou pronto minha mãe chamou a todos para comer, geralmente em datas especiais nos reunimos em volta da mesa, rezamos e comemos todos juntos nela, quando cabe, mas hoje foi um Natal atípico, não servimos na mesa, a comida ficou no fogão como em dias comuns, não rezamos, e já fomos nos servir cada um o seu prato, não sei explicar se foi o ano difícil que vivemos, a correria do dia anterior, o fato desse ano a avó não está conosco, nosso almoço de Natal, foi comum, foi normal, mas estávamos todos juntos o que é importante. Almoçamos e quando terminamos, a louça ficou na pia e foram todos dormir, o cansaço era visível em todos. Somente Dourinha que ficou olhando o pudim, e colocando água aos poucos, na difícil tarefa de esperar ele cozinhar, vez ou outra tirava um cochilo na cadeira, mas bravamente não deixou o pudim queimar, e quatro horas depois ele estava pronto. Tempo em que os outros levantavam do sono da tarde, por volta das 18 horas, já foram direto comer o pudim que por sinal ficou uma delícia, ela já avisou que nunca mais faz pudim no fogão da mãe sem forno. Minha irmã foi assistir uma série na sala, a Isa e o Pedro permaneceram no quarto cada um com seu celular, a mãe foi fazer seu café da tarde e meu pai foi limpar o carro dele. Logo já se aproximava a hora da missa de Natal, a qual iríamos na Igreja Matriz de São Sebastião, meu pai nos levou, ao chegarmos à Igreja minha mãe tem dificuldade para andar, temos que auxiliá-la a subir a rampa, minha irmã a acompanhou. A Igreja fica em uma praça em um bairro pioneiro da cidade. Tem uma escadaria grande, e uma rampa um pouco íngreme. Na frente, em cada porta tem suporte com álcool em gel para os fiéis se higienizar ao entrar e ao sair, ao entrarmos damos de cara com uma pintura a mão da última ceia na parede atrás do altar e dois anjos desenhados nas

pilastras que dão a impressão de estarem guardando o altar, o sacrário fica ao lado do altar, em um espaço próprio, por trás de um voal. A imagem de São Sebastião à esquerda do altar, em cima do presbitério feito de madeira. A frente do altar é possível observar uma pequena manjedoura com a imagem de um bebê à espera do menino Jesus. No fundo a Igreja tem um presépio de palhas madeiras, papel e as imagens dos Reis Magos, Nossa Senhora e São José indicando que é Natal. Os bancos da igreja são de madeira estreitos modelo antigo. Entramos, nos sentamos próximos ao altar, igreja está vazia, com poucas pessoas distantes umas das outras, exceção as famílias que se sentam próximos. Não demora o comentarista inicia, e logo nos convida a ficar de pé para acolher o celebrante. O Padre entra acompanhado dos diáconos, ministros e leitores. Cada um toma o seu lugar, o Padre faz a acolhida inicial e invoca a Santíssima Trindade, e nos convida a nos arrepender dos nossos pecados com o cântico de perdão. Após o cântico o Padre nos convida a louvar a Deus pelo nascimento do menino Deus, que louvamos e bendizemos ao Senhor, cada pessoa com sua individualidade, alguns batem palmas, outros cantam, alguns erguem os braços, cada um à sua maneira louva e bendiz a Deus. O Padre faz a oração inicial pede para os fiéis sentarem-se para ouvir a palavra de Deus, as leituras são de Isaías, Salmo 97, carta aos hebreus e o evangelho de São João, o Padre fez a homilia, pregando sobre a encarnação do filho de Deus e o caminho de salvação que o Senhor fez por nós. Frisou que a salvação é gratuita e não depende de nossas ações, mas por graça de Deus. Após a homilia, iniciou o creio em que foi acompanhado por todos, que ficaram de pé para rezar com o Padre, em seguida apresentou a Deus as preces que foram rezadas em voz alta por um leitor, após a preces iniciou o ritual para as ofertas, momento que o Padre auxiliado pelo diácono inicia a preparação para a

liturgia Eucaristia. Durante o cântico de ofertório os fiéis levam suas ofertas as caixas cofres espalhadas pela igreja, em casa caixa tem uma pessoa com álcool em gel borrifando as mãos dos fiéis. Após as ofertas inicia a liturgia Eucarística, todos ficam de pé para acompanhar o momento de preparação para renovação do sacrifício de Cristo. No fim da Liturgia após a comunhão, enquanto o Padre organiza o altar, os fiéis continuam sua oração a Deus de forma individual.

Após um breve momento de silêncio o Padre inicia oremos em agradecimento a Eucaristia, e em seguida abençoa a todos e encerra a celebração. Com o fim da missa voltamos para casa, meu pai com fome, quando chegamos já vamos organizando o que ele comer, fizemos um cuscuz de milho para ele comer com a carne que ficou do almoço, os outros cada um foi procurando o que comer, eu esquentei o feijão tropeiro e comi com pudim de sobremesa, minha mãe cuscuz com leite a Joseane feijão tropeiro, Dourinha disse que não queria jantar, Pedro comeu cuscuz com carne também. Após a janta, fomos para a sala assistir um filme, Isa, Pedro, Dourinha, Joseane e pai, a mãe continuou na sua cadeira do lado da mesa, assistindo vídeos no celular. Meu pai se sentou na cadeira de macarrão, a Loirinha se sentou em outra, fiquei em um sofá com a Isa, o Pedro e a Joseane no outro. Assistimos dois filmes: *Pequenos grandes heróis* e *Viagem das garotas*, filmes que renderam grandes risadas noite adentro. Quando o último filme terminou, fomos todos dormir e encerramos o dia.

9

NATAL: DIABETES, PANDEMIA, CARESTIA, POLÍTICA E OUTRAS COISAS

Leomaura Miranda de Andrade Soares ¹

No dia 24 de dezembro de 2020 acordei exatamente às 6h da manhã. Nos dias anteriores, o despertador do celular soaria às 4h40 (tempo necessário para higiene, troca de roupa, medição da glicemia, preparação do café e caminhada até o ponto da van, de onde sigo para Araguaína – TO, local de trabalho nos turnos matutino e vespertino na rede municipal). Todavia, em 24 de dezembro, por se tratar de um recesso, deixei às 6h. Despertada pela música *Somewhere*, junto ao toque do meu esposo examinando se estou respirando, um medo constante de hipoglicemia no amanhecer, condição comum de pessoas com diabetes tipo 1, insulina dependente. Ainda deitada, estendo meu braço, ele passa um pedaço de algodão embebido no álcool no meu dedo mindinho, regula o lancetador e o perfura. Enquanto o álcool evapora, escolhe uma fita e insere no glicômetro, aperta meu dedo até extrair sangue que indicam os níveis aceitáveis da glicemia em jejum. O aparelho mostrou 126 mg/dl, indicando que minha alimentação do dia anterior excedeu o carboidrato. Ele abre a gaveta do guarda-roupa próximo a cama, onde se encontra o estoque de seringas e escolhe uma. Realiza o mesmo procedimento de

¹ Mestranda em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Especialização em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), no Programa Nacional de Gestores (MEC/SEB/UFT/Undime). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS). Atualmente é professora do Ensino Básico nos municípios de Araguaína (TO) e Babaçulândia (TO). E-mail: leocoordenadora@gmail.com.

limpeza do dedo no frasco de insulina Lantus, insere a seringa, levanta e vai puxando o líquido, com os olhos apertadinhos, contando o preenchimento das linhas da seringa com cuidado, pois, a quantidade define a minha vida. Enquanto me aplicar nas nádegas me olha com carinho e piedade, como se dissesse: vai passar! Me avisa que vai comprar pão e leite, não aplicará a insulina rápida pois passará na casa dos pais, que estão viajando, para dar comida às galinhas, gatos e vai demorar. Dormi novamente e despertei às 9h. Espreguiço e ouço o latido dos meus três filhotes (Mel, Frida e Salomão), que entram no quarto desejando minha atenção. O Salomão coloca a cabeça na cama e me olha de forma meiga, a Frida tenta subir para me lamber, enquanto a Mel, com todo seu peso, fica só observando de longe movimentando a cabeça na tentativa de chamar minha atenção. Sento-me na cama e fico conversando com eles. Tão carinhosos. Levanto-me, vou para o banheiro e noto que o creme dental acabou, sendo mais um item para acrescentar na interminável lista de compras para o Natal. Do banheiro, reparo no tempo ainda fechado, indicando chuva, mas escuto o som das voadeiras e *jets ski* no lago, mostrando a animação na praia como se não existisse pandemia. Vou preparar o café, no estilo bem rústico: rabeira (como minha avó chama aquele tipo de panela de alumínio) para ferver a água, coador de pano e o pó de café. Um modo simples, conservado na simplicidade de uma casa pequena, sem os luxos da vida moderna, por exemplo, uma cafeteira. Os cachorros já estavam alimentados, pois caso contrário não nos deixaria tomar café. Com a mesa do café posta, pão, broa doce e enroladinhos de queijo, café e leite fresco meu esposo e eu ficamos conversando sobre o cenário político da cidade e as mudanças que se aproximavam com nova gestão e da ausência da decoração de Natal nas ruas e na praça onde era comum a Vila de Natal. Concluímos,

sorridentes, que talvez fosse a forma do prefeito que perdeu se vingar. Meu esposo perguntou sobre a lista de compras, pedindo para manear, pois geralmente fazemos um gasto para uma refeição que é equivalente à compra do mês inteiro. Após reavaliar os itens, seguimos para a casa da minha mãe. No trajeto ele comentou sobre o fato de morarmos numa rua, que entra e sai prefeito e ninguém se preocupa em asfaltar e aproveitar para dizer que mesmo assim as pessoas esquecem esse detalhe tão importante e negociam seus votos por qualquer coisa. Tinha mato alto, lotes baldios, lama e buracos por toda parte. Andamos uma quadra e lembramos de nossas máscaras. Retornamos para buscar, mas observamos que nas ruas as pessoas estão sem elas, como se a pandemia nem existisse. É como se a falta do Boletim Epidemiológico, pois o último foi divulgado em 17 de dezembro e trazia a informação de apenas três casos sendo monitorados e nenhum caso ativo, garantisse que não havia mais risco à população. Fomos parados pela irmã do meu esposo, que me perguntou sobre minhas expectativas para a educação com a nova gestão. Conversamos bastante na rua mesmo, falamos sobre possíveis nomes do primeiro escalão, diretores e coordenadores de escolas. E no final, entendi que o interesse maior era saber qual minha participação nas mudanças. Enquanto meu esposo escutava atento, eu e ela compartilhamos impressões, que no modo político do lugar, é uma forma de participar. A especulação, os julgamentos sobre os nomes que surgem na boca do povo, quem vai ficar, quem vai sair, são pautas de conversas informais repetidas nas rodas achadas no caminho. Sobre o Natal, poucos tratavam, afinal é uma celebração mais religiosa e familiar, e a proximidade do processo eleitoral, trazia mais euforia. Na casa da minha mãe fomos recebidos pelo meu irmão autista que falava sobre a voltinha no domingo, comer carne porco assada, farofa e refrigerante.

Queria que comprasse na Nivalda (supermercado) um *big big* (chiclete) também. Minha mãe estava nervosa pois ele não havia se alimentado de tanta ansiedade. E quanto mais ela explicava e tentava acalmá-lo, mais ele falava alto, chorava e xingava. Sua forma de chamar atenção e garantir os desejos satisfeitos. Um homem que em 16 de dezembro completou 36 anos, inteligente, com memória fotográfica, uma criança com corpo de adulto, deficiente físico e totalmente dependente de cuidados. Enquanto eu passava a mão em suas costas, ele repetia: “Maura siá, é pra comprar o *big big* do menino, a carne de porco para assar e levar ele pra dar a voltinha no Pé do Morro para ver o fundo mole, passar na igreja Deus é Amor, na igreja católica e na câmara”. Ele é um rapaz muito organizado, consegue ler calendários, definir datas, eventos e locais que deseja visitar, assim como escolher onde comprar coisas. O Pé do Morro, conforme ele citou, é um local próximo ao Morro do Inhamé, na margem do lago, ao lado da Praia do Coco. Esse desejo em visitar todo fim de semana a casa dos meus sogros são as festas, farras, como diz minha mãe. E na minha família todos são mais conservadores, evangélicos, confraternização significa apenas: comida, oração e conversa. E o Mauro, como é chamado, gosta de movimento, danças, músicas e diversão. O Mauro sabe usar celular e ligar na rádio local para oferecer música às pessoas da vizinhança. Tem o hábito de acumular coisas: CD, revistas, panfletos, fitas adesivas, brinquedos, santinhos de políticos, bandeiras etc. Enquanto o Mauro se acalmava, minha mãe contava um fato familiar. O esposo da irmã dela, decidiu fazer um almoço na casa dele, mudando todo cronograma de confraternizar na casa da minha avó. Chateada, falava da importância de todos estarem juntos, sobretudo após a cirurgia da minha avó e sua difícil recuperação atrapalhada também pela COVID-19, que quase a matou. A conversa se intensificava,

ora eu ficava do lado dela, ora do lado dele, afinal, é Natal e para muitos confraternizar com bebida alcoólica é algo normal, mas minha avó não aceita em sua casa. Minha mãe fazia várias coisas ao mesmo tempo, ligava o fogo e contava sobre a irmã que mora em Miracema que não poderá vir por causa dessa doença. Colocava a vasilha no fogo e nos oferecia café da manhã. No tempo em que narrava mais circunstâncias, o óleo queimava na panela e mais agoniada ficava. Conseguimos ajudá-la a organizar a cozinha, acalmar meu irmão e o Flávio foi capinar seu quintal, pois o mato já estava grande e a perspectiva era que houvesse um churrasco por lá no dia 25 para o almoço. Fomos escrever mais itens na lista, quando entra meu sobrinho de 2 anos chamando pelo Babu, nome carinhoso para se referir ao meu esposo, e começa a abrir as portas dos armários. Ela, novamente, se estressa, são armários novos que pagou em várias prestações e o menino vai acabar com tudo, que a mãe dele não o ensina e vive largado. E recomeça as habituais reclamações da vida que se juntam ao momento. Reclama das dores no corpo, que não é feliz, tem muita roupa, mas aquele caroço na barriga a impede de ter prazer por se arrumar. Acorda inchada e passa o dia correndo, só almoça às 3h da tarde. Todos os dias tenho que fazer a comida da minha avó, pois a Lena (minha tia que mora com ela) só faz comida ruim, sem gosto. Minha mãe mora ao lado da minha avó. Na realidade são três casas (mãe, avó e tia) separadas apenas por um muro. São residências construídas pelo Ceste, empresa responsável pela Usina Hidrelétrica de Estreito (UHE), no Reassentamento Urbano Coletivo de Babaçulândia (TO). Olhando para ela, escuto e lembro das vezes que já buscamos especialistas diversos, tratamentos, inclusive cirurgias e todos concluem que há a necessidade de um tratamento psiquiátrico. Diferente das outras vezes, meu esposo e eu, não falamos nada. Não adianta, o drama é

longo, mas compreensível perante as circunstâncias de assumir para si preocupações e serviços somados aos cuidados e caprichos que meu irmão precisa, impõe e faz questão de atender. Finalizada a lista, sigo para o supermercado, quase 12:30 horas, um horário mais tranquilo. Ledo engano, havia filas nos 2 únicos caixas. O supermercado tem suas cores predominantes: branco, verde e amarelo, sua proprietária, uma parenta, religiosa e conservadora. Pela aparência dos funcionários, percebemos que todos são evangélicos. As moças do caixa têm os cabelos longos, usam saias cumpridas e se tratam por irmão ou irmã. É o maior supermercado da cidade. Estava decorado nas cores Natalinas: verde, vermelho e branco. Muitas guirlandas, laços de TNT vermelho, figuras de EVA dourado no teto, balões verdes, vermelhos e brancos. Pessoas sem máscaras, sem álcool em gel disponível para os clientes, mãos se cumprimentando por todos os cantos. No percurso entre as prateleiras para escolhas dos itens, muitos conhecidos vão surgindo, alguns estendem as mãos para um cumprimento mais caloroso e recuo oferecendo meu cotovelo ou a mão fechada para tocar outra, alguns até estranhos. As pessoas estão conversando sobre suas comemorações do Natal. Frente ao açougue, uma senhora fala que passará a meia noite na casa da filha e vai levar um pernil assado, a outra um mousse de abacaxi e quase levamos uma trombada ao tentar disputar pelos dois últimos abacaxis da prateleira. Sorrimos e resolvemos silenciosamente dividir as opções. Independente da crise financeira, às comprando estão de vento em popa, querem celebrar o Natal com fartura, comendo. As prateleiras estão vazias, funcionários repondo e objetos sendo vendidos com rapidez. Sigo atenta a lista e não encontro uva passa, o repositor me informa que acabou e já havia repostado a menos de 30 minutos. Ele até sorriu e fez um comentário sobre não gostar de uva passa e que nos outros dias

do ano, vencem na prateleira. Uma colega do trabalho vem até me perguntar se vi o preço do arroz da promoção. O arroz de 5kg custando R\$22,50, como se fosse realmente um preço bom. Ela vai seguindo ao meu lado, ambas com seus carrinhos quase vazios e conversando sobre a alta nos preços, o atraso no pagamento da prefeitura, especulações sobre quem serão nossos chefes imediatos (coordenadores e diretor). Dialogamos a respeito de pessoas que estão fazendo expectativas dessas funções, das atividades remotas que parece ainda ser uma opção para o próximo ano letivo e a escassez de material que o trabalho remoto mostrou. Ela formulou algumas hipóteses sobre os desvios nos recursos da educação em Babaçulândia, nomeando responsáveis e as formas de aplicação realizadas. Escutei atentamente as falas, recordando o quanto esse diálogo causa estragos, inimizades e perseguições políticas. Compras finalizadas, de ida ao caixa enfrentou uma enorme fila que se estende pelo corredor entre as prateleiras. Reparo em três jovens, uma carregando uma criança de mais ou menos 2 anos e outra grávida. Planejam uma festinha de Natal, falam sobre as comidas, convidados, namorados e perspectivas da festa, enquanto empurram um carrinho cheio de compras. A moça do caixa saiu para o almoço e um rapaz veio substituir. Começa a passar as compras delas, nervoso, falando que é sua primeira vez ali e pedindo desculpas. As pessoas nas filas estão cansadas e nervosas. O dinheiro das moças não é suficiente e elas começam a descartar itens. Assisto sem acreditar que o descarte imediato são, justamente, latas de leite, massas para mingau e fraldas. Afastada, tentou recusar o julgamento vindo à cabeça. Sentido uma hipoglicemia me dou ao luxo de comer uma barra de chocolate meio amargo. Minha vez no caixa e quase passo mal pelo valor, R\$187,54. Achei caro, pesado e desisti de comprar a carne, uma nova preocupação para lidar com a

expectativa do meu irmão, que me aguardava para juntos almoçarmos quase 14:00 horas da tarde. Uma espera grande, minha glicemia acusava 69 e nem precisei tomar a insulina *bolus* antes do almoço. Durante a noite nos reunimos na porta da minha avó para conversar, uma tradição normal, que somente nos dias de maior número de infectados pelo COVID-19 e quando minha avó estava no hospital, não aconteceu. Usando máscaras, distanciamento entre as cadeiras, era uma espécie de roda. Definimos quem seria responsável por cada item do cardápio e assim partimos para as conversas triviais: notícias dos parentes, fofocas da cidade, política, economia, reclamações e doenças. Minha avó reclamava que estava com saudades dos parentes, que nessa época era natural sua casa estar cheia deles. Minha tia por outro lado, diz estar dando graças a Deus e a pandemia, pois essas visitas só trazem despesas e trabalho. Ela relembra que eles não ajudam em nada, nem no que comer. Minha mãe começa a falar do fulano que no Natal passado enfiou a mão no frango sem lembrar das outras pessoas. Tento não me envolver na conversa e só anotar. Minha outra tia fala que alguns parentes de Goiânia, mas viram meu post no Facebook sobre não visitar os parentes durante a pandemia. Lembrei na hora que meu post dizia: *“Fique em casa, não visite parente, a maioria nem gosta de você. Inclusive falam mal de você pelas costas”*. A avó ficou com raiva, mas expliquei a realidade da pandemia, o risco de morte e que a mensagem era totalmente verdade. Ela começou a explicar sobre Jesus e que se for a vontade dele essa doença vai acabar logo, que é sinal da volta de Cristo. Jesus está voltando meus filhos. Todos, claro, menos eu, confirmavam. Meus tios falavam sobre o valor da carne, que nosso Natal seria o mais simples e alguém ali lembra que a festa na casa do genro da minha avó já estava animada, com muita cerveja e novamente minha mãe começa a dizer que era uma

falta de respeito, decidir fazer festa sendo que minha avó está doente, a pandemia acontecendo e ainda dividir a família que já é bem pequena. No tempo em que a conversa fluía, havia som para todo lado, foguetes e vozes festejando o Natal, até o momento que decidimos ir descansar.

O dia 25 de dezembro de 2020 amanheceu silencioso, parecia uma cidade de ressaca. Acordei fazendo o mesmo ritual do dia anterior, marcamos para ir tomar café na casa da mãe às 8:00 horas. Passamos na padaria e levamos pão e bolo de laranja, como meu irmão gosta. Ela havia preparado cuscuz de arroz com azeite de coco. O cheiro estava por toda casa, um gatilho para meus tempos de infância. Nossa manhã começou juntos, os quatro ao redor da mesa na cozinha. Um espaço grande, pintado de salmão, cerâmicas brancas com detalhes pretos, formando um desenho na parede até próximo ao telhado, com armários de aço novos, uma geladeira pequena e fogão de quatro bocas, ambos bem velhos e desgastados. A mesa que usamos era de madeira, coberta por uma toalha plástica que imitava renda com cor amarelada. Estava presente uma preocupação estética de organização e limpeza, próximo a mesa permanecia um armário de madeira, merecendo uma reforma, porém, colocado no canto, de modo que não é avistado por quem for entrando na cozinha. A cozinha é uma construção recente, depois de anos num espaço apertado, que era a planta original das moradias. A casa de tijolo, agora com cerâmica em todos os cômodos e forro, recentemente reformada pelo Ceste, resultado das lutas empreendidas por minha mãe com os outros moradores em busca de correções na estrutura que em nada favoreceu seus reassentados. Estávamos alegres, bem-vestidos, como se fossem a uma festa. Minha mãe fez uma leitura na Bíblia no livro de Lucas 1: 30-33 e uma oração de gratidão por estarmos com vida e as outras bênçãos alcançadas ao longo do ano. Enquanto ela

orava meu irmão não parava de falar, agradecia, mas também verbalizou assuntos paralelos, histórias de novelas, músicas e quase chorava pois o churrasco não seria uma opção. Em ritmo de alegria as comidas eram preparadas. Minha mãe já estava com um frango caipira tratado e temperado na geladeira e fez questão de cozinhá-lo. Enquanto cortava os temperos, fui separar as verduras: beterraba, cenoura e batata para cozinhar e preparar uma maionese. Meu esposo levou meu irmão para dar uma volta e ao som dos hinos da Harpa Cristã, cantados por minha mãe, nosso almoço seguia sendo produzido. Ela cantou umas 3 vezes o hino 304: *A face adorada de Jesus*, sorridente e dizendo que se meu avô estivesse vivo estaria tão feliz por tudo que já temos conquistado. Ela lembrou dele, pois esse era o louvor que mais adorava ouvir no seu antigo rádio de pilha em fita cassete. Começou a contar dele e de como gostava de comer, de fartura. No meio dessa conversa entrou minha avó, ela está bem-vestida, num conjunto azul de seda fosca, cabelos presos com os fios brancos bem visíveis. De muletas e muito abatida, magra, mas lúcida e se recuperando de uma cirurgia na perna que a deixou com o osso da canela ainda exposto e tem demorado a ser coberto por tecido. Ouvindo minha mãe cantar, lembrou que eram os hinos que meu avô, seu esposo, mais gostava. Havia um misto de felicidade e tristeza nas suas expressões, enquanto dizia da falta que ele faz para toda a família. No momento em que cantavam e conversavam sobre fé e as histórias do meu avô, terminei com o preparo de uma salada de cenoura ralada, alface e tomate. Lembrei do Natal de 2019, e pensei em organizar uma singela decoração com as sobras de material. Encontrei: TNT vermelho e verde, a frase *feliz Natal* em amarelo e balões coloridos. Juntei tudo e no espaço paralelo ao armário de madeira e a mesa, montei um pequeno cenário de Natal. Minha avó recordou da divisão criada por seu genro

em fazer uma confraternização separada, e disse não se sentir feliz para comemorar o Natal naquela condição e decidiu ficar na própria casa. Uma confusão momentânea foi gerada. As coisas estavam arranjadas para ela estar conosco, minha outra tia que mora ao lado também, e assim a separação não seria o problema. Comidas prontas e nas vasilhas de servir (frango caipira ao molho, arroz misturado com fava, maionese, salada, farofa, peixe frito, feijão, salpicão, macarrão e torta doce de abacaxi), meu irmão chegou da rua acompanhado com meu esposo, sentou-se e ligou a TV, passava o programa Encontro com Fátima Bernardes, a televisão estava alta. Minha mãe dizia para baixar o volume e ele não deixava, ela reclamava que agora minha avó não participaria do almoço, quando minha tia também entrou revelando que iria almoçar na própria residência. Um alvoroço, gente falando alto, meu irmão chorando por diversas coisas que ele inventava de querer (queria viajar de avião para o litoral igual fulano de tal na novela). Lembrei de verificar minha glicemia antes de almoçar. A glicemia estava alta, havia consumido cuscuz, um alimento com alto valor glicêmico, era 180 mg/dl de açúcar no sangue, necessitando de 6 unidades de insulina rápida. Ao tempo que eu aplicava, minha mãe relatava sobre um chá amargo que uma vizinha ensinou para curar o diabetes. Eu olhei para ela e disse mais uma vez que não existe, e tudo depende da alimentação e nem tentei explicar. Vivem fazendo campanhas e buscando medicações naturais para minha cura. Por um tempo, queriam me proibir de tomar insulina, tempos difíceis. Ânimos calmos, o almoço teve início às 12:30 horas com minha mãe, meu irmão, meu esposo e eu ao redor da mesa, do mesmo modo como iniciamos o dia. Ela não estava feliz, expressando ter pensado acerca daquela situação se tornar cada vez mais normal. Como minha avó está idosa, logo que partir a família não conseguirá se juntar.

Entendi, mas acrescentei que não, são fatos esporádicos e logo tudo voltará ao normal. Era momento de conciliar e trazer uma mensagem de esperança. Diferente do nosso café, eu quis fazer os agradecimentos, afinal o ano mais difícil, de tantos afastamentos e perdas, me trouxe uma das maiores vitórias, o mestrado. E assim, era tempo de se alegrar, afinal estávamos sim em família. Ela sorriu feliz com lágrimas nos olhos. Almoçamos e depois ela colocou um pouquinho de cada comida em vasilhas e seguiu para compartilhar com minha avó e com a família de minha tia. Ela não consegue comer uma fruta sem antes tentar dividir com alguém, se fosse diferente não seria feliz.

10

DO ASFALTO ÀS RIBEIRAS: UM PERCURSO DE NATAL

*Lucrécia Borges Barbosa*¹

No dia 24 de dezembro de 2020, minha viagem foi programada para Carolina (MA) com o trajeto Wanderlândia-Araguaína-Carolina. A saída ficou marcada para às 06:00 horas do dia 24 (quinta-feira). Foi tudo combinado com meu amigo Ulisses Franklin residente em Palmas (TO) que havia me convidado para passar o Natal e ano novo na casa dos seus pais em Carolina. Ele viria de carro próprio até Araguaína (TO) para seguirmos viagem rumo a nosso destino final. Eu sempre deixo muita coisa organizada um dia antes da viagem. Para essa viagem eu separei: um vestido longo florido, calcinha cor cinza com detalhe cor de rosa, sutiã amarelo, blusa de frio e uma sandália. As bolsas com as coisas que eu ia levar também deixei organizada um dia antes da viagem. Havia programado o alarme do meu celular para despertar às 05:00 horas, levantei-me com uma preguiça pois não gosto de acordar cedo. Entretanto, quando o alarme me tocou só desliguei e voltei a dormir. Quando dei por mim já eram 05:45 horas, levantei atordoada pois eu tinha que pegar a van de 06:00 horas com destino a Araguaína. Me levantei rapidamente, fui tomar banho, lavar o rosto com sabonete *Assepsia*, escovar os dentes e me vestir. Me vesti, penteiei o cabelo, coloquei um par de argolas que amo, passei um

¹ Mestranda em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Especialista em Psicopedagogia Educacional pela Faculdade Integrada de Araguatins (FAIARA/Araguatins); e em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO/Araguaína). Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína). E-mail: sluceciaborges@gmail.com.

batom cor nude, passei pó compacto no rosto, coloquei meus óculos de grau no rosto. Depois de estar toda arrumada ainda fui dar uma olhada na bagagem que eu iria levar para a viagem pois fui percebendo que estava faltando algumas coisas e outras estavam em excesso. Tudo organizado para ir esperar a van no ponto de ônibus que fica próximo da minha casa em Wanderlândia (TO). Meu amigo Ulisses Franklin que me convidou para passar o Natal e ano novo na casa dos seus pais Seu Nilo e Dona Geneci que moram no povoado chamado Bacuri dos Lajes no interior de Carolina. Ele saiu de Palmas na madrugada do dia 24 de dezembro ele veio de carro próprio com mais três amigos, um casal que iria ficar em Araguaína e um colega que iria pegar uma van para Tocantinópolis (TO). Eu saí às 06:40 horas de Wanderlândia rumo a Araguaína, pedi o filho da minha Tia Joana que por acaso estava passando na porta da minha casa para me ajudar a levar minha bagagem no ponto de ônibus que fica bem próximo da minha casa, eu pedi ajuda porque era muita bagagem eu não ia conseguir levar tudo sozinha. Logo que eu estava chegando no ponto de van já estava vindo uma van rumo a Araguaína me despedi do meu primo e entrei rapidamente na van, o motorista nem sequer se levantou para me ajudar com minha bagagem mais tudo bem eu entrei e me sentei em uma das poltronas do fundo, acomodei minha bagagem próxima de mim. Paguei minha passagem que custou R\$10,00 depois peguei minha máscara facial de tecido e coloquei no rosto pois estamos passando pela pandemia causada COVID-19. A van não estava lotada ainda tinham várias poltronas disponíveis, o ar condicionado da van estava muito frio, todas as pessoas que estavam usavam máscaras, não tinha som ligado, as pessoas não estavam fazendo barulho e conversando alto, em alguns trechos da viagem o motorista parou para pegar algumas pessoas que estavam querendo ir até Araguaína. Chegamos em Araguaína por volta das 07:20 horas o trajeto

de Wanderlândia até Araguaína foi tranquilo, a pista estava com poucos carros, caminhões, van, ônibus etc. trafegando. A viagem foi rápida sendo que a distância entre essas duas cidades é de 50 Km. Eu pedi ao motorista para me deixar na rodoviária pois foi o lugar específico que marquei com meu amigo Ulisses Franklin para nos encontrarmos e seguirmos rumo a Carolina-Maranhão. Assim que eu cheguei na rodoviária de Araguaína-TO eu mandei uma mensagem para ele avisando que já estava no local combinado de nos encontrarmos e ele respondeu dizendo que estava em Colinas (TO) abastecendo e logo estaria em Araguaína. Fiquei sentada em uma poltrona do lado que é destinado ao desembarque de passageiros para esperar meu amigo Ulisses Franklin vir me buscar. A maioria das pessoas que estavam na rodoviária de Araguaína estavam usando máscara de proteção facial por conta da pandemia causada pela COVID-19. A rodoviária estava lotada, gente embarcando, gente desembarcando. Tinha crianças, adolescentes, jovens, idosos indo para lá e para cá na rodoviária. Essa época do ano era de muita chuva nesse exato momento estava caindo uma chuva, o tempo estava frio. Meu amigo Ulisses Franklin chegou na rodoviária para me buscar, era por volta das 08h50, quando ele chegou na rodoviária desceu um colega nosso que veio com ele de Palmas e iria ficar na rodoviária para pegar uma van até Tocantinópolis. Eu entrei no carro e fomos deixar um casal de amigos que também veio com ele para passar o Natal em Araguaína. Deixamos o casal de amigos na casa da família de um deles, tomamos um delicioso café da manhã acompanhado de um ótimo bate papo com abraços, saudações, afetos, risos enquanto isso a chuva que caía lá fora sem parar. A chuva deixou o tempo mais agradável e frio, logo depois nos despedimos do casal de amigos e de uns parentes de um deles que estavam presentes naquele momento para então seguirmos rumo a Maranhão. Ao sair da casa onde tomamos o delicioso café da

manhã fui com meu amigo Ulisses Franklin atrás de uma caixinha de som para ele comprar com o objetivo de seguirmos viagem ouvindo músicas, pois o carro dele não tinha som instalado ainda. Fomos até algumas lojas na Avenida Prefeito João de Sousa Lima ainda em Araguaína, mas não encontramos a caixa de som que ele queria, depois disso decidimos seguir nossa viagem sem a caixinha de som, nesse momento ainda chovia bastante na cidade de Araguaína. Pegamos a BR 153 entre Araguaína até Filadélfia local da travessia da Balsa para chegarmos a Carolina, no caminho o limpador do para-brisa do carro meu amigo Ulisses Franklin ficava só caindo e ele tinha que descer para pegar e colocar de novo isso nos causava constrangimentos, mas ele não deixava de pegar a peça pois estava chovendo e precisava limpar o para-brisa e assim ter uma boa visão da estrada. Em alguns trechos da estrada a chuva foi parando no final do trajeto já chegando em Filadélfia (TO) não estava mais chovendo, deixando nossa viagem menos perigosa pois na pista tinha alguns buracos que poderiam causar acidente. A distância percorrida entre essas duas cidades foi de 106 Km. O carro do meu amigo é um Onix 2017/2018 bem conservado, com ar-condicionado. Antes da viagem ele fez toda a revisão. Chegamos na balsa por volta das 10:15 horas na cidade de Filadélfia que fica às margens do Rio Tocantins, para atravessar a balsa de Filadélfia até Carolina, meu amigo pagou com o cartão de crédito dele o valor de R\$21,50 referente a travessia. Nesse horário da travessia a balsa estava cheia com uma grande fila de carros, vans e pessoas, algumas pessoas estavam usando máscaras faciais de proteção devido a pandemia causada pelo COVID-19. Meu amigo e eu saímos do carro por alguns momentos na hora da travessia do Rio Tocantins, aproveitamos para tirar umas fotos e falar de alguns homens bonitos que estavam próximos, foi bem engraçado, nesse momento a chuva tinha parado dava para admirar a paisagem e o

belo Rio Tocantins com suas águas exuberantes e uma beleza natural. Quando chegamos em Carolina, meu amigo Ulisses Franklin e eu fomos até uma oficina para poder arrumar a peça que estava soltando do para-brisa do carro, essa peça veio metade do trajeto saindo e nos causando constrangimento. O conserto demorou alguns minutos, enquanto isso fomos até o banheiro fazer xixi, os atendentes da oficina foram bem-educados conosco. Meu amigo que é natural de Carolina foi reconhecido por algumas pessoas que estavam presentes na oficina naquele momento.

Após o conserto meu amigo perguntou quanto tinha ficado para trocar a peça que estava com defeito, um dos rapazes que nos atendeu disse que o valor seria de R\$70 meu amigo achou caro e pediu para deixar por R\$60 o gerente da loja sorriu e disse: *“tudo bem vou fazer R\$60 para você”*. Meu amigo adorou o desconto, sorrimos fizemos graças e depois meu amigo passou o cartão de crédito dele e ficou tudo certo, nos despedimos, agradecemos e seguimos nossa viagem. Logo em seguida fomos para o supermercado Camino que fica no centro da cidade de Carolina-Maranhão comprar algumas coisas que precisava levar para casa dos pais do meu amigo que moram a 22 quilômetros de Carolina em um povoado chamado Bacuri dos Lajes. O supermercado estava lotado de pessoas correndo pelos caixas todos com filas enormes. Eu ajudei meu amigo a comprar o necessário para levar. Todas as pessoas estavam usando máscara facial de proteção devido às medidas de segurança para evitar a contaminação por COVID-19. Percebi que todas as atendentes dos caixas no supermercado eram mulheres, até comentei isso com meu amigo ele disse que é o gênero nu e cru. Eu comprei uma cartela de iogurte, uma toalha de banho, um energético, e um pote de sorvete. Meu amigo comprou uma cesta básica, duas cartelas de iogurte, 1 litro de suco de uva, um litro de vodca destilada que estava na promoção, duas

águas minerais com gás. Nós tivemos uma conversa rápida e decidimos dividir a conta, assim fizemos e fomos enfrentar uma longa fila em um dos caixas. Enquanto a fila não andava, a gente falava coisas aleatórias para passar o tempo. Ao saímos do supermercado Camino estávamos com fome pois já era 13:00 horas, seguimos para a casa de uns parentes do meu amigo ainda em Carolina chegando lá cumprimentamos os que estavam por lá, sorrimos, abraçamos e almoçamos com eles depois do almoço que foi bem rápido, batemos um papo desejamos um feliz Natal a todos decidimos pegar a estrada para nosso destino onde iríamos passar o Natal no povoado Bacuri dos Lajes local que fica a 22 quilômetros da cidade pro interior onde os pais do meu amigo moram eu já havia ido uma vez em julho de 2018. Chegamos na casa dos pais do meu amigo mais de 14:00 horas devido às condições precárias de acesso ao povoado, estrada cheia de lama, buracos, isso dificultou bastante nossa viagem. O carro do meu amigo não é adaptado para esse tipo de estrada com tantos percalços, mas conseguimos chegar vivos (risos). Quando chegamos à família do meu amigo nos recepcionaram perfeitamente e a mãe dele disse: tem almoço eu estava esperando vocês com uma deliciosa comida feita no fogão à lenha que a mamãe preparou.

Antes de almoçar novamente deixamos nossas bagagens em um dos quartos da casa que já estava organizado para nossa estadia. Depois fomos tomar banho pois estava muito calor. O almoço preparado com muito amor pela Dona Geneci, mãe do amigo Ulisses estava com uma ótima aparência. Ela tinha feito galinha caipira, ovos, feijão, salada, arroz e suco de manga. O almoço foi acompanhado por um produtivo papo com os que estavam presentes: as sobrinhas do meu amigo que estavam passando as férias com seus avós, a irmã da dona Geneci que mora com ela e seu esposo conhecido como seu Nilo. A irmã da dona Geneci é

conhecida como Doce e fica sob os cuidados dela pois ela é uma pessoa com deficiência, mas ela é superdivertida todos a chamam de Doce. Logo após o almoço fomos descansar do longo trajeto até Bacuri dos Lajes. A tardezinha ficamos conversando na área até dar a hora de irmos para a ceia que foi realizada em uma das igrejinhas que tem no povoado. A dona Geneci estava organizando tudo para essa ceia, mandou limpar e enfeitar a igreja para a noite está no jeito de receber os convidados para a ceia de Natal tão esperada para aquele momento do dia 24 de dezembro. Às 18h00min começamos a nos arrumar para ir à igreja no povoado Bacuri dos Lajes no intuito de comemorar a véspera de Natal, o nascimento do menino Jesus, tradição para muitos que ali moram. Eu e meu amigo, suas sobrinhas, seus pais e a irmã da dona Geneci nos organizamos para ir até a igreja. Dividimos o pessoal nos dois carros, o carro do meu amigo e o carro do pai do meu amigo, seu Nilo. Fomos de carro até a igreja que não é longe da casa dos pais do meu amigo onde estávamos hospedados, a lua estava cheia um espetáculo de paisagem no meio do mato fiquei encantada. A igreja que fomos para a ceia é pequena, mais bem limpa, organizada, não tem ventiladores e nem ar-condicionado. Nessa noite o tempo estava agradável pois passou o dia chovendo então foi tranquilo não estava fazendo calor naquela noite da ceia de Natal. As pessoas que estavam presentes se mostraram bem simples e sempre com um sorriso no rosto. Eu fui bem recebida, tinha algumas pessoas que eu já conhecia da outra vez que estive no povoado Bacuri dos Lajes. As pessoas presentes estavam bem-vestidas cada uma do seu jeito todo mundo se mantinha respeitando o ambiente da igreja. Antes da ceia foi realizada várias orações/rezas como o pai nosso, ave maria algumas pessoas que estavam presentes na igreja rezavam em voz alta eu não rezei em voz alta e não rezei todas as vezes. Em alguns momentos das orações/rezas

tinha que ficar em pé eu continuava sentada em uma das cadeiras bem na frente ao lado do meu amigo que também fazia suas orações/rezas. A dona Geneci, mãe do meu amigo sempre estava à frente das orações convidando as pessoas a estar presente naquele momento, ela organizou todo aquele ritual para a ceia de Natal juntamente com ajuda e colaboração de algumas pessoas do povoado. Tinha uma mesa disposta dentro da igreja onde algumas pessoas que a dona Geneci pediu para colocarem as vasilhas com comidas para a ceia daquela noite, na igreja tinha crianças, adolescentes, jovens e pessoas idosas. Na hora das orações/rezas tinha algumas pessoas conversando lá fora, mas a dona Geneci sempre chamava essas pessoas para entrar na igreja, um deles era o seu esposo que estava conversando com outros senhores lá fora. No altar da igreja tinha uma mesa de madeira bem no centro coberta por uma toalha branca de renda com flores. Tinha algumas estátuas de santos em cima de mesa, um vidro de álcool em gel, velas e uma bíblia. Na parede da frente tinha um banner com um santo padroeiro do Bacuri dos Lajes. Também no altar tinha umas velas acesas e uma árvore de Natal feita com balões brancos e bolinhas de enfeite vermelhas. Meu amigo Ulisses foi chamado pela sua mãe para fazer um discurso de abertura da ceia de Natal, no qual nesse momento ele relatou a importância do amor ao próximo e desejou um feliz Natal a todos. Ele falou da importância do Natal para o nosso crescimento espiritual aqui na terra. Logo após o discurso ele foi aplaudido por todos que estavam na igreja, uma senhora o agradeceu pela sua presença na igreja e no povoado Bacuri dos Lajes. Eu também fui convidada pela Dona Geneci mãe do meu amigo para fazer uma pequena leitura que faz parte do evangelho para noite do dia 24 véspera de Natal quando ela me chamou eu fiquei tímida e nervosa, mas eu consegui fazer a leitura naquele momento. O jantar

da ceia foi servido por volta das 22h00min, logo após as orações/rezas, leituras e discursos. As crianças foram servidas primeiro, a janta estava farta, tinha galinha caipira, frango assado, caldo de carne, salada, farofa de carne, arroz, feijão, refrigerantes e suco natural todos podiam ser servir mais de uma vez, tinha tanta comida que sobrou e algumas pessoas levaram para suas casas as comidas que sobraram daquela ceia do dia 24. O jantar foi dentro da igreja mesmo todos foram servidos a comida estava uma delícia eu comi mais de uma vez. Tinha alguns cachorros transitando dentro da igreja, mas ninguém expulsou eles daquele momento eles andavam para lá e cá no meio das pessoas, eram uns cachorros que estavam por ali. A dona Geneci botou comida para eles. Após o jantar ficamos um tempo ainda na igreja conversando uns assuntos aleatórios, cumprimentando as pessoas e desejando um feliz Natal e boa noite de sono. Saímos da igreja por volta de meia noite e seguimos rumo a casa dos pais do meu amigo, eu fui ao carro dele e no outro carro foi os pais dele, as suas netas e a irmã da Dona Geneci. Chegando na casa dos pais do meu amigo fomos escovar os dentes tomar banho depois todos foram se organizando para deitar eu e meu amigo ainda ficamos papeando por um tempo até o sono chegar.

Todos desejaram boa noite, apagamos as luzes e fomos nos deitar para descansar. Eu ouvia sons dos bichos do mato que estavam próximos, a lua naquela noite clareava pelas brechas das telhas, era tudo muito natural as luzes apagadas e a luz clareando nossa noite ali no povoado Bacuri dos Lajes, sem sinal de telefone sem internet essa parte não gostei, mas meu amigo já tinha avisado disso antes de viajarmos. Que tédio, eu queria internet mesmo.

No dia 25 de dezembro de 2020, despertamos por volta das 09h50min, dormi no quarto com meu amigo, o quarto não tinha ar-

condicionado, mas tinha um ventilador. Eu dormir na cama e meu amigo dormiu na rede, só levantamos esse horário por que a mãe dele bateu na porta para ele acordar pois um dia antes ela já tinha feito um compromisso de mandá-lo ir até a casa de um primo dele que tinha separado da mulher e estava muito deprimido como meu amigo é psicólogo a mãe dele pediu que se solidarizassem com o primo dele. O primo do meu amigo mora no mesmo povoado onde estávamos. Levantamos e logo fomos tomar banho, escovar os dentes e trocar de roupa, a dona Geneci já estava com o café da manhã pronto fazia horas, pois ela acordou cedo para preparar o café da manhã. Na mesa havia: cuscuz, ovos cozidos, frito de carne, leite, chá e bolo, tudo feito com muito amor pela dona Geneci que sempre nos dava um abraço e desejava tudo de bom ao longo dia. Ela se mostrou feliz com nossa presença e principalmente com a presença do seu filho Ulisses que mora longe dela e só vai lá nas férias de julho e final de ano. O pai do meu amigo também acordava sempre cedo para as labutas da roça, a irmã da dona Geneci sempre estava ajudando nos afazeres da casa como, ir à fonte lavar roupas etc. As sobrinhas do meu amigo que estavam passando aqueles dias por lá acordava cedo já pedindo comida, pensei numas meninas sapecas, elas passavam o dia brincando e brigando. Contudo, Dona Geneci fazia questão de estar com suas netinhas em sua casa, elas me chamavam de tia e faziam muitas perguntas eu ficava sem jeito, mas respondia tudo elas eram bastante curiosas, um sucesso aquelas Alice e Beatriz. Meu amigo foi no carro do pai dele fazer a visita ao seu primo que estava deprimido por conta da separação com a esposa enquanto ele foi lá eu fiquei tomando banho e me arrumando para receber os convidados que estavam vindo para o almoço de Natal organizado pela dona Geneci e sua família. Alguns dos convidados eu já conhecia.

A mãe do meu amigo começou a organizar os preparativos para o almoço cedo, ela levantou cedo mais o seu esposo e a sua irmã. Logo as suas netas e por último meu amigo e eu. As meninas, sobrinhas do meu amigo, moram em Brasília (DF). Elas já começavam o dia fazendo muita bagunça e se sujando no grande quintal que tem na propriedade. A dona Geneci cuidava bastante das meninas, dava banho, dava comida, trocava as roupas e lavava as roupas sujas delas. Eu também ajudava a cuidar das meninas de vez em quando, era preciso dar umas broncas. Meu amigo demorou chegar da conversa que foi ter com seu primo recém separado da esposa enquanto isso os convidados foram chegando aos poucos na casa da Dona Geneci, era a família Cunha, algumas dessas pessoas eu já conhecia de uma outra oportunidade que ali estive. Todas as pessoas que eu já conhecia foram bem receptivas. O almoço estava sendo preparado no fogão à lenha pela dona Geneci. Algumas das suas parentes que foram chegando também estavam ajudando na preparação do grande almoço de Natal que ia reunir a família Cunha e algumas pessoas convidadas. Antes do almoço foram feitas orações/rezas e um belo discurso feito pelo meu amigo Ulisses que falou bastante sobre o sentido do Natal, o amor ao próximo, respeito e perdão. Logo em seguida foi servido o almoço, primeiro as crianças que estavam presentes e em seguida os adultos foram se servindo. O almoço aconteceu com todos reunidos na área dos fundos da casa do seu Nilo e dona Geneci que se mostraram felizes com a presença de todos. O cardápio foi carne assada, carne de porco, arroz, feijão, salada, peixe assado e macarrão. Bebidas tínhamos refrigerante, cerveja, ice, energético e *Vodka*. A comida estava muito boa todos comeram e foi possível repetir pois tinha muita comida, muita bebida a mesa estava farta a dona Geneci agradeceu a Deus pelos alimentos e ela sempre estava com um sorriso no rosto ela

abraçava todos e pediu para que todos buscassem o amor ao próximo. As pessoas que estavam presentes se mostraram atentas às palavras de amor da dona Geneci. Logo após o almoço todos se reuniram em pequenos grupos por afinidades e começaram a falar aleatoriamente sobre assuntos diversos. Eu falei bastante sobre machismo, gênero, feminismo, relacionamento abusivo etc., com algumas meninas que estavam presentes, elas me fizeram bastante perguntas sobre meu mestrado e a minha vida pessoal. Foi bem produtivo nosso diálogo. Eu percebi que alguns homens não se misturaram onde as mulheres estavam reunidas, eu até falei para as meninas: *“isso é a questão do gênero da masculinidade”*, disse mais ainda: *“que isso faz parte da criação e da nossa cultura”*. As meninas concordaram comigo e algumas disseram sofrer bastante com o machismo no dia a dia e sobre opressão com padrão de beleza, feminilidade e os padrões de beleza que são impostas às mulheres pela sociedade, todas elas falaram um pouco.

Às 17:17 horas os convidados para o almoço de Natal foram indo embora aos poucos, as despedidas foram cheias de sorrisos, abraços, apertos de mão e um até logo, alguns estavam de carro próprio e outros de moto. Depois que todos os convidados foram embora, ficou somente meu amigo e eu. Os pais dele, sua tia e suas sobrinhas aproveitaram bastante o dia para brincar com outros meninos e meninas que vieram para o almoço, essas meninas se divertiram muito. Meu amigo e eu fomos cochilar um pouco depois que os convidados saíram. Seu pai foi colocar comida para os porcos no chiqueiro, sua mãe e a irmã dela foram à fonte que fica no quintal da casa dar banho nas meninas que estavam sujas demais de tanto rolar no chão. Dona Geneci aproveitou a ida na fonte para lavar algumas vasilhas, copos, colheres etc., que ainda estavam sujas do almoço daquele dia, lembrando que ainda teve um lanche da tarde onde todos comeram

bastante. Um às 19:00 horas meu amigo e eu acordamos e fomos nos sentar um pouco na área da frente ficamos por lá falando um pouco da vida, dos problemas, dos amores, das paixões, coisas bem aleatórias enquanto isso a mãe dele estava preparando um simples jantar. Lá por volta das 20:00 horas fomos jantar e depois assistir novela e jornal. Meu amigo pediu para a mãe dele fazer um chá para ele pois estava com dor no estômago de tanto comer. A mãe dele fez o chá depois foi dar banho nas meninas e foi para elas para dormir. As meninas dormiram no mesmo quarto que a dona Geneci o seu Nilo, antes de dormir as meninas ficaram conversando e seu Nilo brigando para elas irem dormir ele era bem rígido com as meninas. Eu passei o dia observando que na casa dos pais do meu amigo tinha muitos cachorros, gatos, galinhas e uma porquinha chamada Valentina que eles estavam criando como animal doméstico, esses animais ficavam o tempo passando no meio das pessoas era bem engraçado eu gostei mais da porquinha ela era bem linda, fofinha e gordinha. Às 23:00 horas meu amigo e eu, seus pais e sua tia fomos nos deitar, antes escovamos os dentes, tomamos banho novamente e a dona Geneci fez uma oração/reza e nos desejou uma boa noite de sono. Meu amigo e eu dormimos novamente em um dos quartos, ele dormiu na rede e eu dormi na cama. Aquela noite não estava quente, o tempo estava agradável ainda ficamos um bom tempo conversando antes de dormir. Já quase meia noite apagamos a luz do quarto e nós desejamos boa noite um ao outro e fomos dormir naquela noite tranquila no povoado Bacuri dos Lajes no interior de Carolina lá não pegava *internet* e nem sinal de telefone.

11

"AMANHÃ HÁ DE SER OUTRO DIA": (IN)CERTEZAS E (DES)ESPERANÇAS EM TEMPOS DE PANDEMIA E BOLSONARISMO

*Maicon Douglas Holanda*¹

Apesar de você
Amanhã há de ser outro dia
Ainda pago para ver
O jardim florescer
Qual você não queria
Você vai se amargar
Vendo o dia raiar
Sem lhe pedir licença
E eu vou morrer de rir
Que esse dia há de vir
Antes do que você pensa

Escrevo aqui as minhas lembranças de um ano atípico, triste e nefasto. Estas palavras conseguem não somente explicar os dias vivido meio ao caos, mas conseguem também evidenciar meus sentimentos e estado de espírito atual. A celebração do nascimento em tempos de morte absoluta me deixa totalmente abalado, e acredito que eu não seja uma exceção.

¹ Mestrando em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Mestrando em Ensino de História (PPGEHIS/ProfHistória) pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em História pelo Centro de Ciências Integradas da Universidade Federal do Tocantins (CCI-UFT/Araguaína). Atualmente é professor na Rede Estadual de Ensino do Tocantins (SEDUC/TO). E-mail: maicondouglassholanda@gmail.com.

Hoje, quinta-feira com céu nebuloso, a véspera de Natal é marcada por mais um dia de trabalho numa empresa em Santa Fé do Araguaia, município tocantinense no qual me refugiei após a deflagração da pandemia de coronavírus (conhecido também por COVID-19 ou SARS-CoV-2) no início de 2020. Esse dia seria mais um dia normal caso não estivéssemos inseridos numa carnificina sem precedentes, que se tornara a maior pandemia do século XXI e que já vitimou dezenas de milhares de pessoas no Brasil e no mundo afora. Trabalhar numa cidade pequena foi uma boa alternativa encontrada para quem precisava ocupar a mente após o surgimento da crise viral-sanitária. Senti um baque emocional muito grande quando me deparei com todas as incertezas, muito medo – que sem sombra de dúvidas a essas alturas já estava generalizado – e a angústia causada por ter que permanecer em casa, isolado por tanto tempo, acompanhando as enfáticas e tristes coberturas das pessoas nas enormes filas, morrendo por falta de leito e de ar. Encontrar qualquer emprego – pois ainda estava afastado desta obrigação por ter acabado de se formar em História – nesse momento me traria algum ganho financeiro e também psicológico, pois me afastaria por algumas horas do dia do assunto "pandemia", mesmo sabendo que milhares de famílias entraram para o patamar assustador dos índices de desemprego e, conseqüentemente, alimentaram o aumento dos dados de fome e insegurança alimentar na população mais pobre.

Cresci escutando a afirmação de que *“quem trabalha, Deus ajuda”*. Talvez essa frase, no qual tenho convicção de que não fora ouvida só por mim, nunca faria tanto sentido nesse momento caótico e desestimulador no qual enfrentamos. Exercer alguma atividade em tempo de pandemia não era visto como um mecanismo para afugentar da necessidade de isolamento social para evitar os contágios, mas trabalhar era

justamente um sinônimo de afugentar da angústia, da agonia e do medo que era passar por esse período caótico e mortífero.

Todas as medidas de segurança foram concebidas e bem assimiladas por mim no decorrer desse fatídico início de pandemia: uso de máscara a todo o momento; distanciamento social compulsório; lavagem de mãos de hora em hora; dedos descolando de tanto usar álcool em gel, enfim, todas as medidas noticiadas nas mídias. Creio que até o momento tenho seguido todos esses respaldos sanitários à risca, mesmo tendo que observar uma parcela da população desacreditava nas potencialidades de mortandade da COVID-19. E para piorar, uma das coisas mais deprimentes que vejo são as múltiplas manifestações negacionistas e *fakes news* gerenciadas, sobretudo, por Jair Messias Bolsonaro, a maior autoridade política do país que não dá a mínima para a situação vivida por tantos brasileiros. Esse estado de coisas me entristece cada vez mais.

Durante a vigência da pandemia, o modelo de sociedade capitalista evidencia ainda mais toda a sua perversidade. Vi pessoas passando por diversas situações de vulnerabilidades socioeconômicas, me refiro à pobreza extrema, e quando não muito, a insegurança alimentar alavancada em muitos lares brasileiros; as desigualdades tecnológicas e de informação, a mortandade de pessoas, sobretudo às mulheres, crianças, negros e sujeitos marginalizadas pela sociedade, e que historicamente, têm suas vozes silenciadas. São pessoas que a História irá se encarregar de construir mais uma versão contada a partir dos vencedores, dos brancos, dos privilegiados do capitalismo. Enfim, são tantas percepções, tantos desafios que precisam ser enfrentados que às vezes nem percebo que essas delongas cansam. Vejo-me com um eterno embrulho no estômago por ainda presenciar vivências de uma

sociedade extremamente desigual, hierárquica e de necropolítica atuante. E isso parece ser cada vez mais visível em certas pessoas.

À medida que víamos o país que já apresentava níveis estratosféricos de desemprego mesmo antes da pandemia, muita gente soube que a coisa ficaria mais tensa com a chegada dessa crise. É uma crise que se estenderia não somente na questão política, social, ambiental, mas que também corroía os Direitos Humanos, uma vez que o Brasil apontava com índices vertiginosos de propagação do vírus, fazendo a política da morte vir com todo gás e transformando o tempo em incertezas e de confusões psicodélicas cada vez maiores.

Esse contexto caótico sanitário sem precedentes foi percebido no pequeno município de Santa Fé do Araguaia, no qual residiu após o início da pandemia de coronavírus (conhecido também por COVID-19 ou SARS-CoV-2). Portanto, mesmo diante desse cenário, decidi continuar no emprego que consegui, pois minha permanência, além de propiciar uma ocupação da mente, também era uma forma de valorizar algo que é simbólico perante a natureza do capitalismo – de que “o trabalho dignifica o homem” – que conquistei durante uma pandemia, tendo em vista que existiam muitas outras pessoas ao meu redor que ensejaram ter uma oportunidade de emprego, porém demasiadas circunstâncias não permitiam tal concretização.

Como mencionei anteriormente, as medidas de prevenção de contágio recomendadas por especialistas em saúde pública foram cumpridas por mim com bastante rigor. As clássicas medidas de segurança deveriam ser regra para todas as pessoas que necessariamente teriam que sair de suas casas. Mesmo sabendo que muita gente ainda não se asseguraria por meio das medidas de prevenção, o ambiente de trabalho se tornava mais seguro, mesmo sabendo que eu ainda teria

longos dias cerceados pela insegurança de ter que andar nas ruas e do medo de transmitir vírus para as pessoas próximas a mim, como familiares.

Mesmo assim, não dou bola às falas do Presidente, pois como considerar os sintomas uma “gripezinha” ou de um “resfriadinho” que está matando tanta gente assim? Esse mesmo vírus do qual menciona Bolsonaro, que é bastante invisível aos nossos olhos, já se tornou uma verdadeira carnificina no país que ligeiramente apontou como mau exemplo de nação a ser seguida no que se refere ao combate à pandemia. Melhor não arriscar a vida para “salvar a economia”, conforme evocava na imprensa o sinistro Ministro da Economia Paulo Guedes. Essa foi a convicção que me fez refletir sobre todas essas cautelas e que me fez refletir muito ao saber que a data Natalina estaria chegando em meio ao caos generalizado. A sensação que prevalece é de estarmos vivermos em tempos de obscurantismos, mas que é capaz de propiciar algumas dosagens de bom humor e esperança nos dias melhores que virão.

No final do expediente do dia 24, passei em um supermercado e comprei os ingredientes de uma lasanha. Não bastava ter um Natal atípico sem ao menos ter esse prato típico na mesa de almoço de todo dia 25 do último mês do ano. Terminado às compras, me dirijo para casa a pé, pois caminhar, nem que fossem poucos metros, seria uma forma de praticar exercício físico e, de certo modo, me desvincular da vida sedentária que habita em mim desde tenra idade. Digo isso porque passo a maior parte do meu tempo sentado, seja no trabalho, em casa durante os estudos e no lazer que costumo aderir.

Ah, e por falar em estudos, ando participando de vários eventos *online*s, sobretudo aqueles das áreas de Humanidades e Estudos Culturais, acho que está sendo o maior presente propiciado pela pandemia

até agora: a adaptação a vida acadêmica virtual e os novos conhecimentos adquiridos. Inclusive, iniciei um mestrado interdisciplinar nesse tempo pandêmico foi uma das melhores coisas que me aconteceram nos últimos tempos. Além de ser um desafio gigantesco, participar do mestrado tem se mostrado um refúgio para mim, de modo que pudesse me acalantar dos momentos difíceis e caóticos (mesmo sabendo que teria que lidar com a modalidade de ensino remoto emergencial por muito tempo, e que talvez cobrisse todo o tempo de duração do curso da pós-graduação).

Voltando para as circunstâncias de véspera de Natal – a essas alturas vocês devem ter percebido que gosto de contextualizar demasiadamente –, o dia tornou-se menos caótico e sorrateiramente mais feliz quando, ao chegar a minha casa, me deparei com uma voz de um senhor que fazia bastante tempo que não a escutava, mas que é inconfundível: a de meu tio Cícero. Ele é irmão de meu avô Nonato, tinha acabado de chegar de Ourilândia do Norte-PA e veio passar o Natal conosco. Fazia um bom tempo que não nos víamos, acredito que fazia uns dez anos, mais ou menos. A saudade estava enorme, mas me contive, avisei que primeiro tomaria banho, trocaria as vestes e manteríamos o papo em dia, mas sem abraços, infelizmente. Essa conduta foi se tornou a melhor forma de demonstração de amor em tempos pandêmicos: o respeito com os familiares – sobretudo com os de idade mais apurada – e o respeito à vida das pessoas, que se contorciam de vontade de dar um abraço, mas a limitação pandêmica falava mais alto.

Após voltar do banho, sentamo-nos na parte externa da casa, num local mais arejado, que dá acesso à jardinagem. Ficamos sentados numa poltrona posicionada numa distância de mais ou menos dois metros. Começava a partir desse momento uma longa conversa, que se

estenderia até o início da madrugada. Além de Cícero, estive acompanhado dos demais familiares e da presença mais que ilustre do meu caderninho de campo, pois ao mesmo tempo eu precisava fazer meus registros etnográficos que culminou na consolidação destes escritos. De quando em quando eu recorria ao caderninho e anotava coisas que aconteceram à minha volta, pois eu não queria que caíssem no esquecimento quando fosse, de fato, narrar os acontecimentos e descrever o teor das conversações e comportamentos paralelos que tivemos ao longo daquele findar de dia. Assim finaliza a longa (e surpreendente) véspera de Natal.

No dia seguinte, 25 de dezembro, era oficialmente dia de Natal. Acordo bem cedinho, mas fico deitado na cama ouvindo algumas músicas do álbum *Norman Fucking Rockwell!*, de Lana Del Rey, meu álbum predileto nos últimos tempos. Após alguns minutos ouvindo músicas para despertar o sono, vou ao banho e coloco a roupa que havia pensado em usar naquele dia: bermuda vermelha e uma camisa branca florada. Após tudo ficar ajeitado, vou até o pessoal que começava a chegar em casa. Desta vez, começamos a conversar sobre termos um Natal muito distinto dos demais anos, sem os demais familiares que a gente ama, mas que residem em outras localidades.

De fato, começaria a considerar o Natal de 2020 como um dos mais difíceis de nossas vidas, assim como considerei o ano mais difícil das últimas gerações. Penso que essa deve ter sido a percepção de muita gente Brasil – e restante do mundo – afora. Contudo, mesmo sendo um Natal com grandes ausências, sabíamos que, apesar da distância geográfica, estaríamos conectados pelo elo fraterno, amalgamados pelo coração e pela esperança de dias melhores.

Meu primo Filipe e minha prima Letícia, a tia Rosilda e seu companheiro Rubens haviam chegado. Ao decidir que não iriam viajar naquele dia, eles foram os únicos familiares que foram passar a data na casa de meus avós maternos, tendo em vista que demais pessoas que moram mais próximo a mim não puderam e/ou optaram por não estarem presentes, devido ao contexto.

Logo mais, os diálogos começaram a se estender, indo desde questões sobre os resultados das últimas eleições municipais até à péssima posição do atual Presidente da República diante da omissão de políticas públicas necessárias ao enfrentamento à pandemia de coronavírus e das tendenciosas afirmações descabidas e que desrespeitam impiedosamente o povo brasileiro. Confesso que essa conversa já estava me dando embrulho no estômago, então propus que mudássemos de assunto e passaríamos a ouvir músicas. Meu tio Cícero logo se animou. Coloquei algumas músicas a seu pedido, tais como as icônicas e eternizadas canções de Chico Buarque, Roupas Nova, Alceu Valença (a querida *La Belle de Jour*), Caetano Veloso e Chico César (especialmente *Deus me proteja e Estado de Poesia*). A partir daí, começamos a manusear as parafernália para iniciarmos um churrasco improvisado. As músicas variavam no tempo em que foram produzidas como também pelo estilo: passava por Jorge e Mateus, Anitta, Zé Vaqueiro, Jão (e seu álbum *Lobos*, que tanto amo) e ia até as canções de uma das cantoras brasileiras de muita estima, Vanessa da Mata (em *Quando deixamos nossos beijos na esquina*, álbum de 2019).

Uma tradição que acontece nas tardes do dia de Natal na minha casa é o manuseio do *karaokê*, que misturado com bebidas e as possíveis alterações comportamentais, vira um clima bastante descontraído, bem-humorado. Na medida em que o pessoal começou a cantar as

músicas descompassadamente, percebi os sorrisos em seus rostos. Sorrisos estonteantes que eu sentia falta. Fazia um tempinho que não os via alegres daquele jeito. É bom mencionar que quando invento de colocar o karaokê, sempre sou eu que inicio as cantorias. Gosto de iniciar com a música *Exagerado*, do Cazuza. Isso já é praticamente manjado. As pessoas já adivinham qual música será a abertura das tardes de *karaokê* no Natal de cada ano (risos). Parece que todos esses momentos de descontração encobriram o peso e as tensões que sentíamos através do vexame pandêmico. As músicas nos animaram, e mesmo que sendo por curto tempo, anestesiaram a dor, fazendo-nos esquecer do quão difícil tinha se tornado aquele ano para tantas pessoas. De fato, sempre achei que muitas músicas são capazes de nos confortar, de nos direcionar a um mundo mais fraterno, gentil, onde o amor e os recomeços são verdadeiros aportes para uma vida cheia de significados.

Nesse momento nostálgico, começamos a tirar algumas fotografias aleatórias, juntamos o pessoal, inclusive meus avós que não costumam tirar fotos sem haver “tamanha necessidade”, entraram no cenário das fotos: um belíssimo jardim verde de minha casa, com plantas distintas e flores de diversos tamanhos e cores. Comentamos, durante a sessão de fotos, que deveríamos manter o distanciamento. Contudo, naquelas alturas, movidos pelo calor do momento, o único argumento válido era a de que estávamos todos em uma única família, e que não haveria problemas, tendo em vista que todos estavam vigilantes e cautelosos com relação a tudo que permeia a pandemia. Após o registro das fotografias, que segundo o meu tio, seriam “*guardadas para a posteridade com muito carinho*”, pois nos anos que se seguiram, mostraremos aos nossos descendentes e “achegados” como foi o primeiro Natal de nossas vidas diante de uma pandemia. Logo mais, começamos a

colocar os alimentos preparados sob uma mesa que fica na parte externa da casa, numa área que dá acesso a paisagem verde estonteante. Costumamos sempre, no dia de Natal, juntarmos os meus familiares e apreciarmos as incríveis delícias de Natal neste local considerado bastante especial da casa.

Conversamos sobre a minha infância e a dos meus primos. Falávamos da época em que tínhamos uma vida mais vinculada ao meio rural, e comentamos o quanto perdemos esse contato do campo no decorrer dos últimos anos. Embalados em meio a um pequeno churrasco, acompanhamos as conversas que, foram ligeiramente interrompidas com o jantar servido, mas que foram retomadas logo após com bastante cerveja e carne assada (e fiquei apenas apreciando a carne assada com suco natural, tendo em vista que etnógrafos não podem ser movidos por bebidas alcoólicas). Ficamos ouvindo músicas aleatórias e conversando até as 01h30min, horário em que todos decidiram ir descansar depois de um dia bem agitado.

No dia seguinte, acordo às 07h00min da manhã com o som monótono do despertador. Estava exausto. Vi que não havia descansado o bastante, então decidi dormir por mais uma hora. Após isso, tomei banho e fui para o café da manhã. Logo preparei-me para organizar uma mini prateleira de livros do meu quarto, além de organizar o guarda-roupas que estava completamente caótico. Ajudei-os também na limpeza do restante da casa. Me encarreguei de lavar e organizar a parte externa que estava bastante suja, tudo completamente fora do lugar, desajeitado. Esses são os sinais típicos que são percebidos com maior ênfase no dia posterior ao encontro Natalino.

Limpei os demais cantos da casa após o icônico e diferenciado dia de agitação. Logo mais, decidi rever as fotografias feitas no dia anterior.

Guardei todas na “nuvem”, como de *praxe*, para evitar que elas se perdessem diante dos imprevistos ao longo do tempo. Fui fazer releituras de alguns artigos sobre etnografias e rever os apontamentos feitos no caderno de campo para dar o pontapé inicial na escrita deste relato de um Natal na pandemia. Mesmo exausto e visivelmente desmotivado, finalizo estes parágrafos refletindo como têm sido tão diferentes, não só o meu Natal, mas também o de tantas outras pessoas ao redor do mundo. Isso me fez lançar pensamentos sobre o tempo necessário para que restauremos a saúde e o bem-estar social que, desde quando me entendendo por gente, anda perdida nesse mar de possibilidades, incertezas e tensionamentos ao longo da História da humanidade, conforme aponta Yuval Noah Harari. Contudo, apesar da pandemia, "amanhã há de ser outro dia", mesmo que a pandemia não seja a mesma para todos.

12

REUNIÃO EM FAMÍLIA NO NATAL

Maria da Cruz de Oliveira Baia Nunes ¹

Ao longo dos anos comemoramos o Natal e esse ano não poderia ser diferente para mim e minha família, na qual procuramos melhorar cada ano, as primeiras horas do dia 24, costumamos nos preparar espiritualmente para que ocorra bem para toda família.

Logo após acordar às 6:50 horas da manhã no 24/12/2020, tomei banho, tomei café, fiz uma lista de compras dos alimentos que usaria na ceia de Natal na casa de minha mãe. Lista feita, fui ao supermercado na intenção de comprar todos os itens da minha lista, fui uma pobre inocente! Quase caí para trás ao ver os preços das coisas, foi então que pensei: em vez de comprar carnes, vou investir nas frutas. Uma vez que estavam mais em conta, por que não fazer uma linda mesa de frutas? Problema solucionado, comprei algumas coisas e fui embora. Em casa, liguei para minhas irmãs para rever a situação da proteína que seria servida na ceia, então, resolvemos que cada uma levaria um pouco de frutas e dividimos também a compra da carne. Às 9:10 horas voltei ao supermercado, para comprar o que faltava. Encontrei uma amiga que não estava há três anos e conversamos somente um pouco, pois eu estava bem ocupada e tentando organizar tudo para que não faltasse nada, além disso, o supermercado estava lotado, o que não me surpreendia. Às 11:30 horas, liguei para o táxi e pouco tempo depois, minhas duas filhas

¹ Mestra em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína). E-mail: mariadacruz853@gmail.com.br.

e eu partimos para o Bairro de Fátima localizado na saída de Araguaína, onde nos reuniremos juntamente com meus pais, meus irmãos e minhas sobrinhas. Às 12:45 horas, almoçamos e logo depois, começamos os trabalhos de organizar tudo para a ceia. Os mais jovens cuidaram da decoração, para dar um ar Natalino ao ambiente, e deixaram o local muito bonito e alegre, sorte a nossa que elas tiveram ideias ótimas, afinal de conta elas passaram muitos dias apenas em casa e não estavam tendo contatos físicos entre apenas virtuais. Com a organização para a ceia, tivemos momentos agradáveis para nós todos, os trabalhos foram feitos em grupos, não tinha essa de fazer coisas sozinho, pois para isso que serve família grande: trabalho em equipe. Durante toda a tarde organizamos a área da casa de mamãe, decoramos uma árvore com pisca-pisca, meu pai fez uma cobertura de palha perto da área que também foi decorada com pisca-pisca. Às 17:50 horas, quase todos foram à Igreja, para a missa que começaria às 18:00 horas, eu não fui e fiquei terminando de arrumar nosso espaço para mais tarde fazermos o jantar. Às 20:00 horas, com todos em casa, ligamos e conversamos um pouco com minha irmã que mora na Itália e com sua família, uma vez que, já era Natal para eles, levando em conta que são cinco horas de diferença. Papo encerrado, começamos a fazer o jantar, primeiro coloquei o peru no forno que, devo ressaltar, foi um absurdo de tão caro. Fizemos a mesa de frutas enquanto o grupo dos jovens fizeram uma mesa para servir as bebidas e batidas, como se fosse um barzinho, durante os trabalhos conversamos com nossa irmã que mora em Cuiabá (MT) junto com sua família, também conversamos com nosso irmão e com sua esposa, que moram em Marianópolis do Tocantins (TO) (próximo a Paraíso do Tocantins), fizemos uma chamada de vídeos para ver a decoração de cada um que não pôde estar presente na reunião, vimos a neve caído na

frente da casa de minha irmã que mora na Itália. Às 23:00 horas, com a ceia pronta, fizemos uma oração para as famílias que perderam parentes com a pandemia e/ou em decorrência dela, oramos também pelos que estavam nos hospitais doentes, além disso, agradecemos a Deus pela nossa saúde e a saúde dos nossos irmãos que estavam longe de nós naquele momento, e pelos nossos pais que têm aguentado todos esses momentos difíceis longe de nós e que estão prontos para dar palavras de conforto para os filhos. Às 23:30 horas, iniciamos nossa ceia após uma linda leitura feita por minha filha, e depois da ceia, só restou a louça suja. Limpamos tudo para que pudéssemos nos divertir. Assim, às 01:00 horas começamos a nos divertir, dançamos bastante ao som de vários estilos de música, o som não estava muito alto para podermos conversar também. Minhas irmãs e eu, dançamos bastante forró, pois meus cunhados e irmãos são bons nisso, ainda assamos carne e minhas sobrinhas e filhas fizeram batidas.

Às 04:00 horas do dia 25 de dezembro, minhas filhas juntamente com os primos, decidiram jogar futebol no meio da rua, eu como uma adulta responsável... Fui jogar também! Percebi nosso momento que estávamos com muitas saudades uns dos outros e esse momento foi gratificante, todos aproveitaram cada minuto. Depois do jogo, alguns foram dormir, outros ficaram acordados para ver o sol nascer. Ao amanhecer do dia, todos ganharam novamente e fizemos café da manhã enquanto jogávamos conversa fora, preparamos a mesa, chegou minha cunhada com seus quatro filhos para passar o dia, devo dizer que eles são bem agitados e não deixam nada quietos, ou seja, acabará nossa tranquilidade, mas estávamos juntos isso que importava. Depois do café da manhã, às 9h00min, fomos tirar fotos e mais fotos para nosso álbum de família, são momentos especiais que devem ser guardados para

serem lembrados, para a história não morrer. Em seguida, começamos a fazer o almoço onde foi uma diversão, conversas agradáveis e alegres, meu marido também tinha chegado para almoçar. Nos natais anteriores, sempre fazíamos comida para que meu pai levasse para duas famílias que moravam ali perto, mas nesse ano de 2020 infelizmente não foi possível, pois essas famílias não estavam na cidade, com a pandemia eles estão ficando em uma chácara e até o momento não retornaram. Por causa do vírus muitas coisas mudaram, até mesmo a presença de algumas pessoas da família. Hora de preparar a mesa para o almoço que já estava perto das 14h00min, depois do almoço fomos arrumar a cozinha para ficar tudo limpo para minha mãe, em seguida fomos arrumar as bolsas para retornar para casa, quando terminei de organizar tudo e de banho tomado era hora de arrumar as mudas de plantas do jardim de minha mãe, ela fez eu trazer para minha casa várias mudinhas cada uma mais linda que a outra. Com tudo pronto, às 16:00 horas chamei um táxi e retomamos para casa, que por sinal foi muito agradável o retorno pois eu estava com muito medo de que o motorista estivesse bêbado, mas graças a Deus correu tudo bem. Cheguei em casa nos arrumamos para ir para a missa, fiz os cachos nos cabelos da minha filha mais velha, porque ela gosta que os cabelos fiquem bem cacheados e fomos, quase chegamos atrasados pois a missa começou às 17:00 horas o tempo estava curto para chegar no horário marcado.

Na Igreja, fiquei bem quando o padre falou a respeito, além do significado do Natal, é preciso saber que a data do nascimento do Cristo permaneceu por muito tempo indeterminada. No curso dos três primeiros séculos, os cristãos a ignoraram completamente, e atualmente é visto apenas como uma data lucrativa para o comércio, uma vez que o consumismo é enorme, enquanto isso, o simbolismo da data é deixado

de lado, até mesmo para muitos cristãos. Depois da missa minha família e eu, retornamos para casa na certeza de termos cumprindo o papel juntos com minha família, correu tudo dentro do esperado, assistimos um filme fizemos um lanche conversamos bastantes e depois fomos dormir.

13

A FESTA NATALINA DA FAMÍLIA QUILOMBOLA BARROS EM GOIÂNIA

*Maria de Fátima Batista Barros*¹

O presente trabalho seguirá a metodologia etnográfica, no qual iremos descrever a festa Natalina nos dias 24 e 25 de dezembro de 2020, a celebração trata-se da comemoração do nascimento de Jesus Cristo e têm um significado para os cristãos espalhados em diferentes países, cidades e comunidades. Para além deste sentido religioso, existem também os aspectos de um momento de confraternização das famílias e o forte apelo comercial, pois existe a tradição das trocas de presentes, dos presentes para as crianças, da árvore de Natal, meia do papai Noel, os amigos secretos, a ceia geralmente servida meia noite, as roupas novas próprias para a ocasião, tudo isso aquece diferentes mercados, inclusive o mercado de trabalho que termina contratando mais pessoas neste período.

A minha família é quilombola remanescente da Ilha de São Vicente no município de Araguatins (TO), somos de base católica, sendo que alguns dos núcleos familiares são evangélicos, porém todos comemoram a festa Natalina.

¹ Possui graduação em pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Foi educadora social, projetista e articuladora na Comunidade Quilombola da Ilha de São Vicente e militante do Movimento Quilombo ANQ (Articulação Nacional de Quilombo). Projetista e Coordenadora na AMAS (Associação de Mães Solteiras e Mães Carentes no Extremo Norte do Tocantins) no Projeto Capacita Ação, financiado pela SPM/PR 2012/2013 (Secretaria de Políticas para Mulheres). Atuou como professora do ensino fundamental na Rede Estadual de Educação de Goiás (SEDUC/GO). Foi supervisora pedagógica na Diretoria Regional de Ensino de Araguatins e coordenadora regional de Educação na Diversidade na DRE/Araguatins (SEDUC/TO). Atuou como docente no curso de Pedagogia na Faculdade Alvorada.

As famílias remanescentes quilombola da Ilha de São Vicente, habitam o território da Ilha, porém algumas destas famílias residem na cidade de Araguaatins, no Sítio Centro do Jacob, no município de Araguaatins, na capital do estado, Palmas (TO), no Estado do Pará e algumas das famílias em Goiânia (GO) e ainda temos alguns membros que residem atualmente na Europa, mais precisamente na Espanha, França e Itália. Tendo em vista que estamos em diferentes partes do Brasil e do mundo, sempre buscamos nos encontrar em datas como o Natal e no mês de julho quando acontece o encontro das famílias quilombolas da Ilha de São Vicente.

Neste ano de 2020 com a pandemia de COVID-19 tivemos que modificar um pouco esses momentos de ajuntamento coletivo dos quilombolas e definimos com encontro com grupos menores e preferencialmente sem grandes deslocamentos. Fomos conversando isso nos grupos de família e ajustando para este momento das festas de final de ano, no sentido de proteger principalmente os mais idosos, que permaneceram dentro da Ilha especificamente com suas bases familiares.

A minha base específica familiar possui um grupo em Goiânia 3 irmãs, 1 irmão, vários sobrinhos e sobrinhas, cunhadas, cunhados e primas. Assim sempre temos Natal no Tocantins e em Goiânia. Este ano eu decidi que não iria comemorar o Natal, pensei em ficar mais sossegada no Sítio Centro do Jacob, porém sem comemoração. No entanto uma prima apresentou uma sequela de COVID-19 e não conseguimos reverter o problema de saúde nem com a medicina tradicional e nem tão pouco com os profissionais da saúde da nossa região, dessa forma optamos por buscar um especialista em neurologia em Goiânia, como minha prima precisava de um acompanhante eu fiz esse papel, saímos dia 17 de dezembro de 2020, o que nos levou a passar o Natal com os familiares

de Goiânia. Meus familiares já residem em Goiânia desde 1991 e durante todos os anos comemoram o Natal juntos em uma das casas dos irmãos, que é justamente na casa onde ficamos hospedadas.

No dia 24 de dezembro de 2020, eu estava em Goiânia, acordei ainda estava escuro, às 5:00 horas da manhã, a noite passada foi de preocupação em relação ao meu filho Carlos Barros, que estuda direito na Universidade federal do Tocantins (UFT), no Campus de Palmas. Ele havia sofrido um acidente de moto no dia 22 de dezembro e somente no dia 23 à noite foi para uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Palmas. Quando fui informada do acidente e na madrugada que ficamos cientes da gravidade que foi uma lesão no baço, ele foi encaminhado para o Hospital Geral de Palmas (HGP) para o setor de traumas, porém não conseguiu leito para a internação e passou a noite em uma cadeira plástica e eu fiquei quase a noite inteira conversando ao celular com ele a companhia dele que não conseguiu nem entrar como acompanhante dele em virtude dos protocolos de segurança do COVID-19. Logo que acordei procurei o celular para falar com ele ou com minha nora, para saber qual era o quadro de saúde dele nesta manhã, ele ainda estava aguardando para fazer um exame para saber se haveria necessidade de fazer uma cirurgia.

Conversei ao celular por alguns minutos com a companhia de meu filho, desliguei e liguei para minha irmã Graça Barros, que é a mãe biológica do Carlos. Ela falou que estava tensa, falamos que após o resultado do exame uma de nós duas seguiria para Palmas (TO) caso ele fosse precisar mesmo de uma intervenção cirúrgica. Eu falei que iria buscar alguma rede de apoio em Palmas para atuar no hospital, visto que não temos plano de saúde e que ele estava lá sentindo dores, em uma cadeira e ainda aguardando um exame.

Levantei-me e saí do quarto que estava dividindo com minha prima, ela iria fazer suas orações matinais, é católica e reza o terço todas as manhãs. Peguei minhas coisas pessoais, uma toalha de banho, escova, uma roupa limpa qualquer e fui tomar banho. Depois fiz café forte, fervei leite, peguei uns biscoitos de nata, servir o café, meu irmão Pedro, o dono da casa, também já estava pronto e veio tomar café para sair, iria trabalhar até às 13:30 horas, sentamo-nos para tomar café junto, ele perguntou como estava o Carlos e falou que se ele tivesse que fazer cirurgia iríamos cancelar o Natal, pois todos viriam para o Natal aqui, mais não teríamos clima para fazer essa ceia. Eu expliquei que ele sentia ainda fortes dores nas costas e no peito e que estava aguardando para fazer o exame. Meu irmão saiu e disse que qualquer coisa para ligar para ele imediatamente caso eu ou minha irmã tivesse que ir para Palmas. Falei que tudo bem que iria agora articular alguém em Palmas para dar um apoio em relação a esta situação do Carlos. Pensei em algumas pessoas, fiz os contatos. Primeiro entrei no nosso grupo de irmãos explicando a gravidade da situação em áudio e que estamos buscando um apoio para encaminhar a realização do exame. Meu irmão mais novo o Júnior Barros, mora em Brasília (DF), ele sempre passa o Natal em Goiânia com os outros, porém este ano ele decidiu que viria passar o Natal no Quilombo, pois como eu tive que vir para Goiânia e meu irmão Manoel, que é solteiro e mora na comunidade, está com um quadro depressivo bem severo e não quis seguir comigo para Goiânia. Ele não aceita fazer acompanhamento psicológico e nem médico, isso nos causa preocupação, por isso o Júnior decidiu vir passar o Natal na comunidade e levá-lo ao médico psiquiatra. Júnior respondeu minha mensagem dizendo que já estava em Palmas e que estava indo para o hospital visitar o Carlos, e que se fosse necessário, iria permanecer em Palmas, que nem

eu e nem minha irmã precisaríamos ir. Isso acalmou um pouco meu coração. Entrei em contato com minha amiga Eutália, que é assistente social e trabalha em Palmas. Ela atendeu de imediato minha ligação e conversamos rapidamente, expliquei a situação. Prontamente passei o contato de meu filho e de sua companheira para ela, que ficou de nos ajudar, fiz contato com minha sobrinha Cristina que também estuda em Palmas, falei para ela que precisávamos dela, ela disse que tinha um amigo que trabalhava no HGP iria falar com ele para ajudar. Na sequência, Eutália passou uma mensagem que tinha uma enfermeira no setor de trauma que iria acompanhar o caso do Carlos, o amigo da minha sobrinha estava no plantão e logo conseguiu a autorização para Carlos ser acompanhado.

Às 8:00 horas, Liz, companheira do Carlos, já estava dentro do HGP. O Júnior, irmão, também chegou ao hospital. Conversou com Carlos pelo celular, em seguida a enfermeira já conversou com minha nora e Carlos foi levado para fazer o exame. A preocupação continuava, visto que somente após o médico avaliar este exame iria informar se precisaria da cirurgia. A enfermeira amiga da Eutália foi um anjo, pois conseguiu um leito para o Carlos, ele conseguiu até dormir após o exame.

Às 9:00 horas eu conversava com minha prima, quando recebi uma ligação de Liz para informar que Carlos não precisaria fazer cirurgia, porém teria de passar 3 dias no hospital e 30 dias de repouso absoluto, pois o baço estava bastante lesionado, com a pancada da queda o baço chegou a sangrar que o sangue mesmo fez uma película e a lesão não se rompeu, mas estava infeccionado e precisava permanecer no hospital para em caso de sangramento os médicos conseguirem combater uma possível hemorragia. Liz disse que o médico falou que eles agiram errado após um acidente de moto irem para casa, que isso poderia ter

custado a vida dele. Chorei de alívio de meu filho estar vivo, dormindo mesmo que em pleno Natal em uma cama de hospital, mas o pior já tinha passado. Meu irmão Júnior disse que em virtude de as coisas estarem mais controladas ele seguiria para Araguatins, pois Carlos iria permanecer no Hospital e que Liz e Cristina, minha sobrinha, iriam revezar se para acompanhar o Carlos nos dias seguintes.

Às 11:00 horas estava tudo certo com a internação do Carlos, liguei para minha irmã Graça que estava trabalhando no município de Guapó (GO), cidade vizinha a Goiânia, ela trabalha em um restaurante, falei rápido sobre Carlos e que não precisávamos ir para Palmas, pois Liz e Cristina iriam cuidar dele.

Agora já era meio-dia 24 de dezembro, lembrei que todos os parentes viriam a noite para a ceia, neste momento fiquei pensando o que essas pessoas vão comer? Minha prima Eugenília disse que daria tempo sim de fazer o jantar, que na noite anterior ela havia temperado um pernil e que o peru era apenas assar. O combinado era que os outros trariam pratos prontos.

Fomos conversando e preparando o nosso almoço, fizemos um frango ao molho, salada verde e arroz branco, um suco de abacaxi. Após o almoço limpei lavei a louça, minha prima secou e guardou nos armários, peguei o material de limpeza e lavei a casa incluindo garagem, área de serviço e banheiro, tudo limpo, tomei banho, fiz um chá de erva cidreira com camomila, pois estava tensa e preocupada com tantos problemas de saúde em família.

Entrei no grupo para falar novamente com meus irmãos e minha irmã, perguntei se realmente iríamos nos reunir nesta noite de Natal, que a casa estava limpa, porém não tinha quase nada arrumado, digo de decoração Natalina, apesar dos problemas que estamos enfrentando

sempre nos anos anteriores a família chega cedo no local da ceia para organizar, percebi que parece que minha presença os deixou um pouco tranquilos nesta parte de organizar a ceia, pior que eu não estou com espírito Natalino, por mim iria tomar uma sopa e dormir pois estava a quase dois dias dormindo pouco, fora que desde o dia 19 de dezembro que estou na maratona de consultórios, laboratórios e farmácias de manipulação de remédios para minha prima, preocupação com esse acidente de Carlos e com o problema de depressão de meu irmão Manoel que ficou no quilombo.

Fato que agora estávamos com as situações controladas, Carlos internado para passar o Natal no hospital, Liz e Cristina uma no hospital e a outra fazendo o que fosse necessário durante a internação. Meu irmão Júnior já tinha seguido para Araguatins, chegaria à noite, mas pegaria um barco e iria para a Ilha ou para nosso sítio o local onde fossem reunir os irmãos e sobrinhos que estavam no território, isso já me deu mais esperança de Manoel não passar o Natal sozinho, pois este é nosso primeiro Natal sem nossa mãe e não está sendo fácil.

Bem então agora precisávamos confirmar se realmente iríamos fazer a ceia para a família nesta noite de Natal, vamos fazer a confirmação com a parentela Barros que reside em Goiás.

Meu irmão César disse que não viria nem na ceia e nem no almoço do dia 25, sua esposa está no último mês de gravidez e eles permaneceram em casa, ela está cansada, também como teríamos vários parentes na ceia eles iriam também evitar contato físico em virtude da preocupação com a COVID-19.

Meu sobrinho Jason informou que vai passar na casa dos familiares de sua esposa, pois durante vários anos passaram com nossa família, agora passariam lá, no dia 25 viriam para o almoço.

Meu irmão Jacó Barros que é o mais velho dos meus irmãos em Goiânia disse que ele e a esposa iriam vir, inclusive mais cedo para ajudar a organizar o espaço, eles já tinham feito as compras de carne para assar, frutas, fizeram um prato e já estavam chamando um Uber para vir ajudar organizar, ele disse que Natal é uma data muito importante que sempre fazíamos esta ceia e agora neste contexto de pandemia nem sabemos se no próximo ano estaremos vivos e nesta data.

Minha irmã passou uma mandou apenas uma mensagem escrita dizendo que ela, seu esposo e sua filha também iriam vir, mas estavam com problema no carro e só estavam com uma moto e não daria para virem os três, que o prato dela seria um salpicão que ela iria fazer quando chegasse, mas só conseguiram chegar às 20:00 horas, pois agora que ela tinha chegado em casa, ainda disse que seu filho Hudson iria passar o Natal na casa de seus padrinhos pois lá tem alguns amigos na idade dele.

Pedro, meu irmão solteiro e dono da casa, falou que tudo bem e já estava a caminho de casa para ajudar na organização.

Minhas três sobrinhas que moram no Jardim América passaram mensagem no privado dizendo Sandra e Cláudia passariam aqui com a família, Leila iria passar na casa da família de seu namorado. A prima Noemi mandou mensagem confirmando a presença e dizendo que fez torta de morango e pavê para a sobremesa. Pediram para o Pedro ir buscá-las de carro, pois elas tinham esses pratos para trazer. Sandra passou novamente uma mensagem confirmando que Leila tinha ficado com vergonha e iria vir passar o Natal com a sua família e seu namorado passaria com a família dele que iria fazer uma torta de bacalhau.

Raquel que é filha de meu irmão Jacó, mora com a mãe, confirmou presença com o namorado. Adelson é um amigo de longas datas,

trabalha como Uber, confirmou presença, pois na sua família não iriam fazer nada. Todos os participantes confirmados, eu e minha prima começamos a organizar o espaço.

Decidimos fazer a refeição na parte externa da casa, por falta de decoração, coloquei dois sofás na garagem, coloquei dois quadros meus que estavam esquecidos na casa de meu irmão, fruto de minha mudança de Brasília (DF), minhas coisas esquecidas pelo mundo.

Na casa do meu irmão tem duas mesas de escritório, uma mesa redonda, uma mesa de vidro, ele tem bastante cadeira branca, assim daria para organizar todos sem precisar ir locar mesas, pois nem daria mais tempo para isso. Organizamos as mesas e cadeira, os forros para mesas minhas sobrinhas ficaram de trazer, umas das mesas de escritório eu cobri para fazer uma mesa de fruta, a mesa grande de jantar seria para a comida, as tortas e pavês ficariam na geladeira e somente depois da ceia seriam servidas, assim iríamos utilizar a mesma mesa do jantar.

Meu irmão Pedro chegou por volta das 15:00 horas, trazendo algumas frutas, caixa de suco, decidimos que álcool este ano apenas o 70° para passar nas mãos. Em seguida chegou o irmão Jacó com sua esposa trazendo as compras, fomos lavar todas as coisas, colocar de molho em água com uma colher de água sanitária. Meus irmãos distribuíram algumas luzes, minha prima lembrou que precisava assar o pernil e o peru, os meninos foram em uma padaria próxima para assar no forno que seria mais rápido.

Na volta percebi que meus irmãos estavam tristes e eu fiquei assim tensa, pressentimento ruim, um medo, perguntei se tinha acontecido alguma coisa. Meu irmão falou que em Araguatins tinha acabado de acontecer um óbito, eu me sentei e fiquei assim sem coragem de perguntar quem era, meu irmão disse que tinha sido a mãe de minha

cunhada Marilene que é casada com meu irmão Batista. Chorei pela minha cunhada, pois meu pensamento foi na minha mãe e o quanto ainda estou sofrendo com sua partida, uma tristeza por não estar no território com eles e poder ser presença neste instante. Meu irmão disse que ela sofreu um infarto, que o corpo estava já sendo sepultado. Levantei, fui para o quarto, peguei o celular liguei e minha cunhada, não atendeu. Escrevi uma mensagem e enviei, liguei para o número de meu irmão, conversamos, ele disse que foi tudo muito rápido que ela tinha quebrado o pé quando estava descendo do carro em Imperatriz para fazer uma consulta e depois disso ela estava sentindo dores, foi internada em Augustinópolis (TO) e em dois dias veio a óbito que pelo problema da pandemia eles decidiram pelo sepultamento, que ele não tinha ligado, pois sabia de nossa aflição com o acidente do Carlos em Palmas.

Voltei para a área externa da casa, tomei um copo de água, meus irmãos perguntaram como eu estava? Se eu queria desistir de fazer a ceia, eu disse que em meio a tudo isso o melhor seria passar essa noite juntos, pelo menos os que já tinham confirmado presença.

Agora já eram 17:30 horas ficamos em silêncio, separei a louça pratos, talheres, copos, frasco de álcool em gel, distribuir na garagem onde estavam as mesas e outros coloquei em outra mesinha na parte onde estavam as comidas, para tentar garantir pelo menos estes cuidados básicos. Meu irmão Pedro foi levar meu irmão e minha cunhada para casa e eles voltariam mais tarde.

Liguei novamente para a Liz para saber como estava o Carlos, ela disse que ele tinha acordado que estava querendo ir para casa, pedi para falar com ele, disse olha você precisa ficar internado, não seja teimoso, ele disse que ficaria, me desejo feliz Natal, disse que iria obedecer, fala fraca, mas falou que estava melhor que não era para mim e minha irmã

ficarem muito preocupadas pois o pior tinha passado. Eu sentia vontade de chorar, mantive a calma e falei novamente com Liz para ele não se cansar, pedir para eles terem paciência e seguir orientações dos médicos, falamos tchau e ficamos de ir conversando durante a noite, como fizemos na noite do dia 23 de dezembro.

Liguei em Araguatins para saber como estavam, eles falaram que iriam para o sítio Centro do Jacob para aguardar o Júnior, que iriam jantar juntos, somente meu irmão Batista e sua esposa ficaram em casa, ela tinha tomado remédio para dor de cabeça e estava dormindo.

Este dia 24 de dezembro de 2020 estava sendo um dia tão longo, agora eram 18:00 horas falei para minha prima tomar banho e se arrumar, disse para ela usar máscara que eu também usaria por segurança. Enquanto arrumava, eu fui fazer o arroz. Logo meu irmão Pedro voltou já trazendo minhas sobrinhas do Jardim América, já estavam arrumadas, minha sobrinha Sandra já tomou conta do arroz e da salada e eu falei para Leila que como não tinha decoração se ela topasse poderíamos ir à rua buscar algumas flores de que eu tinha visto ali próximo, fomos e conseguimos colher alguns ramos de *bougainville*, improvisamos alguns vasos, cobrimos as mesas e já estava tudo pronto por volta das 20:00 horas.

Graça, minha irmã, e minha sobrinha Gabriela estavam terminais de ônibus e não conseguiram entrar no terminal, pois não tinha onde colocar crédito na carteirinha, o sistema de coletivo de Goiânia é complicado, pois só aceita essas carteirinhas, meu cunhado estava na moto com as bolsas delas, mas não dava para elas vir as duas com ele. Lá foi Pedro de carro buscá-las no terminal.

Meu irmão Jacó chegou com sua esposa, em seguida minha sobrinha Raquel e o namorado, nosso amigo Adelson também chegou trazendo suco, logo, logo todos estariam presentes.

Entrei no banho, lavei o cabelo, passei creme, hoje não usei turbante, e nem batom, usei máscara, coloquei brincos um colar amarelo combinando com a estampa do meu vestido, usei uma sandália de salto. Quando terminei minha irmã chegou, foi tomar banho e arrumar, enquanto minha irmã arrumava se fomos conversando os fatos de que aconteceram em 2020 que nos marcaram profundamente como a passagem de minha mãe, este acidente de nosso menino Carlos Alberto, a morte da mãe da Marilene, minha tia Domingas que após a morte de minha mãe perdeu praticamente 100% de sua visão, entre outros problemas no território que está todo invadido, situações e desgastes internos depois de dez anos de luta, em um cenário político desfavorável e a pandemia de COVID-19 que assolou o mundo, terminamos nossa conversa e lá fora estava tudo pronto.

Ainda não era meia noite como é a tradição de servir a ceia Natalina, teve um pouco de tempo para conversar os presentes até 00:00 horas do dia 25 de dezembro que consideramos a hora do nascimento de Cristo na tradição cristã.

Às 00:00 horas do dia 25 de dezembro de 2020, agora já era o Natal, ficamos todos em volta da mesa com a ceia, nos olhávamos já era Natal, mas ninguém fazia os empolgados discursos e nem mesmo as felicitações, bom passando este primeiro momento, minha cunhada Alcione fez uma oração e agradecimento por estamos todos juntos e em seguida iniciamos a ceia, a comida estava deliciosa, mesa farta, nos servimos e fomos para o espaço da garagem onde estavam as mesas e as cadeiras, meus irmãos e meu cunhado Wiris ficaram responsáveis pelo

churrasco, terminando o jantar, servimos as sobremesas, tinha também a mesa de frutas. Já fomos limpando a cozinha e deixando tudo organizado, pois alguns dos parentes iriam dormir na casa e teríamos de tomar café e fazer almoço no dia 25 de dezembro.

Por volta de 1:00 hora da manhã, sentamos todas as mulheres na sala de meu irmão que é bem ampla e têm um sofá de madeira branco tipo L com almofadas é bem confortável, algumas jogaram almofadas no chão, sentaram-se, ficamos conversando sobre minha mãe, lembranças e memórias de uma vida em comum, os homens ficaram nas mesas da garagem jogando truco.

Às 2:00 horas da manhã alguns foram embora, e os que ficaram já estavam com sono. Espalhamos colchões. A casa tem três quartos todos foram ocupados, minhas sobrinhas dormiram no quanto de meu irmão que é o maior, minha irmã, meu cunhado e minha sobrinha dormiram em um dos quartos de visita, minhas duas primas e eu no quarto que minha mãe costumava usar quando estava em Goiânia, pois lá tinha duas camas, tivemos que colocar apenas um colchão de solteiro no chão e deu tudo certo. Meu irmão o dono da casa foi dormir já era 5:00 horas da manhã, pois ficaram jogando, depois organizaram se no sofá da sala.

Às 8:30 horas da manhã do dia 25, acordei, verifiquei que já tinha movimento na cozinha, seguir para o banheiro, tomei banho frio, escovei os dentes, vesti um short *jeans* e coloquei uma camiseta branca, lá fora na área a mesa já estava pronta para o café da manhã, minhas sobrinhas tinham preparado tudo, peguei o celular liguei para meu filho Carlos, ele atendeu, falou que estava melhor, que o médico já tinha feito a visita e que poderia voltar para casa dia 28 de dezembro, mas com um repouso absoluto de 30 dias. Tomamos café, sempre conversando, já fomos pensar em organizar o almoço, hoje estávamos mais animadas,

falamos com os familiares do Tocantins, enquanto isso, minha irmã fez o salpicão de frango, por volta de 12:00 horas o almoço estava pronto. Almoçamos, limpamos a cozinha, a casa, e depois ficamos conversando, alguns dormiram novamente, outros jogaram truco, outros conversavam na sala, somente eu e minhas primas estávamos usando máscara o tempo todo, os demais até falavam sobre o assunto, mas todos sem proteção. Por volta das 15:00 horas fizemos café, chá e biscoitos para o lanche, todos já bem cansados. Começaram a se organizar para o retorno, alguns chamaram *Uber*, outros estavam de carro, meu irmão foi levar minha irmã e minha sobrinha em Guapó, que era mais longe. O que é certo que por volta das 17:30 horas todos já haviam retornado para suas respectivas casas. Meu irmão Pedro retornou de Guapó, nesta noite fomos dormir bem cedo, às 20:00 horas, que bom que tudo tinha terminado, não foi como os outros natais que eu já vivi em Goiânia, porém estivemos juntos e compartilhamos essa data em família, de certo que nunca o Natal tinha sido com tão poucos sorrisos, sem crianças e sem presentes ou grandes demonstrações de alegria, mesmo assim mantivemos a tradição que desde minha infância comemoramos.

Já deitada fiquei pensando nas minhas recordações do Natal de minha infância, quando minha mãe fazia árvore de Natal em um falho envolvido com algodão, as bolinhas eram feitas de tecido de chita, os presentes simples eram colocados em cima de nossos chinelos embaixo de nossas redes, no dia 25 de dezembro o almoço era galinha ao molho pardo, adormeci com essas lembranças e assim finalizei o meu Natal do ano de 2020.

14

ESPERANÇA EM TEMPOS DIFÍCEIS

*Renata Aguiar de Vasconcelos*¹

Em 24 de dezembro de 2020 a cidade de Araguaína (TO) amanheceu com chuva, o que é esperado nesse período do ano, porém, neste ano de uma forma diferente, onde lidamos com a pandemia de COVID-19, que restringe bastante as festividades nesse período e o mais recomendado é ficar em casa.

Por volta das 06:00 horas começaram as milhares notificações de grupos, bem como, mensagens automáticas no *WhatsApp* e *Instagram* desejando feliz Natal, neste momento respondi somente minha mãe que se encontrava em Curitiba (PR) a qual foi passar o Natal com meu irmão mais novo e sua noiva, onde me contava que estava muito frio.

Neste dia aqui relatado era um sábado e precisei fazer um trabalho extra, onde alguém no meu serviço fez um agendamento em uma data errada e eu com espírito Natalino fui atender uma consumidora a pedido do meu chefe, em comemoração ao Natal coloquei minha camisa vermelha da mulher maravilha e fui fazer esse atendimento. Busquei meu chefe e sua esposa que na hora que entraram no carro de cara me desejaram feliz Natal, ressalto que ambos se encontravam de máscara. Resolvi o problema da consumidora a qual ficou muito feliz e falou que

¹ Mestra em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Especialista em Direito Público e Docência Universitária pela Faculdade Damasio de Jesus e é especialista em Direito do Consumidor pela Universidade Cândido Mendes. Possui graduação em Direito pela Faculdade Católica Dom Orione (FACDO/Araguaína). Atualmente é advogada (OAB/TO) e Conciliadora no PROCON/TO. E-mail: renata.aguiardevasconcelos@gmail.com.

um atendimento como o meu deveria ser mesmo uma dádiva do Natal, agradei suas felicitações.

No trajeto, ao levar meu chefe e sua esposa, passei pela Avenida Castelo Branco, passei em frente a um posto de gasolina e os frentistas estavam de gorros de Papai Noel, deixei-os e mais uma vez me desejaram um feliz Natal, nesta hora meu namorado me ligou para ir até a BR-153 buscar uma encomenda que havia chegado em uma transportadora.

Neste momento tive que passar pelo centro da cidade, onde passei em frente uma casa que tinha algumas pessoas saindo de um carro e uma senhora na porta chorando de felicidade e abraçando essas pessoas, logo pensei, deve ser o tal espírito Natalino onde as pessoas ficam mais emotivas.

Ao passar pela Rua Ademar Vicente Ferreira tive que diminuir a velocidade, pois, a rua estava cheia de pessoas, de carros e muitas motos, onde, mesmo chovendo, havia muita gente, pessoas com sacolas, alguns com guarda-chuvas, outros sem algumas de máscaras, outros não, estava uma verdadeira loucura.

Quem dirige em Araguaína sabe que é difícil as pessoas respeitarem as leis de trânsito, onde eu me encontrava na preferência e um homem tentou me ultrapassar pela esquerda, sendo que tinha alguns carros estacionados, eu buzinei para ele, e ele retrucou me xingando, nesse momento o estresse foi ao ápice e falei umas poucas e boas para esse senhor, e depois que passou eu fiquei rindo dessa situação em pleno Natal.

Fomos até a transportadora que em dias normais trabalha no sábado, meu namorado desceu e eu esperei no carro por conta da chuva, e quando retornou chateado me informou que sua encomenda tinha

chegado, mas não tinha como recebê-la, pois o chefe dessa empresa tinha dispensado os trabalhadores mais cedo, para irem a compras de Natal.

Como minha mãe não estava em casa, eu tive que organizar as coisas, então só lanchei quando cheguei e fui fazer os afazeres domésticos enquanto acompanhava *Todo Mundo Odeia o Chris*, em um especial de Natal de 72 horas, quando passei pela sala meu pai estava assistindo um filme de Natal que passa sempre na Rede Globo.

Ao final do dia fui correr com minha amiga na Via Lago que se encontrava com algumas pessoas caminhando e outras correndo, menos pessoas do que geralmente se tem por lá, havia uma pequena decoração de Natal com umas luzes verdes, vermelhas e azuis, em só um pedaço da via e ao final na rotatória uma árvore com as mesmas cores.

A noite preparei uma janta simples para meu pai, o qual se encontrava na sala bebendo sua cervejinha em comemoração ao Natal, como não gosto muito da minha comida, pedi um *shawarma* e fui comer com minha amiga, e como não tinha entrega nesse dia, tive que buscar no local.

Saí de casa e quando cheguei então ao estabelecimento para buscar o lanche e ainda não estava pronto, onde tive que esperar, olhei ao redor e tinham poucas pessoas no local, o local tinha uma árvore de Natal toda enfeitada no caixa e tinha vários piscas-piscas. Após pegar o lanche, fui para a casa da minha amiga e comemos acompanhado de um ótimo *rose*, logo após comer fui para a casa do meu namorado, onde estava só ele e minha sogra.

Esperei meu namorado finalizar um panetone que foi a janta dele e esperei ele jogar uma partida de *gammer on-line*, enquanto isso minha mãe fez uma chamada de vídeo para mostrar a janta deles que tinha uma

mesa farta e algumas pessoas da família da noiva do meu irmão e todos estavam trocando presentes.

Assistimos dois filmes e depois fui para casa onde havia vários carros em movimento na Avenida Filadélfia por volta das 2:00 horas da manhã, observei que tinha um senhor bêbado deitado em um canteiro próximo a um semáforo e eu sozinha não poderia fazer muita coisa.

Havia alguns bares abertos na feirinha com uma decoração simples de piscas-piscas, mais adiante passei por uma conveniência e estava trancada com grades e tinha uma fila do lado de fora esperando para comprar, onde mesmo na madrugada tinha muita gente neste local.

No dia 25 de dezembro, o dia em que de fato é comemorado o Natal, acordei tarde e preparei o almoço para meu pai com o que restou da noite anterior, minha amiga me chamou para almoçar na casa de sua tia, pois a família dela comemora o Natal somente no dia 25.

Quando chegamos lá, estavam sua mãe, sua avó, irmão e primos, chegamos dando felicitações de Natal, mas, sem abraçar ninguém, pois, todo mundo ainda se encontra com receio por conta do Coronavírus. Seus primos estavam deitados na sala que tinha uma imagem de Nossa Senhora e uma decoração de Natal na estante, na cozinha se encontrava as tias terminando o almoço. Na área da frente estava um som tocando música sertaneja e uma guirlanda de decoração, achei uma rede e fiquei esperando conversando com minha amiga, almoçamos às 14:30 horas, onde a matriarca fez uma oração de agradecimento a Deus. O almoço foi uma enorme lasanha, uma salada tropical, um pernil assado e arroz com passas e um sem passas, tendo em vista não ser querida por todos.

Enquanto almoçamos, outra amiga nos chamou para comer um bolo de chocolate que tinha feito, então aceitamos o convite para comer como sobremesa. Logo após almoçarmos fomos até a casa dessa outra

amiga, seu avô nos recepcionou nos oferecendo um pedaço de melancia, muito carismático.

Sáímos a pé para a casa da tia de nossa amiga a rua se encontrava deserta, chegamos e sua tia nos chamou para ver suas plantas, onde ao redor de toda casa tinha várias plantas, flores de vários tipos, tiramos algumas fotos e fomos para a área do fundo, onde estavam alguns familiares dela, todos para comer o bolo de chocolate com coco que é tradição para eles, tinha uma mesa de madeira antiga com uma toalha que tinha decoração Natalina, o bolo estava uma delícia de fato, quando terminamos agradecemos bem cheias.

No final do dia fui dar uma volta na Via Lago com meu namorado e diferente do dia anterior estava lotada, várias crianças brincando, algumas famílias de roupa combinando, alguns tirando fotos, comendo pipoca, tomando água de coco. Eu e meu namorado tiramos umas fotos e logo fomos embora devido a quantidade de pessoas, logo depois, às 19:20, fomos levar minha sogra ao serviço.

Para finalizar a noite minha amiga tinha combinado de ir dormir na minha casa, busquei ela e enquanto eu fazia uma macarronada ela arrumava a mesa com algumas decorações que minha mãe tem, inclusive um porta guardanapo de Papai Noel, logo às 20:30 horas jantamos com meu pai e tomamos um vinho, depois fomos assistir um filme que se chama *I Still Believe* e que em português tem o título *enquanto estivermos juntos*. Pedimos uma sobremesa pelo aplicativo, quando chegou o entregador estava com roupa de Papai Noel, após assistir ao filme fomos dormir.

Assim finalizou o meu Natal.

15

O ENCANTO DA CEIA DE NATAL: LEMBRANÇAS E VIVÊNCIAS

*Rodrigo Reis Figueira*¹

No dia 24 de dezembro, minha jornada etnográfica inicia às 00:05 horas, momento que tive que acordar para rondar até as 02:00h, eu estava dentro do alojamento do quartel em que trabalho, em horário de descanso, pois devido meu trabalho ser de regime de plantão de 24 horas, sendo assim, entrei às 07:00 horas do dia 23/12 com previsão de sair às 07:00 horas do dia 24/12. Após o término da ronda, outro colega assume o posto de vigilância e eu retorno para o alojamento, torcendo para não bradar nenhuma ocorrência, foi o que houve, continuei meu descanso até as 06:00 horas, horário que o último rondante toca a alvorada do quartel (campainha ininterrupta de aproximadamente cinco segundos) indicando que todos os militares de serviço deverão seguir com suas atividades para o encerramento do plantão às 07:00h. Essas atividades são cotidianas no nosso trabalho, é a realização de limpeza das dependências do prédio, devido a essa limpeza que chamamos de faxina, surgiu um jargão “coisa que nunca acaba em quartel militar é a faxina”. Após o término da faxina, junto com a equipe que irá assumir o serviço, conferimos o material de uso operacional e somos liberados para ir para casa. Às 7:25 chego em casa e recebo um abraço do Sebastião,

¹ Mestre em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Especialista em Segurança Viária Urbana pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína). Possui graduação em Educação Física pelo Centro Universitário Claretiano. Atua no Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Tocantins (CBM-TO). E-mail: rrfigueira@uft.edu.br.

meu filho de quatro anos, sempre acorda mais cedo que mãe e a irmã, porém nesse dia a mãe levantou antes e foi praticar atividade física que é pedalar. Quando ela chegou, foi colocar a roupa para lavar. Eu, que já tinha feito um café e preparando um lanche para meu filho, fui descansar devido o plantão, que mesmo com alguns momentos de descanso, não tem como ser um sono de qualidade, pois sempre temos que estar alertas para o brado da ocorrência, onde costumo narrar que quando estamos descansando no alojamento, *“brada a ocorrência, temos que acelerar de 0 a 100 em pouquíssimo segundos”* para que nosso tempo resposta seja o menor possível, pois alguém que necessita de nossa ajuda está a esperar ansiosamente. Antes de relaxar, minha filha mais velha de onze anos, vem deitar um pouco comigo, pede benção e solta a pergunta que faz desde quando começou a falar: *“teve ocorrência? Como foi?”* após eu responder, tento relaxar, mas devido a tensão do evento Natalino, me levando trinta minutos depois, sem saber, estrago a surpresa de minha filha que estava organizando um café para levar na cama para mim. Por volta das 09:30 horas, temperei um pernil de porco e fui comprar lasanha congelada para complementar na ceia de Natal, minha esposa está um pouco tensa por causa que nós que somos os organizadores da ceia na casa da mãe dela. Às 10:35 ela está se arrumando e maquiando para gravar um vídeo para abrir um presente de uma grande amiga que nos pediu que fosse assim, mas o vídeo não deu certo, chegou visita e nossa cachorrinha não parou de latir, tivemos que deixar o vídeo para depois. Dentro desta correria, meu filho quer brincar, consigo fazer algumas poucas atividades, mas já temos que ir para casa da minha sogra para ajudar nos preparativos da ceia de Natal, motivo de ansiedade para os anfitriões, pois é a primeira na humilde casa dos pais de minha esposa. Às 11:20 horas, em paralelo com os preparativos, minha sogra com a

ajuda da Rosélia (minha esposa) prepara um o almoço, que ficou muito bom e logo em seguida de todos comerem, minha sogra que mal sentou já inicia a lavagem do que foi usado, sendo ajudada por sua filha juntamente com duas netas, minha filha e a Laís que têm a mesma idade. A Laís é filha do Ronaldo, um dos três filhos da minha sogra. Por volta das 12:14 horas, minha filha inicia os preparativos para fazer a sobremesa da ceia logo mais à noite. Minha esposa sorriu ao me ver *"etnografando"*. Como de costume, após o almoço, me bate um sono pesado, porém vou ter que retornar para casa para poder colocar o pernil para assar e aproveitar para dormir um pouco, aproveitando o dia chuvoso que fica mais favorável para dormir durante o dia. Às 15:54h, uma prima da minha esposa, juntamente com suas filhas, chega de Nova Olinda (TO) e nos liga para buscá-las em um ponto de transporte coletivo que fica no bairro JK às margens da rodovia BR-153 no perímetro urbano. Agora é ficar em casa e esperar os dois pernis que coloquei para assar ficarem no ponto, sendo que um está assando em casa e o outro tive que colocar no forno da vizinha devido meu fogão não caber os dois. São 19:24 horas, fui à casa da vizinha olhar o pernil e retirar do forno, não ficou bem do jeito que eu pensava, deu uma torradinha no couro, mas vai ter como comer. O que ficou em casa ficou bom, após assar, joguei gordura de porco bem quente para "pururucar" o couro, ficou ótimo, até registrado em vídeo. Na sequência, fomos para casa da minha sogra, levando os assados e as visitas que estavam hospedadas em nossa casa. Minha mãe, juntamente com meu irmão e família, chegaram de Nova Olinda 19:00 horas e trouxeram uma leitoa morta e tratada, mandada pelo irmão de minha sogra que está programado para vir almoçar amanhã, dia 25, tive que levar essa leitoa para freezer que tem no quartel onde trabalho, para poder conservar.

A ceia que foi servida às 21:00 horas, muita comida, pernil assado, lasanha, salada, arroz outras coisas mais. Após a ceia foi servido a sobremesa que minha filha fez, um mousse de maracujá e um outro doce com cobertura de chocolate. Uns parentes dormiram na minha casa, bom que o café da manhã foi movimentado. Comprei pão e leite, após o café da manhã em minha casa, retornamos para casa de minha sogra, mas antes, fui buscar a leitoa que ainda estava inteira para eu poder cortar e já colocar uns pedaços para assar para o almoço do dia 25/12. Antes do almoço, tivemos que buscar mais parentes da minha esposa que vieram de Nova Olinda, eles desceram da van no ponto do bairro JK onde ele nos aguardou. Na hora do almoço fizemos orações agradecendo a Deus aquele momento que mesmo apesar do medo do contágio da COVID-19 estava sendo um momento de felicidade, pois vieram pessoas de longe, que foram duas irmãs da minha sogra, uma mora em Palmas e outra em Anápolis. Após o almoço, de forma espontânea formaram três grupos de roda de conversa, pois tudo dependia do interesse de expressão. Um grupo de pré-adolescentes e adolescentes de idades entre 10 e 16 anos, outro grupo de mulheres entre 35 e 65 anos e outros grupo de homens de idades entre 35 e 68 anos, grupo que eu estava situado. Dentro desse grupo quem tomava a frente de fala era os mais velhos, o tio da minha esposa e meu sogro que lembravam os tempos que trabalhavam juntos no garimpo na década de 80, onde relatam histórias de sofrimento, dificuldades, violência, prostituição, porém existia momentos de felicidade, principalmente no dia da chamada “despesca” onde era o dia em que meu sogro, que conseguiu ser o que eles chamam de “dono de barranco” um espécie de patrão, fazer o pagamento para os seus colaboradores, o pagamento era em peso de ouro. Durante a conversa, como já esperado, meu sogro saiu de fininho para tirar o sagrado

cochilo após o almoço, que segundo ele “*se eu não dormir 15 minutinhos após almoço, fico doente o resto do dia*”. Às 15:00 horas iniciaram as despedidas, pois as pessoas que moram em Nova Olinda tinham que pegar a van do horário das 15:30 horas, fomos levá-los em dois carros no ponto, onde esperamos ainda cerca de 20 minutos para a van passar onde todos embarcaram e chegaram bem ao destino. De Nova Olinda ainda ficou o tio Cícero que irmão da minha sogra, juntamente com sua esposa, ele também mora em Nova Olinda, mas a estavam animados com a conversa, às 17:00 horas ele nos pediu para levá-lo ao ponto para também esperar a condução para ir para Nova Olinda, porém esperou durante uma hora e meia e não passou nenhuma van nem ônibus, sendo assim eu minha esposa fomos deixá-lo em Nova Olinda, e lá após deixá-lo em sua residência, fomos na casa do meu irmão que mora lá, conversamos um pouco e as 21:00 horas retornamos para Araguaína (TO), sendo que ainda fomos na casa da minha sogra pegar nossos filhos, pois lá não teria como eles dormirem, pois as duas irmã da minha sogra estão hospedadas, após chegarmos em casa, finalizamos nossa etapa do Natal de 2020.

16

NATAL DE 2020: TRADIÇÃO E ATIPICIDADE DA PANDEMIA DIVIDEM ESPAÇO

*Rômulo Castro Silva*¹

ANIVERSÁRIO DA MÃE E PRÉVIA DA CEIA DE NATAL

No dia 23 de dezembro de 2020 acordei exausto, aproximadamente às 08:31 horas da manhã. Ouvia vozes de pessoas que não são de casa, tentei me lembrar que dia era. Então me recordei, o primeiro dia da etnografia, estava apreensivo, não muito motivado, um pouco sedado, peguei meu caderno e me levantei.

Estava me esquecendo de algo, haviam acumulado situações, além do trabalho do mestrado, da data festiva em si, ainda era aniversário de minha mãe. Me levantei, tomei meu Paco, meu Naproxeno Sódico, Minha Amoxicilina Tri-Hidratada com Clavulanato de Potássio e minha Dipirona e começa o dia, pois havia operado dias atrás.

Ali, dia 23 de dezembro ainda não é prévia de Natal, mas sim aniversário da matriarca, mas no curso do dia tende a mudar os direcionamentos dos esforços. Entendi a movimentação que me acordou: Meu irmão, sua esposa e minha sobrinha chegaram em casa. Nesta casa o café da manhã em família no aniversário de qualquer dos membros é lei, ninguém sabe quem impôs, como se consolidou, mas o é, e

¹ Mestrando em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Especialista em Direito e Processo Penal (LFG) e especialização em Direito e Processo Civil - ITOP. Possui graduação em Direito pelo Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC/Araguaína). Atualmente é advogado (OAB/TO). E-mail: romulo.castro@uft.edu.br.

ninguém tende a burlar sobre risco de ser entendido com uma afronta ou desrespeito ao aniversariante.

A lógica: *“Como poderia não se tomar café matinal com o aniversariante? Que absurdo!”*

Graças aos deuses ou só a meu irmão mesmo, desta vez sabendo do meu estado, já chegou com tudo em mãos, apenas para nos sentarmos e comermos. Estava disposto na mesa os pães de queijo que a mineira aqui de casa não abre mão, uma sorte de salgadinhos, queijos, doces, um maravilhoso pudim (que não melhor que o meu), bolo típico de aniversário, e, ao fundo já sentia o cheiro do café que estava no fogo e do chá de cidreira com capim santo que já é o cheiro oficial da casa.

Começaram as felicitações, minha cunhada Priscila fez uma oração e começamos a comer. Primeiro, todos nós, peritos em alimentos começamos a dar nossas avaliações a cada comida posta à mesa, comentários como: *“Nossa, essa massa está ótima”* ou *“Meu pudim é melhor e sairia muito mais barato, isso nem é pudim de verdade, só amido...”*

Então logo mudamos para outro assunto, os preparativos do Natal. Qual a programação disposta? Resposta: Passaríamos o Natal junto com a família de minha cunhada, afinal, não temos uma família aqui no estado do Tocantins, não uma grande família ao menos, apenas eu, mãe e Rafa (irmão). Já era para eles estarem todos no Ceará, nas praias, mas a força do espírito Natalino os segurou para permaneceram até essa festividade, para ficarem todos reunidos, e como privilégio acessório, então o moribundo (eu) ao menos não ficaria só.

Já estavam dando as coordenadas, eu seria responsável pela principal sobremesa, a Torta de Camadas de minha família, receita da família de minha mãe, e que eu já herdei o encargo, já que só minha mãe

e eu sabemos fazê-la, e pela saúde de minha mãe não estar tão boa, já estou ciente: Terei que separar algumas horas para fazê-la.

Recado dado, encargo assumido. Também minha cunhada nos informou sobre as brincadeiras que ocorrerão na ceia, tais como amigo sacana e bingos. Nada surpreendente, afinal, existem encontros familiares sem jogos? Acredito que não.

Alimentados, felicitações expressadas, então minha mãe avisou que já é hora de irmos ao Centro, para o tradicional “*bater perna*” e comprar coisas que não necessitamos porque estão supostamente em promoção, assim como as lembranças para várias pessoas e os presentes de minha mãe que tenho que comprar com ela, pois ela não gosta de quase nada e se arriscar presenteá-la surpreendendo-a, pode ser surpreender-se com uma resposta como “*obrigado, mas não uso isso*”.

Empolgadíssimos, ignorando a existência de Coronavírus, chegamos ao Centro na espera de promoções, movimento, decorações Natalinas e muito barulho. O que vejo? Um dia aparentemente normal, o centro com movimento ordinário, não existia aquele fluxo assustador de gente que incomoda minha mãe que sofre de síndrome do pânico, não há decorações, não havia a coloração acentuada de verde e vermelho cintilante. Via alguns uniformes com referências ao Natal, alguns chapéus de Natal e irrisórias lojas com decorações em sua porta de entrada, tudo frio, meramente representativo, distante, atípico. Atípico justamente por parecer um dia típico, mas não era para ser um dia típico, então o susto da diferença foi parecer um dia comum.

Confesso minha decepção, pois esperava a energia normal deste dia, animada, barulhenta e cansativa. Minha mãe ao meu lado notou o que para ela foi mais entristecedor, promoções, não havia promoções de Natal, aquele 20%, 30% ou 40%, nada, não existia aquele fomento do

comércio daquele dia de consumir, de presentear, era apenas um dia comum no Centro de Araguaína (TO).

Começamos comprando coisas de casa que não precisávamos e não utilizaríamos, abajur, cortina e outros itens, vi nas lojas pequenas seções de itens Natalinos, discretos, alguns objetos para montar presépio, alguns itens luminosos, pequenas árvores de Natal, duas ou três daquelas enormes... sensação? De que o comércio não espera que as casas da cidade se vestissem de Natal este ano, sensação de que o Papai Noel morreu de COVID-19 e nada há de se esperar para o dia de amanhã, nada de especial.

Mas continuamos guerreando nas compras, lojas de roupas foram inúmeras, coloca vestido e tira vestido, foram algumas centenas de vezes em que minha mãe fez isso e do lado de fora eu dava o aval: *“Essa sim”, “essa não”, “essa não tem corte”, “sem caimento”, “vai ter de ajustar”, “será que dá tempo?”, “temos que fazer a torta ainda hoje, lembra? Se não, não fica pronta para amanhã”*.

No geral, ouvia os diálogos dos desconhecidos que por mim passavam, os assuntos principais eram preparo de comidas, e nas lojas de roupas a aquisição de roupas para Natal e virada de ano, enquanto em uma loja uma vendedora comenta que a saída de roupas vermelhas não foi como o esperado.

Compramos inúmeras lembranças, os presentes de minha mãe, os presentes para os anfitriões que nos receberiam dia 24, sendo que um deles aniversaria exatamente no dia 24, o Sr. Romualdo, pai de minha cunhada. Péssimo dia para um aniversário. Presente para irmão, cunhada, sobrinha e alguns amigos.

Entrávamos em lojas, saímos de lojas, só percebia a normalidade do dia 23 que não era para ser normal, ou talvez estivesse além do

normal, afinal, um dia 23 de dezembro em período de pandemia. Talvez meu anseio estivesse errado e havia esquecido do “*fique em casa*”.

Não percebi o tempo passar muito bem, mas já estava de tarde, compramos lanches, almoçamos os lanches e fomos para casa abarrotados de lembranças. Chegamos, despejamos na sala, deitamo-nos e apagamos. Acordamos no final de tarde e fomos ao supermercado mais próximo para comprarmos os itens da torta.

O supermercado estava com uma lotação habitual, mas sua dinâmica era típica da época, os vinhos estavam evidentes e em promoção, na entrada do supermercado já haviam cartazes indicando os produtos em promoção, a ênfase eram em frutas vermelha, em carnes, *chesters*, também pernil, nas maçãs, nectarinas, pêssegos e ameixas também, **a presença de mulheres no supermercado é predominante, manifestante que elas sabem o que são necessário para a realização dos pratos tradicionalmente esperados**, e que também esse encargo é lançado a elas, neste momento me recordei que nas compras essa era a mesma realidade no Centro, predomínio das mulheres impulsionando a ocorrência da tradição Natalina.

A fila do açougue e a sessão de frutas eram o foco do dia, demonstrava o que compunha a mesa dessa festividade.

Preparamos um rápido jantar e começamos a torta, que não pode ser descrita por questões éticas, afinal, segredo familiar. Pronta, levada ao congelador, então nos empanturramos, eu e minha mãe, de sorvetes, chocolates, *esfihas* e abrimos a *Netflix*, isto concluiu a comemoração do aniversário e a prévia de Natal.

DIA DA CEIA

No dia 24 de dezembro de 2020, acordei às 08:30 horas novamente, e novamente com a chegada da sobrinha, dessa vez virei o babá para que meu irmão fosse ao supermercado comprar o pernil que faria para a Ceia. Estava desanimado com todo o contexto da ceia, visto que eu poderia cear, desde que pegasse meu prato de comida, despejasse em um liquidificador e o triturasse para então, posteriormente comer a pasta resultante desse processo. Mas ainda assim interessado em ver toda a relação das pessoas com os preparativos que circulavam ao redor de algumas premissas como: família, presentes, brincadeiras e comida.

A comida sim, o elo principal, todos em volta dos pratos elaborados, o momento sagrado, em que a comida deixa de ser só o alimento, mas parece que a comida é o elo que une a confraternização e a comida é o momento em que se assimilará todos os votos de paz e harmonia feitos nesta data.

Após a manhã cuidando da sobrinha, fui a chácara de uma amiga que também preparava sua festividade de Natal, aonde Cristo para eles é um Avatar que veio para uma mensagem específica e agora ele é um dos regentes de todo o nosso Sistema Solar, mas não é bem Cristo o aniversariante do dia. Lá o assunto era o alinhamento das constelações que não ocorria a mais de 400 anos e que, por sinal, é possivelmente o mesmo alinhamento que ocorreu no suposto nascimento de Jesus Cristo, correlatos as 03 marias, 03 magos e toda essa mitologia, segundo o que conversavam.

Esse Natal neopagão é bem familiar, eles preparavam o ambiente do ritual num círculo de pedras, onde ao centro há uma árvore, que estava sendo decorada com velas, incensos e sinos. A estrela não estava no

topo da árvore, só o pentagrama sobre a mesa mesmo, que compunha com copos, água, vinhos, castiçais, punhais, velas e frutas, as quais ceariam, dispensadas as carnes por serem vegetarianos em sua maioria. Mas no geral, iriam celebrar o nascimento do menino Deus, a morte da deusa e os ciclos, feito com libações e outras práticas. Voltei ainda no final da tarde para a cidade.

A noite dirigi lentamente e aproveitei para olhar melhor o fluxo, por volta das 19:00 horas do dia 24 de dezembro já avistava pessoas bêbadas e cansadas, como se as festas começassem cedo ou mesmo nem se aguardava a solenidade da Ceia, mas se aproveitasse a oportunidade de um feriado, mas algumas pessoas voltavam apressadas para casa de seu trabalho.

Próximo de casa, avistei um rapaz andando de bicicleta e uniforme cinza, pó sobre o corpo que me remetia a um trabalhador braçal, levava consigo presentes, aproximadamente três em uma grande sacola, e ainda um lindo sorriso no rosto de realização, e que, mesmo em sua simplicidade, sabia que levaria muita felicidade a quem o esperava, uma cena que segurou meu olhar por segundos e parecia não existir sentimento mais belo.

O que via nas ruas era um contraste de expressões de acordo com o que o Natal representava a cada um.

Em casa falei com meu irmão sobre o horário que podemos ir, ele entrou em contato com as mulheres que informam o horário que os pratos estariam prontos, estimando a hora que poderiam todos chegarmos na casa onde seria a ceia, sendo que as mulheres estavam lá cozinhando, decorando, carregando a tradição para se manter viva, já dos homens, esperava-se que só comparecessem na hora.

Prontos para ir, com minha mãe equipada com sua roupa em tons próximos ao vermelho, fomos até a residência onde ocorreria a Ceia, sendo que se trata de família evangélica, que, apesar de todos seus dogmas religiosos, não possuem dogmas ritualísticos.

Existiam grupos de mesas com ocupações adequadas para cada membro da família, sendo que esses grupos (de famílias) ficavam distantes uns dos outros e foi orientado o uso de máscaras. Da chegada já se visualizava a mesa central onde estavam os pratos da ceia, as mesas dos convidados já estavam postas, grupos de pessoas se encontravam no local, e um ar frio e distante pairava, com cumprimentos por aceno, com distanciamento e diálogos quase inaudíveis pela distância e uso de máscara.

Aproximadamente 04 famílias de 5-6 pessoas cada se encontrava lá, todas unidas por casamentos, de modo que, de alguma forma parece tratar-se de uma única família.

Inicialmente as conversas se fecharam entre os grupos de cada mesa, cada família ilhada em seu próprio centro/mesa. Os assuntos eram idênticos em todas elas, os familiares se reencontraram e perguntaram como estavam outros parentes, como estavam os trabalhos, crianças e porque alguns dos convidados não compareceram.

Em minha mesa se encontrava eu, minha mãe, meu irmão e minha cunhada, mas não durou e então as máscaras abaixaram, as vozes ecoaram no quintal, as pessoas migraram entre as mesas, trocaram abraços e aperto de mão. Toda a solenidade de cuidados com a pandemia foi esquecida e a trégua pelo cuidado foi unânime, simultânea e tácita.

Próximo às 21:00 horas, recebo a ligação de meu pai, que veio a Araguaína (TO) para o Natal, mas resolveu passar no Dom Orione para fazer um exame, já que estava com sintomas suspeitos, então descobriu tê-lo

testado positivo para COVID-19. Então meus irmãos que com ele residem e minha madrastra tiveram que realizar também o exame, sendo que ela e meu irmão mais novo também testaram positivo, e somente meu irmão dito “do meio” testou negativo, contudo, estuda medicina e estava estagiando todo ano, possivelmente já tendo se contaminado em momento anterior.

Para meu pai foi fúnebre, sendo que ele e minha madrastra possuem múltiplas comorbidades que os colocam no grupo de risco, senti e sua voz o sentimento de morte, o medo e preocupação, mesmo tendo meu pai promovido inúmeras confraternizações para centenas de pessoas, inúmeras vezes, acreditando que nada ocorreria.

Tentei desfocar da notícia e fui a mesa, nela vi ao centro a carne de ave, ao redor carnes vermelhas, pernis, diversos tipos de farofas, dois tipos de arroz, saladas com muitas frutas, salpicão, fricassê, frutas... parece infundável, todos esforços, toda a solenidade realmente está depositada ali em alguma simbologia na comida.

Na decoração não havia elementos típicos do Natal usurpados das práticas originárias pagãs, conversando com os donos da casa, comentaram que entendiam que esses elementos não representavam o Natal, por isso não se apropriavam.

Logo, não havia as cores típicas, como vermelho, verde, prata e dourado, não havia luzes, velas, pisca-piscas, guirlandas, árvore de Natal ou ao menos as toalhas típicas do Natal que são desenterradas do fundo do baú anualmente para essa única finalidade. Tudo parecia neutro, *clean*, com predominância do branco. A decoração? A comida.

Então me voltei para as pessoas, em boa parte dos diálogos se voltavam as crianças, os filhos, netos e outros, todos falavam das crianças presentes ou de outras crianças correlacionadas as pessoas presentes.

Então a anfitriã fez uma oração, a leitura de um versículo e falou sobre o que Cristo representava, sendo que toda a liturgia foi direcionada às crianças, com mímicas, desenhos e afins.

Mensagem principal: O melhor presente é Jesus.

Enquanto isso, os adultos ou assistiam como as crianças percebiam a mensagem ou mexiam no celular durante a reflexão.

Após, foi liberado para nos servirmos, eram aproximadamente 22:00 horas, não demonstraram necessidade de esperar pela meia noite e chegada do dia 25, ao contrário, pretendiam uma solenidade rápida e o dia 25 seria destinado ao pleno descanso.

Neste momento, durante a ceia, não havia manifestação de diálogos longos, mas sim curtos comentários sobre a comida, questionamentos sobre temperos, autorias de pratos ou texturas de alimentos, e troca rápida de receitas.

Já questionavam sobre a torta de minha família que sempre somos intimados a levá-la em festividades. Nessa não houve troca de receitas.

Aproximadamente após 40 minutos do início da ceia, todos já haviam encerrado a refeição. Todos ficaram mais silenciosos, excetuadas as crianças que estavam ansiosas ao redor de uma mesa onde estavam todos os presentes.

As crianças ansiavam por abrir todos aqueles pacotes, ansiosas e até chorosas, de modo que o desespero destas me fazia querer rir, mas me compadecia ao mesmo tempo, já que pensava que nós adultos também temos nossos desejos que nos torna novamente crianças desesperadas.

Ao fundo tocava uma seleção de músicas, de requintado gosto, eram músicas que se assemelham a um estilo de Jazz que nos remete instantaneamente ao Natal, mas ao Natal totalmente estereotipado, as

músicas, que eu não conhecia, me fazia visualizar instantaneamente Nova Iorque (que nem conheço), mas era ainda Nova Iorque em neve, pessoas com roupa de frio, o sentimento Natalino, pessoas andando na rua, um coral de crianças em frente à Catedral cantando. Bem, me pareceram acertadas as músicas, mas em volume tão discreto, que você não percebe bem a música, só tem o sentimento que ele remete. Então começou a causar um sentimento coletivo, quase que palpável de um mesmo sentimento nostálgico em todos, e bastante feliz.

Sequencialmente bateram os parabéns ao anfitrião que estava aniversariando, com um bolo especial para ele, bolo sem açúcar. Triste, que além de fazer aniversário no Natal, ainda precisa comer um bolo de aniversário sem açúcar por ser diabético

Houve um comentário que estava nas penumbras, alguns dos convidados presentes estavam em contato com pessoas que estavam com COVID-19 em casos ativos, e, possivelmente, estariam contaminados. Automaticamente, as máscaras abandonadas desde o início da festa voltaram aos rostos e um ar de cuidado, como se fosse oportuno e tempestivo, mas foi tomado.

Então, Priscila, minha cunhada chamou todos para começarem as brincadeiras, mesmo estando animados para as brincadeiras em si e os brindes, existia um ar mais apático durante toda a noite, oscilava a todo momento em verdade.

Surgem então cartelas! Uma cartela para cada pessoa presente, sendo que cada pessoa escolheria o nome de algumas das pessoas presentes para preencher os campos da cartela (como se fosse o número) e as pedras que saíssem, seriam os nomes de pessoas presentes, e, quem preenchesse primeiro a cartela de acordo com os nomes sorteados, receberia um prêmio, e assim sucessivamente até os brindes acabarem.

Olha só, não fui eu o segundo ganhador?! Foram 04 prêmios no total, que variavam de cosméticos até utensílios de casa.

Findada a brincadeira, houve uma pausa onde cada pessoa estava falando sobre suas viagens a serem realizadas nos próximos dias, sendo que quase todos os presentes iriam viajar, sendo que todos agendaram suas viagens para o período após o Natal, de forma a reservar o período do feriado correspondente ao Natal para permanecer com a família, demonstrando uma sacralidade e importância de estar reunido nesta data, mesmo que se reduzisse a uma refeição e algumas rápidas brincadeiras, mas que sabiam que se não ocorresse tal reunião, pelo longo do próximo ano, não haveria esforços de todas aquelas pessoas para estarem juntas.

Todo o esforço soa engraçado, modificam-se datas de viagens, trabalho ou qualquer necessidade ou utilidade, para reunirmos ao redor ao redor daquela mesa, onde haverá uma ceia. Não haverá nada diferente, excepcional, mas todos se esforçam para estar lá, o excepcional talvez seja estarem todos lá!

Passamos então a outra brincadeira, o amigo da onça. Contudo, não houve a discórdia esperada e a dinamicidade pelo roubar dos presentes uns dos outros, já que mesmo todas as famílias conectadas, não são pessoas muito próximas, e ninguém se sentia confortável em roubar os presentes ou de deixar aquele presente que receberam. Todos sabiam quem queria trocar, mas todos fingiam juntos as regras inconscientemente estabelecidas para causar boa impressão ou evitar qualquer desconforto. Então foi rápida e indolor a brincadeira, havendo uma única troca, do último participante que escolheu trocar seu presente, já que havia um presente que era dinheiro em cédulas. Compreensível e motivo de muita risada no final, fez o que todos queriam fazer.

Passamos então as entregas dos presentes, quem fosse apresentar alguém presente, poderia fazê-lo nesse momento. Algo curioso, as esposas pegavam os presentes que os conheciam pela embalagem e entregavam ao esposo, explicando para quem ele deveria dar estes presentes, explicava qual presente deveria dar para a filha, para a mãe, ou outra pessoa. Assim, de acordo com as coordenadas, os esposos faziam.

As mulheres cuidaram das refeições, escolheram os pratos, decoraram o ambiente, escolheram os horários, compraram as lembranças, coordenaram as atividades e brincadeiras, indicaram aos esposos que pareciam figurantes a quem eles deveriam entregar seus presentes para concluir com êxito toda a ritualista esperada, ou seja, sustentaram a manutenção de mais um ano desta tradição naquela casa, aonde todas as atividades previstas pudessem ocorrer.

Encerradas as brincadeiras, as crianças ainda estão energéticas com a quantia de açúcar que comeram e presentes que receberam, já os adultos já falavam sobre cansaço e sono. Passado da meia noite, algumas mulheres já estavam na cozinha, fazendo a divisão das comidas, separando as famosas marmitas com pouco dos pratos que sobraram.

Comigo não foi diferente, optei só pelos doces.

Então, aos poucos as famílias começaram a ir para suas casas, até que restou na casa os anfitriões, eu, minha mãe, meu irmão e sua família. Fiquei brincando com minha sobrinha, até que meu irmão resolveu ir embora.

Neste momento as mesas haviam sido recolhidas, o ambiente desmontado, ao redor já parecia uma casa normal, onde nada havia ocorrido.

Pegamos nossas vasilhas com mantimentos de sobras de Natal e nós direcionamos as nossas casas, exaustos.

Na volta, alguns bares estavam movimentados, com pessoas bem-vestidas e outras nem tanto. Talvez alguns tenham saído da ceia para continuar a noite, e outros talvez não tenham tido esta formalidade prévia.

Chegando em casa, exausto, fizemos rápidos comentários sobre essa noite, pessoas e ocorrências, então dormimos.

O NATAL

No dia 25, meu irmão nos acorda por volta de 10:00 horas, se despedindo para ir para sua viagem de fim de ano, destino Fortaleza (CE). Minha mãe desistiu da viagem dias atrás por causa da fibromialgia que estava em dias de maior inflamação e dores acentuadas.

Desejamos boa viagem, pedimos para ter cuidado, se foram. E eu voltei a dormir.

Próximo ao almoço, resgatamos as marmitas do dia anterior que predominavam os doces, e este foi nosso almoço, seguido de assistir a série *Anne With an E*.

Próximo às 16:00 horas, fui com um amigo ao supermercado comprar vinhos. Nada aberto, os principais supermercados da cidade estavam fechados, as ruas vazias, o tempo nublado, a cidade totalmente deserta e estranha, um clima meio depressivo, calmo e silencioso. Gostoso e até assustador.

Após conseguir um vinho em uma vendinha pequena, fomos à Via Lago que não fugiu à regra, havia somente dois grupos de pessoas, sendo um casal e um grupo de homens num total de 05, que estavam próximos do pedalinho. Fomos aos pedalinhos e resolvemos andar neles, entramos e ficamos lá, parados, enquanto meu amigo bebia uma garrafa

completa de vinho com sua taça de cristal. Eu, só olhava aquele vazio, silencioso, e sentia aquele vento.

Quando voltamos a Via Lago, em terra, e deixamos o pedalinho, já tinham mais pessoas lá e do lado contrário já tinha chegados algumas barracas com pipoca e lanches, prevendo a chegada de pessoas para o período de fim de tarde. Aguardei as pipocas doces ficarem prontas, as comi sentado ali mesmo, enquanto via o fluxo de pessoas vagarosamente aumentar.

Fui buscar um lugar para um lanche, já próximo às 17:30 horas, mas até esse horário nada encontrei em funcionamento. Esse dia era o Natal, mas a cidade estava recolhida, em descanso, provavelmente da exaustão da ressaca e comilança. Era o Natal, dia de celebrar a vida, mas a sensação de silêncio me lembra morte, mas é um silêncio caloroso que parece ouvir até a própria mente.

Ainda cheio de lembranças para entregar para pessoas que pretendendo um dia rever. Fui para casa dormir e assistir séries, alternadamente. Ao findar da noite, próximo às 23:00 horas do dia 26, uma amiga, Luana, que não possui família, mas é parte da minha, estava passando em Araguaína e dormiria no Hotel Brie, e sairia às 5:00 horas da manhã, então próximo à meia noite cheguei ao hotel, nos abraçamos, entreguei o presente que havia comprado para ela (um Ganesha dourado) na esperança de algum dia vê-la novamente, e agradei por essa surpresa de ver uma pessoa tão amada, desejei feliz Natal, conversamos ali na recepção curto tempo e voltei para casa, já sendo dia 27 de dezembro de 2020.

17

UM *CHESTER* PARA O NATAL

*Thais de Maria Cunha Sousa*¹

Despertei hoje, dia 24 de dezembro de 2020, com os latidos e arranhões no portão da cozinha, era a Mel, minha cachorrinha de três meses. Ao me levantar da cama quase machuquei o Gil, ele é o nosso gatinho siamês, tem os olhos azuis e sua cor é uma mistura de marrom claro e escuro. Ele sempre pula na minha cama quando está amanhecendo, é um gato lindo, mas tem uma preguiça!

Assim, coloquei ração para ambos. É um costume diário já que saio cedo para o trabalho e eles sempre comem este horário mais ou menos umas 06:30 horas. Depois disso, voltei para cama para tentar dormir um pouco pois estava cansada. Já que no dia anterior, ficamos até tarde lavando a casa. A faxina durou um tempinho das 18 às 23 horas.

Fizemos a limpeza em comemoração às nossas férias minha e do Gabriel, meu filho, somos professores, ele é professor de matemática no ensino médio e eu de turmas de 1º a 5º ano do fundamental. Também porque meu esposo Emílio e meu enteado Samuel vão chegar hoje de Goiânia para passar o Natal e o ano novo conosco.

Há 2 anos eles estão morando naquela cidade, o principal motivo é pela surdez do Samuel, ele não estava querendo estudar em nenhuma escola de Araguaína (TO), também pesa o fato de que aos 17 anos ainda

¹ Atuou como aluna especial no Mestrado em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Internacional de Curitiba (Facinter); Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (EPDS) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Miracema). Atualmente é professora do Ensino Básico no município de Araguaína (TO). E-mail: thaisdemcs@gmail.com.

não estava alfabetizado. Então pensamos que seria melhor matriculá-lo em uma escola bilíngue, desta forma, os dois ficam por lá, vindo aqui umas quatro vezes por ano.

Depois dessa explicação, voltei para a minha cama. Tentei tirar uma soneca de uns 40 minutos. Ah! Como é bom dormir com a casa limpinha e ao som de uma chuvinha, que bênção! Mas, as obrigações não nos deixam em paz, pois me lembrei que sendo quinta feira é o dia em que o carro do lixo passa. Assim, coloquei o lixo lá fora e fiz o café acompanhado de um cuscuz com queijo. Após o café, iniciei uma lista de compras para o almoço de amanhã, 25 de dezembro. Já que não tenho a prática de fazer a ceia de Natal no dia 24. Como o Emílio disse que ia trazer um *Chester*, também aproveitei para pesquisar algumas receitas na internet. Além disso, troquei algumas mensagens com minha mãe que mora em Imperatriz (MA). E agradei outras mensagens no celular de boas festas de amigos e conhecidos.

Às 10:30 sai de casa para ir ao centro, mesmo com chuva, era necessário... Desta forma, coloquei a capa de chuva para motoqueiro e sai. Sempre gosto de ir às compras, seja do que for. Ao chegar na Cônego João Lima observei que tinha uma fila enorme de carros, um congestionamento terrível e, como não tinha outro jeito, enfrentei a fila. Passei primeiro nas lojas Nosso Lar, fui pedir dois calendários do ano de 2021 para minha sala de aula e minha casa. Em seguida, fui ao Mercado Municipal e comprei folhas, mandioca, cheiro-verde, banana terra e couve. Lá também estava difícil andar cheio de gente, carro, motos e bicicletas.

Após comprar estes itens, fui ao Supermercado Campelo ali próximo. De igual modo, lá também tinha muitas pessoas, comprei várias outras coisas como: papel alumínio, caldo de galinha, pão, uva passas, banana nanica, tomate, repolho roxo, maionese, mostarda, azeite de

oliva, peito de frango que estava em promoção e uma lâmpada para ao banheiro. Teve uma hora que perdi meu carrinho de compras. Não me recordava o lugar certo que o havia deixado. Penso que isso aconteceu pela quantidade de pessoas que estava naquele local, era tanta gente, que me perturbou um pouco. E quando já ia a recepção, eis que me lembrei, onde deixara o carrinho e o avistei com minhas compras e meu capacete. Ufa! Aí foi a vez do caixa, realmente tem gente que não se toca. As duas mulheres que estavam em minha frente sendo atendidas pela moça do caixa eram bastante indecisas. Diziam: *“Será que levamos as compras ou mudamos entregar?”* Elas ficaram nesse impasse uns 8 minutos, um senhor que estava atrás de mim perdeu a paciência e saiu para outro caixa. Depois de um tempo fiz a seguinte pergunta à atendente: *“Filha, porque está demorando tanto?”*. As duas indecisas ouviram minha indagação e decidiram que as compras fossem levadas pelos entregadores do supermercado, a atendente anotou o endereço e elas se foram, Meu Deus!... Finalmente, passei e paguei minhas compras o valor total foi de R\$96,00.

Acho que me irritei um pouco, pois lembrei-me de uma consulta que havia marcado. Então saí depressa de moto até a clínica. No entanto, a atendente da clínica me informou que a consulta era às 10:00 horas da manhã e que o médico já havia saído. Infelizmente perdi a consulta, também pudera, o relógio já marcava 11 horas da manhã. Mesmo assim, a consulta foi remarcada para sábado dia 26 de dezembro às 07:00 horas. Ainda com as mãos cheias de sacola, visto que, as compras não couberam no bagageiro da moto, tive que buscar um cartão de saúde em outro escritório, Afe! Por fim estava voltando para casa, e a chuva já tinha dado um uma trégua, então tirei a capa de chuva dobrei-a me sentei em cima dela e segui para minha casa.

Às 11: 55 horas da manhã abri o portão. O Gabriel estava terminando de se aprontar para sair e almoçar na casa de sua noiva, a Gabriela, depois, eles iam a um compromisso. Comecei a fazer o almoço e o concluir, o cardápio foi uma salada, arroz, feijão e carne de panela. Como o sol já apontava, coloquei almofadas, colchão e tapetes ao sol para tirar o cheiro de mofo, afinal de contas nos últimos dias tem chovido um pouco.

Almocei e dormi algumas horas até às 3:30 horas da tarde. Por volta das 16 horas consegui falar com o Emílio e perguntei onde ele estava na estrada e a que horas iria chegar com o Samuel. De acordo com eles, chegariam entre 17 e 18 horas. Ele perguntou se tinha olhado como se fazia o *chester* e informei-o que sim, já havia assistido, e comprado os ingredientes que faltava para a receita. Nós, apesar de termos um filho, o Gabriel com 23 anos, só estamos morando juntos e casados a 6 anos e geralmente passamos Natal e ano novo na casa de amigos, parentes ou fazemos refeição nestas datas fora de casa. No entanto, este ano, fizemos diferente, decidimos ficar em casa, porque não recebemos nenhum convite e além do mais, pesa o fato de estarmos em uma pandemia.

Aproveitei para lavar um pouco de roupa suja. E ao passo que esperava a roupa bater no tanquinho consegui falar com minha irmã, Maria José, por celular ela também mora em Imperatriz ficamos jogando conversa fora um tempo.

Até que enfim, o Emílio chegou às 18 horas, nos abraçamos um pouco, cumprimentei o Samuel em libras, e conversamos sobre a viagem. Ambos tomaram banho, o Emílio jantou o resto do almoço enquanto eu experimentei as roupas que ele trouxe para mim de presente. Ganhei dois vestidos e um conjunto, tudo ficou certinho.

Logo em seguida, ele tirou o *chester* da caixa de isopor, ainda tinha um pouco de gelo. O Emílio e o Samuel foram se arrumar. O Samuel queria ir para a casa da mãe dele, a Fabiane, ela mora num bairro um pouco distante do nosso, uns 10 quilômetros, no Lago Sul. Ao mesmo tempo fui procurar uns sacos bonitinhos para colocar os presentes que ele havia comprado para a sua mãe e para uma namoradinha que tinha dado umas beijocas há uns quartos meses atrás. Eles se arrumaram e saíram.

Assim sendo, fui então me arrumar já que, o Emílio chegando íamos sair para dar uma volta na cidade. Antes disso, fui conferir os ingredientes e, poxa vida! Para temperar o *chester* ainda faltava o vinho seco. Pensei, quando fôssemos sair teríamos que passar também no supermercado. Então, me arrumei e quando o esperava, o Gabriel e a Gabriela chegaram. Conversamos nós três, uns 10 minutos e o Emílio chegou. Logo após, saímos todos, o Gabriel e a Gabriela foram para um local que não sei.

Já o Emílio e eu fomos primeiro ao supermercado o mesmo que havia estado pela manhã, observei que estava bem diferente daquele horário anterior, quase vazio. Sendo agora umas 20:00 horas nem de longe se parecia com aquela muvuca do período matutino. Mas que depressa compramos o vinho e saímos de lá, fomos a praça do Noroeste, olhamos... Estava muito sem graça, quase ninguém. Fomos a via Lago, pior ainda! Então resolvemos ir até um bar que vende espetinho na rua 2 de julho, no bairro São João, próximo a panificadora Livramento. Lá, dividimos um espetinho completo de carne, tomei uma KS Coca-Cola e acompanhei o Emílio em 8 latinhas de Skol, conversamos bastante. Chegamos em casa às 23:30 horas, o Gabriel já estava dormindo. Agora sim, temperei o *chester* e coloquei dentro de um saco transparente e, então, fomos para o quarto conversar mais um pouco. Ainda fiz um chá de erva

cidreira, voltamos a conversar, namoramos, por último tomamos o chá e finalmente dormimos lá pelas 02:00 da madrugada.

No dia 25 de dezembro acordamos umas 7:00 horas com os berros do ex-cunhado do Emílio, bêbado gritando no portão, ele é um exímio pedreiro, bastante requisitado, mas, o vício do alcoolismo o domina. Sempre faz isso, de gritar pela rua, atijando os cachorros da vizinhança. Geralmente acontece nos finais de semana e feriados. O Emílio e eu ficamos conversando no quarto uns 20 minutos e em seguida, coloquei ração para a Mel e o Gil, troquei a água deles, fiz o café, varri o quintal, fiz um sanduíche com queijo e fiquei assistindo televisão, desenhos animados bíblicos no YouTube, gosto muito!

Lá pelas 9:00 da manhã o Emílio se levantou e aprontou-se para ir à feira, eu comecei a fazer o almoço. Tudo ficou pronto às 13:40 horas. O *chester* ficou ótimo, tenho certeza de que foi por causa das dicas da internet, não tinha como dar errado. De acompanhamento fiz arroz, salada de folhas e frutas, macarrão com queijo, e para beber suco de abacaxi. Logo depois de almoçamos, ficamos assistindo gols do Pelé e Diego Maradona, meu marido é fanático por futebol. O período na sala durou uns 40 minutos. Depois, fomos todos dormir, o Gabriel foi conversar com a Gabriella por celular em seu quarto, o Emílio e eu fomos para o nosso quarto, conversamos um pouco e dormimos.

Levantamos umas 05:00 horas da tarde. Alguns minutos depois, o Samuel veio buscar roupas para ir à chácara com a mãe dele. Pegou as roupas e eu emprestei uma mochila, se despediu de todos nós e saiu. O Emílio começou a esfregar a piscina e eu fui podar algumas plantas do nosso quintal, terminamos tudo por volta das 18:30 horas.

Logo em seguida, tomamos banho. O Emílio ficou na internet e eu fui preparar um lanche para nós, sanduíche com o *chester*, ovo, queijo e

tomate, para acompanhar a Coca-Cola. Depois do lanche brinquei um pouco com o Gil e a Mel. Em seguida ficamos jogando conversa fora na sala e fomos para o quarto lá pelas 21:30 horas. Até porque, dessa vez não queria chegar atrasada na consulta que estava marcada para o dia seguinte às 07:00 horas da manhã. Fiz novamente um chá de erva-cidreira. Li um pouco a bíblia no livro de Isaías capítulo 45. O Emílio ainda com o *notebook* continuou a pesquisar na *internet* principalmente jogos de futebol. Como disse antes, ele gosta muito de futebol.

Por volta das 22:00 horas, o Emílio conseguiu fazer um vídeo chamada para o Samuel, este confirmou que iria dormir por lá, na casa da mãe dele. Já o Gabriel, saiu com a noiva. Assim, fomos dormir para despertar no dia seguinte, sábado dia 26 de dezembro.

VIVÊNCIAS NATALINAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

*Veríssima Dilma Nunes Clímaco*¹

O Natal para mim é um dia esperado e sempre celebrado em família com a participação da santa missa no dia 24 à noite, depois a ceia em família e a brincadeira de troca de presentes. Então, no dia 24 de dezembro de 2020, mesmo em tempo de pandemia celebramos nosso Natal com observação ao protocolo estabelecido pelo Ministério da Saúde. Assim, acordei às 06:00 horas ouvindo o barulhinho da chuva que caia de mansinho, já pensando no montão de afazeres que tinha durante o dia e à noite, pois é véspera de Natal. Então me levantei, fiz uma oração breve, e me dirigi para a cozinha fazer o café, enquanto meu esposo levantou-se e como de costume foi comprar o pão, mas antes dele sair lembrei de pegar a máscara de proteção contra a COVID-19, pois na situação pandêmica que avassala toda a humanidade a máscara tornou-se necessária para proteção contra a contaminação e indispensável para adentrar em qualquer ambiente.

Assim, após terminar de passar o café, fui tomar banho pois às 7:15 horas iríamos para o trabalho, trabalhamos juntos pela manhã em nossa loja. Tomamos café juntos, eu, meu esposo e filha que estuda doutorado em Campinas-SP, mas veio passar o Natal conosco. Após tomar o café, verifiquei se havia colocado na bolsa tudo o que precisava, como celular,

¹ Atuou como aluna especial no Mestrado em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Mestre e doutoranda em Ambiente e Desenvolvimento (PPGDA) pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: verissimadilma@2017gmail.com.

álcool, máscara etc. Tiramos o carro da garagem e fomos para a loja, ainda chovia, a rua estava molhada, e enquanto meu esposo dirigia aproveitei para passar um hidratante no rosto e um lápis de contorno na área dos olhos, já que o batom é coisa do passado devido ao uso obrigatório da máscara. Liguei o rádio do carro e seguimos em silêncio ouvindo um programa religioso da rádio Mirante FM.

Ao chegarmos na loja ajudei a limpar os balcões de vidro com flanela e álcool, por ser um local onde os clientes costumam se encostar. Quando terminei fui até a casa lotérica distante há um quarteirão para saber se lá recebem pagamento de DARF, lá havia poucas pessoas, e observei que todas estavam usando máscaras, todavia desrespeitando o distanciamento conforme indicado no chão com fita adesiva amarela, isso denota que as pessoas sentem dificuldade em obedecer às regras. Quando fui atendida o funcionário me informou que eu só poderia efetuar esse pagamento no Banco do Brasil, daí retornei para a loja, o trânsito na avenida Getúlio Vargas que costuma ser intenso, estava mais calmo, porque foi implantado o programa Área Azul para estacionamento, a rua agora está mais vazia, as pessoas não querem pagar a taxa de estacionamento e procuram vagas para estacionar em ruas mais distantes onde o programa não foi implantado. Chegando na loja peguei um guarda-chuva e caminhei até o Banco do Brasil que fica a uma distância de quatro quarteirões, vi poucas pessoas nas lojas, todas usando máscaras e ao chegar ao banco havia duas filas de pessoas esperando o banco abrir seus espaços internos para fazer seus procedimentos, todas com receio da contaminação mas, não conseguiam obedecer o distanciamento na fila mas como eu ia usar o caixa eletrônico que fica na área externa, entrei e logo encontrei um disponível e depois de realizar o pagamento da DARF retornei para a loja.

A manhã seguiu tranquila, as duas funcionárias da loja chegaram, e o fluxo de clientes estava bem aquém dos outros dias, pois nossa mercadoria (antenas, roteadores, receptores, mídia box, controles e outros), não é específica para presentes, portanto, nesse dia nosso movimento diminui, considerando que as pessoas nesta data geralmente compram roupas, brinquedos e outros objetos para presentear. Como o movimento estava pouco às 11:00 horas fui até a Ótica São José que fica a dois quarteirões da loja para pedir que regulassem as pernas dos meus óculos, e comprar um óculo de sol para presentear o meu marido, pois o dele estava imprestável (risos).

Quando retornei meu esposo comentou que devido o movimento da loja estar abaixo do esperado, iríamos comprar nosso almoço em um local que vende marmita próximo e fechar a loja mais cedo, às 14:00 horas. Assim, ligamos para nossa filha convidando-a para almoçar conosco, aguardamos um pouco ela chegou e fomos comprar as marmitas. Retornamos para a loja almoçamos e depois do almoço ele pediu que eu e minha filha fossemos nas lojas de eletrodomésticos mais próximas para ver o preço de uma panela *air fryr* que ele queria dar de presente para sua mãe, então fomos nas lojas, Feirão dos Móveis, Casas Bahia, Magazine Luiza por fim compramos na loja, Eletro Mateus, onde o preço estava melhor. Ao chegar na loja meu esposo, já estava baixando os portões.

Assim, entramos no carro e retornamos para casa. No caminho conversamos sobre como seria a programação da ceia, e a brincadeira do Amigo da Onça pois sempre esperam que eu organize o momento de oração e a brincadeira, porque a ceia do Natal sempre acontecia em nossa casa. E, esse ano ela vai ser realizada na casa de minha cunhada que mora no mesmo quarteirão que nós, pois ela pediu para ser em sua

casa pois queriam receber uns parentes e, como estamos vivendo uma pandemia, ficavam mais à vontade na casa dela. Quando chegamos em casa, entramos com o carro na garagem, guardamos as bolsas, tomamos banho e cada um foi fazer atividades sob sua responsabilidade, minha filha foi organizar o peru que havia deixado descongelando, e eu aproveitei para ligar para uns parentes muito queridos, minha tia que mora em Uberlândia (MG) e um tio em Goiânia (GO), conversamos sobre a família, a saúde em tempos de pandemia e desejamos boas festas. Nesse momento meu concunhado – marido da minha cunhada – (risos), chegou fazendo barulho pois fala muito alto, falou com meu esposo queria pegar as mesas e cadeiras de plástico para organizar o espaço na casa dele, então meu esposo entregou para ele e foi até lá ajudando-o a carregar. Em seguida, eu e minha filha também fomos até a casa da minha cunhada, pois eu havia prometido ajudar na decoração do local, pegamos quatro toalhas de mesa, sendo três vermelhas e uma estampada e seguimos.

Ao chegar lá encontramos os dois filhos deles que estavam organizando umas bebidas na geladeira e minha sogra que ficou dando palpites na arrumação, as cadeiras e mesas já estavam distribuídas na garagem, local onde seria preparada a mesa da ceia. Organizamos as toalhas nas mesas, uma mesa grande para as comidas e outra menor para os sucos, os pratos e talheres. Ainda arrumei um arranjo de Natal para enfeitar a parede e coloquei um pisca-pisca na palmeira que estava próximo da entrada da casa, enquanto minha filha ajudava sua tia mexer a comida nas panelas, pois ela tem deficiência em um braço, não consegue movimentá-lo, devido um aneurisma que sofreu há três anos. Terminamos nossa ajuda e retornamos para casa, minha filha foi observar como estava o peru no forno e depois veio me ajudar a preparar a salada farofa

e suco. Após verificar que as comidas sob nossa responsabilidade estavam todas prontas, fomos tomar banho, pois nós três íamos para a missa do Natal em nossa paróquia Cristo Salvador às 19:30 horas como é de costume todos os anos, assim com a roupa já separada e a máscara, nos arrumamos, meu esposo vestiu calça jeans, tênis e uma camisa polo na cor vinho, que ele comprou sozinho (risos), pois geralmente sou eu quem compro as roupas dele, fiquei surpresa com a evolução da pessoa. Minha filha também estava usando calça jeans, sandália de salto alto na cor preta e uma blusa de cor verde escuro, eu preferi uma saia longa preta, uma blusa de alça estampada, e uma sandália rasteirinha.

Assim, com máscara no rosto entramos no carro e quando íamos saindo a minha cunhada e minha sogra chegaram dizendo que iam conosco pois na igreja que frequentam a missa iria ser celebrada somente às 21:00 horas, e assim fomos todos juntos, chegamos na igreja, estacionamos o carro no pátio, que já estava quase lotado. Na entrada da igreja as pessoas da recepção aferiram nossa temperatura e nos ofereceram álcool para higienizar as mãos, conforme orienta o protocolo da Diocese de Imperatriz (MA), com as mãos higienizadas e máscara no rosto, fomos procurar um banco onde pudéssemos nos sentar, pois os bancos estão todos marcados com fita amarela indicando o local que pode ser ocupado no intuito de orientar o distanciamento social e a prevenção contra a contaminação pelo vírus. Minha cunhada avistou o primeiro banco da fila que estava desocupado, pois as demarcações nos bancos continuam. Aceitei a sugestão dela, mas confesso que estranhei um pouco, não gosto de sentar-se no primeiro banco, mas em tempo de pandemia não se tem muita opção. Sentamos todos juntos nesse banco por sermos da mesma família.

Assistimos a missa, celebrada pelo nosso pároco que estava vestido conforme a festividade do Natal, túnica branca com detalhes em dourado, a celebração da missa se iniciou com a procissão de entrada no corredor central da igreja, sendo que primeiro entrou os coroinhas carregando duas velas acesas, seguidos pelos leitores e depois vieram os ministros da eucaristia e por último o Padre que carregava em suas mãos o menino Jesus, representado por um boneco de louça que quando subiu no altar apresentou a toda comunidade enquanto o coral cantava um hino Natalino e um coroinha carregando o incenso acompanhava o padre que se dirigiu ao presépio localizado em um espaço da igreja e lá deitou o boneco na cama de capim, fazendo memória do nascimento do Menino Jesus. A Igreja estava enfeitada com uma linda árvore de Natal iluminada com pisca-pisca que fora organizado por membros da comunidade. Os bancos todos sinalizados onde podíamos nos sentar, e nas cinco portas da igreja havia pessoas com medidor de temperatura e álcool para todos que adentravam na igreja, e ofereciam álcool para as mãos das pessoas no momento do ofertório, devido ter que pegar no dinheiro para ofertar.

Na missa encontramos várias pessoas amigas, que só cumprimentamos com o toque das mãos fechadas, e devido às recomendações do padre no intuito de evitar aglomerações, ao término da missa saímos por último da igreja, e enquanto esperávamos o padre veio ao nosso encontro nos desejar feliz Natal e comentou como é difícil não poder desejar o Natal com um abraço como costumamos fazer, tocou em nossas mãos, e conversamos um pouco sobre essa realidade, nos despedimos e fomos para casa

Chegando em casa, minha sogra e cunhada se dirigiram para casa delas e eu e minha filha tratamos de organizar as comidas que iríamos

levar para ceia e as lembrancinhas do Amigo da Onça feito isso seguimos a pé para a casa da minha cunhada. Ao chegarmos lá já havia algumas pessoas parentes do marido da minha cunhada, seu irmão, a esposa e as duas filhas e o namorado de uma delas, também os meus sobrinhos filhos da minha cunhada e minha sogra. Colocamos a comida na mesa, cumprimentamos a todos e depois nos sentamos já eram 21:00 horas, aos poucos foram chegando mais pessoas, a namorada de um dos meus sobrinhos com o pai, a mãe e o irmão. Mais dois irmãos do marido da minha cunhada com suas esposas. Todos traziam alimentos para a ceia, pois todos os anos organizamos os alimentos de forma coletiva e uma pessoa cede o local. Às 22:00 horas, chegaram meu irmão com sua esposa e filho, o meu filho, e meu cunhado irmão do meu marido com seu filho.

O ambiente estava bem movimentado, o dono da casa sempre muito cordial e hospitaleiro, providenciava para que todos ficassem à vontade, organizando as cadeiras, repondo a bebida como também os petiscos para quem estava tomando cerveja, outras pessoas estavam no sofá da sala vendo TV. Devido ao atraso em servir a ceia, algumas pessoas começaram a reclamar principalmente quem chegou no horário, pois já estavam com fome, mas minha cunhada pediu para esperar um pouco porque ela havia mandado buscar sua cunhada que não tinha transporte.

Enquanto se esperava a convidada chamei minha filha, meu esposo, minha sogra, e meu filho para irmos até nossa casa e lá chegando fizemos a entrega dos nossos presentes. Em seguida, retornamos para o local da ceia, a mesa posta, a convidada já havia chegado e minha cunhada dona da casa pediu para desligarem o som, e convidou a todos a formarem um círculo de mãos dadas para fazermos um momento de oração, (aquele pensamento que entre a família não há risco de

contágio) ela iniciou agradecendo a presença de todos em sua casa, e aí começou a chorar, não conseguiu dar continuidade na oração pois depois da doença (aneurisma) ela ficou muito emotiva e acaba chorando por tudo, e como nem o marido e os filhos quiseram continuar o momento de oração, então eu que já tenho fama de rezadeira da família dei continuidade dizendo o quanto é importante termos pessoas com quem celebrar o Natal, e que a família é o lugar onde devemos celebrar a vida, muito embora haja conflitos, devido as nossas diferenças no modo de ser, pensar e agir, mas o amor, o respeito e a partilha devem superar tudo e que em tempos de pandemia, devemos dar graças à Deus pela nossa saúde. Finalizei convidando a todos para rezarmos a oração do Pai nosso e Ave Maria em agradecimento pela família que temos.

Após esse momento as pessoas se dirigiram para a mesa das comidas onde havia, peru, pernil de porco, farofa, salada verde, salada de maionese, escondidinho, stroganoff de frango, arroz com milho verde e uma farofa com feijão verde. As bebidas eram suco, cerveja e vinho, e a sobremesa foi pavê de maracujá. Assim cada um se serviu como quis, e enquanto saboreava a comida as pessoas conversavam com quem tinham mais afinidade, geralmente as mulheres conversavam com as outras mulheres sobre os filhos, netos, doenças e, os homens conversavam sobre trabalho, futebol, tipos de bebida e situações de mico que já vivenciaram.

Depois que todos já haviam se alimentado, e o movimento de idas e vindas até a mesa dos alimentos havia terminado, providenciei um tapete vermelho retangular coloquei no centro da varanda onde estávamos, pedi para o meu sobrinho baixar o volume do som e perguntei para as 28 pessoas presentes (havia também um bebê de colo e um menino de 6 anos) quem havia trazido a lembrancinha para a

brincadeira do amigo da Onça no valor de 10,00 reais, como fora solicitado duas semanas antes do Natal. Somente 13 pessoas disseram que sim, então minha filha escreveu os números de 1 a 13 e colocou em uma copo descartável e passou pelas pessoas que trouxeram a lembrancinha para retirarem um número, quando todos estavam de posse do seu número, expliquei o porquê do nome da brincadeira Amigo da Onça, deixando claro que ninguém podia negar-se de entregar a lembrancinha quando o outro quisesse trocar, obedecendo as regras que são as seguintes: quem tira o número 1 inicia a brincadeira, escolhe um presente e fica com ele até que alguém queira trocar, se ninguém quiser ele fica com ela sem poder trocar com ninguém, já os números seguintes podem trocar com os anteriores. Após minha fala, meu cunhado falou: *“Como é que organizam uma brincadeira dessa e não me avisam”*. Todos ficaram olhando para minha cunhada, e ela disse: *“realmente esqueci”*, e meu cunhado disse: *“pois agora vou sair do grupo da família no WhatsApp”*, e os jovens sobrinhos falaram em coro, como se tivesse ensaiado *“de novo!”* e, explicaram para todos que ele já havia se zangado, saído do grupo e depois pediu para adicionarem ele.

Assim, num clima agradável a brincadeira rolou bem divertida, havia lembrancinhas bem diferentes, canecas, estojos, porta álcool em gel, quadros decorativos com frases, mas as mais cobiçada foi uma caixa de chocolates e um pacote de geladinhos prontos para congelar, todos queriam tomar elas, e como havia pessoas de faixa etárias diferentes jovens e idosos, nos divertimos com minha sogra que não queria entregar a caixa de chocolates e se zangou quando a namorada do seu neto trocou com ela, a ponto de depois o meu sobrinho trocar a lembrancinha dela uma boia pequena em formato de bola com um copo de plástico para usar dentro da piscina, com uma caixa de chocolates que ele tinha em

casa, foi preciso a minha filha intervir dizendo para ela que a caixa estava lacrada e que eram bombons gostosos da Cacau Show, só assim ela aceitou.

Após a brincadeira as pessoas, mais precisamente os homens retornaram ao círculo em torno da mesa de petiscos e continuaram tomando cerveja e conversando sobre assuntos diversos. O celular do meu esposo tocou e como estava próximo eu atendi, era um casal amigo nosso que o homem é cadeirante e sofre dores constantemente devido uns problemas no nervo ciático e como não possuem transporte, geralmente ou quase toda semana as dores aumentam e eles ligam para a ambulância vir pegar ele e levar para o hospital para tomar morfina e para voltar sempre nos pedem o favor de levá-los para casa, nesse dia não foi diferente. Comuniquei para meu marido, ele chamou o nosso filho e foram até o hospital e levaram o casal de volta para sua casa. Enquanto isso minha cunhada pediu para que eu a ajudasse a organizar a mesa para servir a sobremesa, assim o fiz, coloquei a travessa de vidro com a sobremesa na mesa e as vasilhas descartáveis e convidei a todos a se servirem. Logo meu esposo e filho chegaram e perguntei como foi no hospital, eles disseram que nosso amigo havia tomado a injeção e que já estava melhor.

Continuamos conversando uns com os outros, e como a meteorologia estava prometendo começou a chover de mansinho, mas aos poucos a chuva ficou bastante densa, ao ponto de respingar no espaço onde estávamos acomodados o que fez com que ficássemos mais próximos pois a varanda não era muito grande, daí ficamos conversando sobre os micos da família e a chuva caindo torrencialmente. Todos de barriga cheia, já eram 02:00 horas, o sono já se fazia presente, mas a chuva estava impedindo ir para casa, quando diminuiu um pouco meu

esposo chamou para irmos, pois não estava se sentindo bem, porque havia feito canal no dente um dia antes e ainda estava incomodando. Então expliquei a todos o motivo de sermos os primeiros a irmos para casa, nos despedimos de todos e recomendamos ao nosso filho que fosse para casa pois já estava tarde e sua esposa que havia ido para a Ceia na casa de familiares dela já havia retornado e estava a sua espera. Assim seguimos para casa tentando nos proteger com uma toalha de banho na cabeça, chegando em casa, tomamos banho, fizemos nossa oração e fomos dormir.

No dia 25 de dezembro de 2020, me dei o luxo de levantar-se um pouco mais tarde, às 7:30 horas, levantei tomei um banho e desci para a cozinha onde encontrei minha filha que já havia feito o café e disse que seu pai tinha saído para padaria, e logo retornou com pães, pão de queijo, e passou na feira e comprou uma galinha caipira, melancia e seriguela. Tomamos café juntos, e conversamos sobre a ida para a chácara onde mora o meu pai que é viúvo, pois todo ano no dia 25 de dezembro costumamos ir almoçar com ele, e assim fizemos, às 9:00 horas saímos para chácara eu, esposo, filha e minha sogra. A chácara fica distantes uns 14 quilômetros, na BR-010 e 2 quilômetros adentrando no povoado Governador Edison Lobão. Ao chegarmos na chácara encontramos meu pai em sua cadeira de balanço, desci do carro para abrir a outra parte do portão para o carro entrar, o cachorro Bitu, ficou pulando de alegria, sempre fica assim quando nós chegamos, em seguida me dirigi ao meu pai e ao pedir sua benção ele falou, que bom que vocês vieram, pensei que ia passar o dia de Natal sozinho. Eu respondi, o Sr. sabe que sempre almoçamos com o Sr. no dia de Natal. Depois fomos tirar as coisas do carro, e organizar cada coisa em seu lugar, e iniciar o cozimento das comidas, enquanto a minha filha foi colher goiabas e acerolas e, em

seguida cuidou em fazer polpas para congelar e seu avô pediu que ela fizesse para ele também. Minha sogra foi colher umas folhas de vinagreira para fazer um cuxá. O meu esposo foi rastelar as folhas que estavam próximas à piscina. Depois foi catar buriti, como havia chovido no dia anterior, ele conseguiu colher um balde cheio. Assim, terminamos de fazer o almoço com o cardápio galinha caipira a moda mineira, arroz com milho verde, molho para a salada verde que já trouxe pronta de casa e minha sogra fez o cuxá e a minha filha fez o suco de goiaba e a farofa

Às 12:00 horas o meu filho chegou com sua esposa e minha neta, fiquei muito feliz, e daí chamamos meu pai que estava assistindo TV na outra casa para rezarmos a oração do Pai nosso em torno da mesa antes de iniciar o almoço. Depois coloquei a comida para meu pai, pois ele é do tempo que a mulher servia a comida no prato para o marido, e os demais se serviram, filha, sogra, nora, filho e neta, por último o meu esposo e eu. Depois do almoço cada um lavou o seu prato, pois não usamos descartáveis para evitar o acúmulo de lixo, e não temos empregada. Após arrumar o fogão e a pia pedi para a minha filha ir ao carro pegar os presentes de Natal da minha neta, que havíamos guardado para entregar hoje, aí ela trouxe uma boneca dos avós, um ursinho da tia e um brinquedo de encaixar do meu sobrinho, ela brincou com todos, e depois pegou o ursinho que a tia havia lhe dado e se balançou na rede com o avô, e já estava quase cochilando quando seus pais disseram que já iam retornar para Imperatriz, porque precisavam terminar de arrumar a bagagem, pois viajavam no dia 26 de dezembro às 06:00 horas da manhã para São Luís (MA) onde moram.

Assim, nos despedimos deles desejando uma boa viagem. Meu filho disse para minha neta pedir a benção a todos, ela pediu e jogou beijos.

Ficou um silêncio quando eles saíram, então armamos umas redes e fomos descansar um pouco. Depois fui organizar os remédios que o meu pai toma durante a semana, separei em uma caixa a quantidade que ele toma de segunda até o domingo, onde divido os comprimidos da manhã, almoço e janta. Depois fomos colher uns cocos da praia e manga, para levarmos para casa, aproveitando que todas as frutas da chácara são livres de agrotóxicos, e precisamos aproveitar os frutos da época. Após organizarmos tudo nos despedimos do pai pedindo a benção e ele sempre responde Deus te abençoe! Pegamos a estrada de volta e ao chegar em casa fomos arrumar as frutas que trouxemos, tomar um banho e minha filha fez um cuscuz temperado para nós lancharmos, depois fomos assistir ao filme Tudo bem no Natal do ano que vem, que estava sendo apresentado pela Rede Globo, só que eu e meu esposo acabamos dormindo e acordamos com ela nos chamando para irmos deitar-nos na cama, já eram 23:45 horas do dia 25 de dezembro.

19

NATAL SEM AGLOMERAÇÃO, MAS TODOS JUNTOS

Victória Feitosa Sampaio ¹

Dia 24 de dezembro, véspera de Natal, recebemos meu irmão e sua namorada em casa um dia antes, eles chegavam de Joinville (SC). A casa está bem arrumada, sempre fazemos faxina de final de ano, a limpeza é geral, lavamos dentro do armário, tapetes, trocamos plantas do lugar, tiramos poeira dos livros.

Assim que amanheceu, fui bem cedo com minha mãe organizar a cozinha, deixar o mais arejado possível, pois em seguida ela começaria o preparativo do frango que seria assado. Aqui não gostamos de peru ou *chester*, então minha mãe faz coxa e sobrecoxa, bem saborosa. Sob minha responsabilidade ficou preparar o bolo *red velvet*, que sempre quis comer, e o pão caseiro recheado com atum e requeijão.

Quando terminei a cozinha, voltei para o quarto, dormi até umas 10:00 horas e fiquei no quarto jogando *League of Legends*. Nisso já estava rolando *playlist* lá fora. Aqui a gente gosta de MPB, então ia de Zeca Baleiro, Chico Cesar, Kid Abelha, Zélia Duncan, Seu Jorge, entre outros, felizmente ninguém briga pelo controle do som, aprendemos desde cedo a “tolerar” alguns estilos musicais, desde que não tenham referência explícita a atos sexuais.

¹ Mestra em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína); Especialista em Práticas Judiciárias pela Escola Superior da Magistratura (ESMAT); e em Direito Constitucional pela Damásio Educacional. Possui graduação em Direito pelo Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC/Araguaína). É advogada (OAB/TO). E-mail: vfesamp@gmail.com.

Como era feriado, por assim dizer, o almoço saiu bem tarde, comemos umas 15:00 horas. Após isso as pessoas se organizaram, selecionando roupa, uns saíram para comprar presente do amigo secreto de última hora. Às 16:00 horas fui para o salão de beleza para uma escova que estava agendada, demorou demais, porém felizmente o salão estava vazio e eu sempre de máscara. Ao sair do salão passei em um supermercado para comprar bebidas e pão de alho, com vegetarianos na ceia a gente precisa usar da criatividade. O trânsito não estava tão histórico como imaginei. Nesse ínterim também passei em uma casa de ração para providenciar o rango das seis gatas e do *poodle* que também iriam ceiar, afinal.

Esse ano minha mãe optou por não montar árvore de Natal, não tínhamos sequer pisca-pisca. Eu senti falta, confesso, amo a breguice do espírito Natalino. Quando todas as mulheres chegaram do salão precisamos dividir maquiagem, espelho e ventilador para conseguir finalizar a produção, mas todas ficaram satisfeitas, deu certo. Como a casa já estava arrumada, um brinco, e a mesa posta por minha mãe, o decorrer da noite se limitou a conversas, risadas, jogos de tabuleiro e treinamento das habilidades de espantar gatos que tentavam de forma ousada subir na mesa e pegar qualquer coisa de qualquer pessoa que vacilasse.

Estávamos em nove, eu, minha mãe, meu pai, meus dois irmãos, Pedro e Sofia, além de Ana Júlia, namorada do Pedro, Eric, namorado da Sofia, e mais dois amigos. Um deles decidiu vir de última hora sob o argumento de que passaria o Natal sozinho e eu acho muito triste passar por isso, ele chegou com jogos e alegria. Infelizmente esqueceu sua própria bebida, mas a gente releva. Não temos hábito de beber cerveja aqui, gostamos mais de caipirinha e vinho, mas dividimos as três latinhas

entre muitos, tal como Cristo multiplicou os peixes, eis um milagre Natalino.

Na mesa havia coxa e sobrecoxa assados, farofa, salada, arroz, pão salgado recheado, suco natural de laranja, sobremesa de maracujá e bolo *red velvet*. Não temos o hábito de esperar dar meia noite para comer, mas oramos e fazemos uma reflexão todos juntos, de nós com pessoas e como podemos ser melhores e inspirar uns aos outros.

Umas 23:00 horas todos já haviam jantado, nenhum gato atacou a mesa, a bateria da caixa de som não descarregou, tudo em paz. Passamos para a sobremesa, sempre escolhendo os melhores talheres e pratos, é uma ocasião muito especial, ora essa, e eu sou apaixonada por mesa posta.

Daí em diante os mais jovens ficaram para a jogatina de *boardgame*, os meus pais se despediram para dormir, apesar de meu pai sempre rondar de vez em quando o que estava acontecendo na área, onde estávamos. Optamos por jogar *Medievalia* e “*Ai meu Deus!*”, esse último sendo um jogo de tabuleiro muito simples e totalmente artesanal feito por uma artista do Rio Grande do Norte. O sono começou a bater em alguns e quando eram mais ou menos 1h45 do dia 25 já estávamos cada qual no seu quarto, lutando contra o sono para esperar o próximo a sair do banheiro e finalmente descansar.

Na noite anterior não delongamos muito, de fato consideramos em casa o Natal como uma data religiosa, cristã, mais do que apenas festiva. Pela manhã notei que cada um acordou em um horário distinto, que variava das 8:00 horas às 12:00 horas, com exceção da minha mãe, que “madruga” mesmo em dias que não precisa, como era esse caso.

Sobrou bastante pão e bolo da ceia, somado a isso havia pão de queijo, além do café com leite e achocolatado. Não havia muito clima

festivo, isso fica para o 24. Como de praxe, ligamos música ambiente, MPB, POP nacional, todos com cara de preguiça, felizes por ser feriado e pela cara de sábado que tem. Como já estávamos todos cansados do preparativo para o dia 24, nesse dia especificamente cada qual se deu ao luxo de não fazer nada, e bem, preciso contar outro milagre Natalino, meu pai lavou todos os pratos e copos da ceia, e não eram poucos! Para mim sobraram as panelas e o toque final, pois ele não chega perto das bandejas sujas, formas ou de retirar a gordura da pia.

O almoço não foi nada além do que o que sobrou da ceia, minha irmã não ficou em casa conosco, foi para casa do namorado. Minha mãe saiu cedo para ir para casa de uma prima, meu amigo levou seus jogos embora, mas felizmente eu tenho um bocadinho aqui que garante o passatempo.

Na maior parte do tempo todos estavam reclusos, tirando cochilo, vendo vídeo no celular, esticando o corpo de uma ressaca que não existe, pois ninguém se embriagou. Em dado momento, decidimos assistir a um filme, que não finalizamos pois o sono pegou de jeito.

À tardezinha decidi passear de bicicleta pelo setor enquanto meu irmão e Ana Júlia caminhavam a pé até a Via Lago. Meu pai ficou no quarto assistindo ao canal 247 no *YouTube*, como sempre fez o ano inteiro. O passeio de bicicleta se estendeu até a Via Lago e decidimos sair com o cachorro também, que agradeceu imensamente.

Encerramos a noite de Natal pedindo pizza para jantar, minha mãe voltou para casa umas 20:00 horas, mas sem fome. Minha irmã retornou da casa do namorado também, mas negou a pizza, já havia jantado.

Fazemos dessa data, bem como sua véspera, algo mais caseiro possível, com o espírito de família de fato, com união, prosperidade, interiorização de coisas boas, e nos emocionamos também, de imaginar

que o mundo para celebrar o nascimento de Jesus Cristo, muito embora o capitalismo já tenha desvirtualizado a data, ou mesmo que outras religiões, para além do cristianismo, comemoram o dia de alguma forma, o fato que é para minha família, objeto de análise deste trabalho, externalizamos gratidão pela vinda do Salvador, e temos forte anseio por sua volta o quanto antes.

SOBRE OS AUTORES/AS

Alessandra da Conceição Moraes

Mestra em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Tocantinópolis). E-mail: sandramoraes0695@gmail.com.

Cristiane Dias da Silva

Mestranda em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Tecnologia em Gestão de Cooperativas pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína). Professora Convidada na Universidade Federal do Tocantins, Colegiado de Gestão de Cooperativas (UFNT/2021); Especialista em Contabilidade Controladoria e Finanças pelo ITOP; Especialista em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Integrada de Araguatins (FAIARA) E-mail: cristiane-dias@uft.edu.br.

Dislaine Dias dos Santos

Mestra em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína); e em Pedagogia pela Universidade Cesumar; Especialista em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Ludopedagógica pela Faculdade FAVENI. E-mail: dislainedias@hotmail.com.

Eldãiny Negreiros da Silva

Mestranda em Ensino de História (ProfHistória) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em História pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína). Atualmente é professora na Rede Estadual de Ensino do Tocantins (SEDUC/TO). E-mail: eldainy@gmail.com.

Francisca Leidiane Privino Gomes dos Santos

Mestranda em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Biologia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína). Atualmente é professora na Rede Estadual de Ensino do Tocantins (SEDUC/TO). E-mail: leidianeprivino2012@gmail.com.

Gilson Gomes Coelho

Mestre em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Assis). Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (CPAN-UFMS). É professor na Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS). E-mail: gilsonpsico@gmail.com.

Izabel Brito Aguiar dos Santos

Atuou como aluna especial no Mestrado em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Direito pela Faculdade Católica Dom Orione (FACDO/Araguaína); Possui MBA Auditoria e Direito Tributário pelo Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC/Araguaína). E-mail: izabel_britoaguiar@hotmail.com.

Josilene Rodrigues Monteiro

Mestranda em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Direito pelo Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC/Araguaína). E-mail: josirmonteiro@gmail.com.

Leomaura Miranda de Andrade Soares

Mestranda em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Especialização em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), no Programa Nacional de Gestores (MEC/SEB/UFT/Undime). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS). Atualmente é professora do Ensino Básico nos municípios de Araguaína (TO) e Babaçulândia (TO). E-mail: leocoordenadora@gmail.com.

Lucrécia Borges Barbosa

Mestranda em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Especialista em Psicopedagogia Educacional pela Faculdade Integrada de Araguaatins (FAIARA/Araguatins); e em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO/Araguaína). Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína). E-mail: slucreciaborges@gmail.com.

Maicon Douglas Holanda

Mestrando em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Mestrando em Ensino de História (PPGEHIS/ProfHistória) pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em História pelo Centro de Ciências Integradas da Universidade Federal do Tocantins (CCI-UFT/Araguaína). Atualmente é professor na Rede Estadual de Ensino do Tocantins (SEDUC/TO). E-mail: maicondouglassholanda@gmail.com.

Maria da Cruz de Oliveira Baia Nunes

Mestra em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína). E-mail: mariadacruz853@gmail.com.br.

Maria de Fátima Batista Barros

Possui graduação em pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Foi educadora social, projetista e articuladora na Comunidade Quilombola da Ilha de São Vicente e militante do Movimento Quilombo ANQ (Articulação Nacional de Quilombo). Projetista e Coordenadora na AMAS (Associação de Mães Solteiras e Mães Carentes no Extremo Norte do Tocantins) no Projeto Capacita Ação, financiado pela SPM/PR 2012/2013 (Secretaria de Políticas para Mulheres). Atuou como professora do ensino fundamental na Rede Estadual de Educação de Goiás (SEDUC/GO). Foi supervisora pedagógica na Diretoria Regional de Ensino de Araguaatins e coordenadora regional de Educação na Diversidade na DRE/Araguatins (SEDUC/TO). Atuou como docente no curso de Pedagogia na Faculdade Alvorada.

Renata Aguiar de Vasconcelos

Mestra em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Especialista em Direito Público e Docência Universitária pela Faculdade Damasio de Jesus e é especialista em Direito do Consumidor pela Universidade Cândido Mendes. Possui graduação em Direito pela Faculdade Católica Dom Orione (FACDO/Araguaína). Atualmente é advogada (OAB/TO) e Conciliadora no PROCON/TO. E-mail: renata.aguiardevasconcelos@gmail.com.

Rodrigo Reis Figueira

Mestre em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Especialista em Segurança Viária Urbana pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Araguaína). Possui graduação em Educação Física pelo Centro Universitário Claretiano. Atua no Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Tocantins (CBM-TO). E-mail: rrfigueira@uft.edu.br.

Rômulo Castro Silva

Mestrando em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Especialista em Direito e Processo Penal (LFG) e especialização em Direito e Processo Civil - ITOP. Possui graduação em Direito pelo Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC/Araguaína). Atualmente é advogado (OAB/TO). E-mail: romulo.castro@uft.edu.br.

Thais de Maria Cunha Sousa

Atuou como aluna especial no Mestrado em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Internacional de Curitiba (Facinter); Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (EPDS) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT/Miracema). Atualmente é professora do Ensino Básico no município de Araguaína (TO). E-mail: thaisdemcs@gmail.com.

Veríssima Dilma Nunes Clímaco

Atuou como aluna especial no Mestrado em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Mestre e doutoranda em Ambiente e Desenvolvimento (PPGDA) pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: verissimadilma@2017gmail.com

Victória Feitosa Sampaio

Mestra em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína); Especialista em Práticas Judiciárias pela Escola Superior da Magistratura (ESMAT); e em Direito Constitucional pela Damásio Educacional. Possui graduação em Direito pelo Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC/Araguaína). É advogada (OAB/TO). E-mail: vfesamp@gmail.com.

SOBRE OS ORGANIZADORES



Dernival Venâncio Ramos Júnior

Doutor em História pela Universidade de Brasília (UnB). Possui mestrado e graduação em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), atuando na graduação em História, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) e no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (ProfHistória). É coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Saberes e Práticas Agroecológicas (Neuza/UFNT). E-mail: dernivaljunior@gmail.com.



Sariza Oliveira Caetano Venâncio

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especializou-se em História Cultural: Imaginário, Poder e Identidade pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Possui graduação em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é professora da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), atuando na graduação em História e no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT). E-mail: sari-zacaetano@gmail.com.



Maicon Douglas Holanda

Mestrando em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Mestrando em Ensino de História (ProfHistória) pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Araguaína). Possui graduação em História pelo Centro de Ciências Integradas da Universidade Federal do Tocantins (CCI-UFT/Araguaína). Atualmente é professor na Rede Estadual de Ensino do Tocantins (SEDUC/TO). E-mail: maicondouglassholanda@gmail.com.



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org

contato@editorafi.org